

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

Luciana de Oliveira Gonçalves

**A CONDIÇÃO HUMANA E O CUIDADO DE SI DE
PROFISSIONAIS DE SAÚDE DOCENTES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para obtenção do título de Doutor em Enfermagem – Área de Concentração: Filosofia, Saúde e Sociedade.

Orientadora: Dra. Maria Bettina Camargo Bub.

Linha de Pesquisa: Filosofia e Ética em Saúde e Enfermagem

Florianópolis

2011

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da Universidade Federal de Santa Catarina

G635c Gonçalves, Luciana de Oliveira
A condição humana e o cuidado de si de profissionais
de saúde docentes [tese] / Luciana de Oliveira
Gonçalves ; orientadora, Maria Bettina Camargo Bub. -
Florianópolis, SC, 2011. 184 p.: il., tabs.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Saúde. Programa de
Pós-Graduação em Enfermagem.

Inclui referências

1. Enfermagem. 2. Filosofia. 3. Saúde. 4.
Professores.

I. Bub, Maria Bettina Camargo. II. Universidade
Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em
Enfermagem. III.
Título.

CDU 616-083

Dedico este trabalho a Zilca de Oliveira Gonçalves e Sidney Gomes Gonçalves, pelo amor, apoio e exemplo de dedicação e perseverança.

À todos os profissionais de saúde docentes.

AGRADECIMENTOS

À Prof^ª Bettina por ter me orientado e compartilhado comigo momentos de reflexão acerca dos temas envolvidos neste estudo e, sobretudo sobre a vida.

À todos os docentes, funcionários e colegas do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina que contribuem para o sucesso do Doutorado em Enfermagem.

À Universidade do Vale do Itajaí, em especial à Prof^ª Arlete Terezinha Besen Soprano – Diretora do Centro de Ciências da Saúde, pelo apoio na realização deste estudo. À você Arlete pelo exemplo de profissional de saúde e mulher de coragem.

Aos AMIGOS pelo apoio, ajuda, carinho e momentos de escuta.

À Deus e aos espíritos de luz que nos acompanham e inspiram.

RESUMO

A condição humana e o cuidado de si são dois temas filosóficos em direta relação com a vida. A condição humana, caracterizada pela *vita activa*, é constituída por três atividades humanas fundamentais - o trabalho, a obra e a ação. A cada uma destas atividades corresponde uma condição básica para a vida do homem. Já o cuidado de si é constituído simultaneamente como um atributo e uma necessidade universal dos seres humanos, regido por princípios de aplicação geral, embora orientados para uma prática de caráter e responsabilidades individuais. A partir dos textos de Hannah Arendt e Michel Foucault buscou-se compreender a *condição humana* e o *cuidado de si* dos profissionais de saúde docentes de uma universidade privada do sul do Brasil. Para tanto, buscou-se descrever as características dos profissionais de saúde docentes; identificar as atividades que sustentam a condição humana; investigar as práticas de cuidado de si; e analisar as interfaces entre condição humana e o cuidado de si. Nesta investigação foi utilizado método qualitativo, exploratório e descritivo, com o intuito de chegar aos objetivos propostos. Para isso foi realizada entrevista semi-estruturada com onze profissionais de saúde docentes. Após foi realizada análise de conteúdo temático-categorial de acordo com as três etapas de análise (pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferências e interpretação) conforme proposto por Minayo (2007), Bardin (2010), Oliveira (2008). Da análise das respostas dos profissionais de saúde docentes em relação às questões que buscavam revelar aspectos referentes à *condição humana* emergiram três categorias – *os caminhos percorridos para a docência; o viver e sobreviver na universidade; e, a felicidade e as boas obras na docência*. Estas categorias originaram oito subcategorias. A partir da temática do cuidado de si emergiram três outras categorias – *as faces e as máscaras da saúde; a quebra do cotidiano e as tentativas; e, o olhar voltado para si e o mover-se*. Estas foram subdivididas em quatro subcategorias. Ao final desta tese foi possível caracterizar os participantes como profissionais que renunciaram carreira clínica e escolheram a docência. O preparo para ser docente foi feito após o ingresso na universidade, na própria prática docente, isto é, foram aprendendo a “ser professor” no cotidiano do próprio trabalho. O trabalho emerge como atividade central que sustenta a condição humana e a ausência do cuidado de si se estabelece como resultado. As

interfaces entre a condição humana e o cuidado de si ocorrem nos aspectos relacionados à saúde e ao corpo.

Palavras Chave: Filosofia. Saúde. Docentes.

ABSTRACT

The *human condition* and the *caring for itself* are two philosophical issues straight related to life. The human condition characterized by the *vita activa* consists of three fundamental human activities - labor, work and action. Each of these activities matches a basic condition for human life. The *caring for itself* is an attribute and a universal need of human beings at the same time, guided by principles of general application, although oriented to a practice of feature and responsibilities absolutely individual. From the texts of Hannah Arendt and Michel Foucault sought to understand to what extent and how the *human condition* and *caring for itself* of health professionals teachers at a private university in southern Brazil find similarities and differences with the characteristics described by Arendt and Foucault. To this end, we sought to describe the characteristics of health professional's teachers, to identify the activities that sustain the human condition of these subjects, to investigate the practices of caring for itself and to analyze the interfaces between the *human condition* and *caring for itself* in these health professionals' teachers. For this purpose, we used qualitative, exploratory and descriptive method. The data collection was by semi structured interviews with eleven health professionals teachers. We performed the content analysis theme categorical and were completed the three steps (pre-analysis, material exploration and processing of the results, inferences and interpretation) of analysis as proposed by Minayo (2007), Bardin (2010), Oliveira (2008). The analysis of the responses of health professionals teachers in relation to the questions that sought to reveal aspects related to the *human condition* emerged three categories - the paths taken to teaching, to live and survive at university, happiness and good works in teaching, which led to eight subcategories. From the theme of *caring for itself* emerged three other categories - faces and masks of health, breaking daily life and attempts to, the looking to itself and the moving; subdivided into four subcategories. At the end of this thesis was possible to characterize the participants as professionals who renounced clinical career and chose teaching. The preparation for teaching was done after admission at the university, in their own teaching practice, in other words, they were learning to "be a teacher" in the daily work. The work emerges as a central activity that sustains the human condition and the absence of caring for itself is established as a

result. The interfaces between the human condition and the caring for itself occur in aspects related to health and body.

Key words: Philosophy. Health. Teachers.

RESUMEN

La condición humana y el cuidado de si mismo son dos temas filosóficos en directa relación con la vida. La condición humana caracterizada por la *vita activa* es constituida por tres actividades humanas fundamentales - el trabajo, la obra y la acción. A cada una de estas actividades corresponde una condición básica para la vida del hombre. Ya el cuidado de si mismo es al mismo tiempo un atributo y una necesidad universal de los seres humanos, regido por principios de aplicación general, aunque orientados para una práctica de carácter y responsabilidades absolutamente individuales. A partir de los textos de Hannah Arendt y Michel Foucault se busco comprender hasta que punto y de que modo la condición humana y el cuidado de si mismo de los profesionales de salud docentes de una universidad privada del sur de Brasil se encuentra semejanzas y diferencias con las características descritas por Arendt y Foucault. Por tanto, se busco describir las características de los profesionales de salud docentes; identificar las actividades que sustentan la condición humana de éstos sujetos; investigar las prácticas de cuidado de si; y analizar las interfaces entre condición humana y el cuidado de si mismo de éstos sujetos formadores en salud. Por tanto, fue utilizado el método cuantitativo, exploratorio y descriptivo. La colecta de datos fue la entrevista semi estructurada con once profesionales de salud docentes. Fue realizado análisis de contenido temático-categoría, y cumplió las tres etapas de análisis conforme propuesto por Minayo (2007), Bardin (2010), Oliveira (2008), o sea, el pre-análisis, exploración del material y tratamiento de los resultados, inferencias e interpretaciones. El análisis de las respuestas de los profesionales de la salud docentes en relación a las cuestiones que buscaban revelar aspectos referentes a la condición humana surgieron tres categorías – los caminos recorrido para la docencia; el vivir y sobrevivir en la universidad; y, la felicidad y las buenas obras en la docencia, las cuales se origino ocho subcategorías. A partir de la temática del cuidado de si mismo emergió tres otras categorías – las fases y las máscaras de la salud; subdivididas en cuatro subcategorías. Al final de esta tesis fue posible caracterizar a los participantes como profesionales que renunciaron a su carrera clínica y escogieron la docencia. El preparo para ser docente fue hecho después del ingreso en la universidad, en la propia práctica docente, esto es, fueron aprehendiendo a “ser profesor o profesora” en el cotidiano del propio

trabajo. El trabajo emerge como actividad central que sustenta la condición humana y la ausencia del cuidado de si se establece como resultado. Las interfaces entre la condición humana y el cuidado de si ocurren en los aspectos relacionados a la salud y el cuerpo.

Palabras Clave: Filosofía. Salud. Docentes.

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 01 - <i>Vita Activa</i> | 53 |
| Quadro 02 - O Cuidado de Si | 82 |
| Quadro 03 - Condição Humana: Categorias e Subcategorias | 117 |
| Quadro 04 - Cuidado de Si: Categorias e Subcategorias | 139 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 01 - Dados iniciais do trabalho de campo | 100 |
| Tabela 02 - Caracterização dos participantes da pesquisa | 106 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 01 - A <i>Vita Activa</i> | 55 |
| Figura 02 - A <i>Vita Activa</i> na modernidade..... | 57 |
| Figura 03 - A Apologia de Sócrates..... | 63 |
| Figura 04 - A História do Cuidado de Si..... | 68 |
| Figura 05 - Metodologia do estudo..... | 93 |
| Figura 06 - Do local de estudo à obtenção dos dados..... | 94 |
| Figura 07 - Etapas da organização e do processamento de dados... | 112 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| 1 INTRODUÇÃO | 23 |
| 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO | 23 |
| 1.2. O PROBLEMA E A QUESTÃO DE PESQUISA..... | 28 |
| 1.3 A TESE | 29 |
| 1.4 OBJETIVOS DE PESQUISA..... | 29 |
| PARTE I: O SUJEITO, A CONDIÇÃO HUMANA E O CUIDADO DE SI | 31 |
| 2. O SUJEITO E A SUBJETIVIDADE | 31 |
| 3. A CONDIÇÃO HUMANA E A VITA ACTIVA | 39 |
| 3.1 O TRABALHO: DO NASCIMENTO A MORTE | 44 |
| 3.2 A FABRICAÇÃO/OBRA: O MUNDO DAS COISAS..... | 47 |
| 3.3 A AÇÃO: O SINGULAR E O PLURAL..... | 51 |
| 3.4 A VITA ACTIVA NA MODERNIDADE..... | 55 |
| 4. O CUIDADO DE SI | 63 |
| 4.1 <i>EPIMÉLEIA HEAUTÔU E O GNÔTHI SEAUTÓN</i> | 63 |
| 4.2 O CUIDADO DE SI | 67 |
| 4.3 A HISTÓRIA DO CUIDADO DE SI | 68 |
| 4.3.1 O cuidado de si no período clássico | 69 |
| 4.3.2 O cuidado de si no período cristão | 72 |
| 4.3.3 O cuidado de si no período moderno | 75 |
| 4.3.4 O cuidado de si no período contemporâneo | 77 |
| 4.4 A CULTURA DE SI, AS TÉCNICAS E AS PRÁTICAS DE SI..... | 82 |
| 5 METODOLOGIA | 91 |
| 5.1 TIPO DE ESTUDO | 92 |
| 5.2 O LOCAL DE ESTUDO: A VIDA NA UNIVERSIDADE ... | 94 |
| 5.3 OS SUJEITOS DO ESTUDO: OS PROFISSIONAIS DE SAÚDE DOCENTES | 99 |
| 5.4 O TRABALHO DE CAMPO | 110 |
| 5.5 TÉCNICAS DE OBTENÇÃO DOS DADOS | 111 |
| 5.6 ORGANIZAÇÃO E PROCESSAMENTO DOS DADOS | 112 |
| 5.7. ANÁLISE DOS DADOS E INFORMAÇÕES | 113 |
| 5.8 ASPECTOS ÉTICOS | 115 |
| PARTE II: A CONDIÇÃO HUMANA E O CUIDADO DE SI DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE DOCENTES | 117 |
| 6. A CONDIÇÃO HUMANA DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE DOCENTES | 117 |

| | |
|---|------------|
| 6.1 OS CAMINHOS PERCORRIDOS PARA A DOCÊNCIA | 118 |
| 6.2 O VIVER E O SOBREVIVER NA UNIVERSIDADE | 125 |
| 6.3 A FELICIDADE E AS “BOAS OBRAS” NA DOCÊNCIA | 132 |
| 7. O CUIDADO DE SI DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE DOCENTES | 135 |
| 7.1 AS FACES E AS MÁSCARAS DA SAÚDE | 139 |
| 7.2 O COTIDIANO E AS TENTATIVAS DE QUEBRA..... | 150 |
| 7.3 O OLHAR VOLTADO PARA SI E O MOVER-SE | 156 |
| 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS OU INICIAIS | 163 |
| REFERÊNCIAS | 171 |
| APÊNDICE A - Instrumento de Coleta de Dados | 181 |
| APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido | 183 |

1. INTRODUÇÃO

“Três transformações do espírito vos menciono: como o espírito se muda em camelo, e o camelo em leão, e o leão, finalmente, em criança”.
(NIETZSCHE, **Assim falava Zaratustra**: Das Três Transformações. 2002. p.11).

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

Quando falamos em transformações, em espírito, do camelo que carrega cargas pelo deserto, do leão que deseja conquistar a liberdade pela vitória frente ao dragão - “tu deves”, e da criança e sua inocência que tem a sua própria vontade, ou seja, do espírito que procura a verdade e seu próprio mundo, estamos falando da condição humana e do cuidado de si. As palavras de Nietzsche (2002), citadas no apontam para o caminho que desejo percorrer e compreender neste trabalho.

As temáticas da condição humana e do cuidado de si como objetos de estudo separados não são recentes, mas quem sabe, pela complexidade de estruturas e elementos envolvidos seu estudo é sempre inquietante. Além disso, o estudo integrado destes temas voltado ao complexo cotidiano contemporâneo dos sujeitos profissionais de saúde docentes nos é novo e ainda inexplorado.

A preocupação de estudiosos com esse sujeito e o contexto que o cerca, marcado por facilidades proporcionadas pela comunicação, a tecnologia, a velocidade e a economia, que *a priori* seriam importantes para proporcionar maior conforto e tempo livre aos homens, acabam por se transformar na época da paradoxal falta de tempo, dos transtornos mentais, das doenças ligadas ao sedentarismo, estresse e doenças crônico-degenerativas, os quais produzem alterações que influenciam negativamente a condição humana e o cuidado de si na atualidade.

A preocupação principal é com aqueles que conhecem e ensinam sobre os fatores que influenciam na saúde, ou seja, os profissionais de saúde docentes.

Para dar conta da complexidade do tema, escolhemos dois autores e filósofos contemporâneos para fundamentar os aspectos centrais desta tese, ou seja, a Condição Humana e o Cuidado de Si, a partir das obras *A Condição Humana* (2007 e 2010) de Hannah Arendt e *A Hermenêutica do Sujeito* (2004) de Michel Foucault entre outras que tratam do tema.

Ambas as obras tem o sujeito no centro de suas discussões, e somente a partir da noção de sujeito é que se consegue progredir para o entendimento de sua condição humana assim como compreender o cuidado de si.

O sujeito, no sentido geral do termo, é o “objeto real ao qual são inerentes ou ao qual se referem as determinações predicáveis; ou o eu, o espírito ou a consciência, como princípio determinante do mundo do conhecimento ou da ação, ou ao menos como capacidade de iniciativa em tal mundo” (ABBAGNANO, 2003p.930).

A trajetória moderna e contemporânea do pensamento ocidental foi marcada pela busca do conceito de sujeito, questão esta até hoje discutida. Alguns filósofos, sobretudo a partir de Descartes, construíram a idéia do sujeito como indivíduo, como substância que existe *a priori*, com uma essência ou intenção a ser descoberta. Considerando que o sujeito não é uma substância, mas forma e experiência, seu problema “[...] não era definir o momento a partir do qual alguma coisa como o sujeito apareceria, mas sim o conjunto dos processos pelos quais o sujeito existe com seus diferentes problemas e obstáculos” (FOUCAULT, 2004a, p.261).

A subjetividade pode-se dizer, é a característica do sujeito. Aquilo que é pessoal, individual, que pertence ao sujeito e apenas a ele, portanto, em última análise, inacessível a outrem e incomunicável (JAPIASÚ e MARCONDES, 2001). A raiz não só da palavra, mas, sobretudo, do conceito “subjetividade”, remete à experiência de sermos sujeitos, no duplo sentido da palavra, aquele que é submetido e aquele que realiza a ação, em cada tempo e em cada contexto (NARDI, 2006).

O fio condutor do trabalho de Foucault foi a relação entre sujeito e verdade, estudando os modos pelos quais o sujeito pôde ser inserido, como objeto, nos jogos de verdade, ou ainda, como o sujeito tornou-se objeto de conhecimento (objetivação do sujeito).

Para entender o sujeito contemporâneo e, conseqüentemente, seus modos de vida, se deve levar em consideração não apenas as técnicas de

bio-poder e de dominação, mas também as técnicas de si, ou melhor, a interação entre esses dois tipos de técnicas. O ponto onde as técnicas de si são integradas nas estruturas de coerção e dominação, onde a tecnologia de dominação dos indivíduos transforma-se em outro recurso desse processo por atos dos indivíduos sobre si mesmos, surge uma técnica de governo específica, denominada por Foucault de “governamentalidade”(LEMKE, 2001 *apud* RAMMINGER e NARDI, 2008).

Na visão de Foucault, a vida biológica destes sujeitos é um evento político desde a reprodução da população e a ocorrência de doenças, centrais nos processos econômicos e, passíveis de controle político. O sujeito, aquele que se “assujeita ao governo” apontado por Foucault, também é alvo do bio-poder que tem uma nova roupagem, o controle positivo desde o século XVII. Bio-poder ou poder sobre a vida constitui-se em poder empregado para controlar os corpos individuais da população usando-os como mecanismos de controle e de coerção para a produtividade e saúde dos corpos humanos e populações, tornando-se recursos e objetos possíveis de serem administrados (FOUCAULT, 1997; HAKOSALO, 1991 *apud* GASTALDO, 2002).

O bio-poder faz parte da condição humana uma vez que atua sobre os corpos sadios e adoecidos desde que trabalhamos com promoção da saúde até o tratamento propriamente dito; também se faz claramente presente nas relações de trabalho e regendo as ações no mundo contemporâneo. Neste sentido o bio-poder se coloca não apenas fazendo parte da condição humana, mas as vezes conduzindo-a.

A condição humana do sujeito vai além das condições as quais a vida lhe foi dada. O que quer que toque a vida humana ou entre em duradoura relação com ela, assume imediatamente o caráter de condição da existência humana. Tudo o que espontaneamente adentra o mundo humano, ou para ele é trazido pelo esforço humano torna-se parte da condição humana. A expressão *vitaactiva* é designada em três atividades humanas fundamentais, considerando que cada uma delas corresponde às condições básicas para a vida do homem, ou seja; o trabalho, a obra e a ação (ARENDRT, 2010).

A condição humana do trabalho é a própria vida. A vida biológica, a vida do corpo que nasce, cresce, envelhece e morre. O trabalho do corpo que padece e que adocece, que sofre diferentes manifestações de agravos à saúde, variando em cada indivíduo. Podemos dizer neste sentido, que o trabalho também é a vida biológica passível de controle político e de bio-poder citado por Foucault em sua

obra *Microfísica do Poder* no capítulo intitulado “Poder – Corpo”, entre outros textos.

A mundanidade é a condição da obra, considerada como a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana e caracteriza-se essencialmente pelo produto concreto resultante do trabalho. Pode-se dizer que no trabalho e desenvolvimento deste que resulta na obra, se estabelecem as técnicas de poder, tornando o corpo dócil a fim de que possa ser subjugado, usado, transformado e melhorado na busca da produtividade (FOUCAULT, 1997).

A ação corresponde a “condição humana da pluralidade”, ou seja, a única tarefa que é exercida diretamente entre os homens e sem mediação das coisas ou da matéria. A partir desta pluralidade, fato de sermos todos humanos sem que ninguém seja exatamente igual, compreende-se a relação com a política como inerente à condição humana da ação. Devemos atentar ao fato de que esta ação está subjugada tanto à governamentalidade quanto ao bio-poder apontado por Foucault. As três atividades e suas condições têm direta relação com as condições mais gerais da vida humana, ou seja, o nascimento e a morte. O trabalho assegura a sobrevivência da espécie; a obra e seu produto a permanência da vida mortal e seu caráter efêmero do tempo humano; e a ação se empenha em fundar e preservar corpos políticos, ou seja, a história da humanidade.

Se analisarmos a condição humana dos profissionais de saúde docentes, percebem-se mudanças na atualidade em relação às três dimensões da *vitaactiva* citadas por Arendt. O corpo destes sujeitos demonstra como este corpo tem trabalhado. Síndromes metabólicas, hipertensão, estresse, depressão, dores musculoesqueléticas são formas comuns do modo como o corpo deste sujeito labora.

O trabalho, que tem como resultado concreto o produto, sua melhor expressão, no caso dos profissionais de saúde docentes este trabalho não aparece de forma tão clara. Os resultados do trabalho tanto de cuidar quanto de ensinar não se caracterizam como produtos concretos no sentido atribuído por Hannah Arendt. O trabalho e a obra tanto do docente como do profissional de saúde é ao mesmo tempo produzido e consumido. Apresenta características de obra e ao mesmo tempo características daquilo que Arendt descreveu como o trabalho. A pluralidade do profissional de saúde docente surge tanto do trabalho que desempenham, pois além de docente também é estudante, usuário, gestor etc, quanto das relações (a ação) entre o sujeito e as pessoas ao seu entorno, onde interagem com seus alunos, colegas, professores, chefias, pacientes, cuidadores, entre outros.

Todos os elementos da condição humana e suas diferentes formas de manifestação influenciam diretamente a noção e as técnicas de cuidado de si na atualidade. A essência da *vita activa* deriva do significado da *vita contemplativa*, que reconhece a existência das necessidades e carências do corpo humano, sendo pautada na verdade, que por sua vez, também é a temática central da noção de cuidado de si.

A noção de cuidado de si advém do grego como idéia complexa e rica e que perdurou longamente em toda a cultura grega e é descrita pelo termo *epiméleiaheautoû*. Este termo designa o cuidado de si mesmo, o fato de ocupar-se consigo, de preocupar-se consigo. A noção de cuidado de si leva-nos a objetar e estudar as relações entre sujeito e verdade, a questão do sujeito (a questão do conhecimento do sujeito, do conhecimento do sujeito por ele mesmo) apontada pela famosa prescrição délfica *gnôthiseautón* como fórmula fundadora da questão das relações entre sujeito e verdade, estabelecendo desta forma a possibilidade de estudo das relações entre a *epiméleiaheautoû* (o cuidado de si) e o *gnôthiseautón* (o “conhece-se-te a ti mesmo”).

O *gnôthiseautón* (o “conhece-se-te a ti mesmo”) aparece de maneira clara e repetida em alguns textos clássicos como os de Platão na expressão mais geral da *epiméleiaheautoû* (o cuidado de si) como forma de aplicação concreta, precisa e particular, da regra geral: “*é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidado contigo mesmo*”. É nesse âmbito, que o limite deste cuidado aparece e se fórmula na regra “conhece-se-te a ti mesmo” (FOUCAULT, 2004b).

Ao falarmos dos profissionais de saúde docentes na atualidade, é importante refletir sobre alguns aspectos que não podem ser desconsiderados. A mudança do modelo de formação, as interfaces entre a ação e sua dimensão política, a necessidade de consensos, a habilidade de comunicação, entre outros, são aspectos que levam estes sujeitos à reflexão sobre como ser professor e como reconhecer-se no trabalho. Frente ao contexto atual de importantes mudanças políticas nas esferas da educação e da saúde no país, devemos considerar a possibilidade, e porque não, dos profissionais de saúde docentes assumirem a contradição de ser o exemplo ou o modelo, pois afinal, estamos todos fadados à contradição e o viver nela também nos leva à reflexões.

É necessário certo distanciamento antes de mergulharmos apenas nas questões teóricas aproximando o sujeito que aqui tratamos, fadado à contradição e ao imprevisível, à outras verdades. Uma delas é a que a sociedade não permite enxergar diferenças, obrigando ao profissional de saúde docente a posicionar-se como detentor de conhecimentos e

exemplo no que tange à saúde humana e as práticas nela envolvidas, afastando a possibilidade de distanciamento e não garantia de possuir conhecimentos acerca da promoção da saúde e prevenção de doenças aplicado a si.

Neste sentido, é importante trazer a discussão sobre a fragilidade deste sujeito que vive contradições, a existência sim da hipocrisia e o trânsito entre o “dever ser” e o “poder ser”.

1.2 O PROBLEMA E A QUESTÃO DE PESQUISA

Buscando o entendimento do que ocorre com a saúde do homem contemporâneo, e mais especificamente do profissional de saúde docente, venho me dedicando a estudar os fatores envolvidos neste processo a partir de concepções filosóficas e teóricas acerca da condição humana e do cuidado de si destas pessoas. Temos como problema motivador deste estudo conhecer como se estabelece a condição humana dos profissionais de saúde docentes e o que entendem por cuidado de si. Como eles se apropriam e utilizam destes elementos?

Este estudo se pauta na linha de investigação Filosofia e Ética em Saúde e Enfermagem que tem como premissa o estudo e reflexões críticas sobre a ciência, a filosofia e a ética em relação aos conhecimentos e práticas produzidas em saúde e enfermagem. Estudos desta natureza somados ao aqui proposto pretendem compreender mais sobre a condição humana e o cuidado de si destes sujeitos, podendo auxiliar o re-direcionamento de ações voltadas às necessidades constatadas a partir de pesquisas junto aos profissionais de saúde docentes em prol de sua própria saúde. Como imaginar então que as pessoas, alvos das ações de promoção da saúde e prevenção à doença irão cuidar de si mesmos se àqueles que as orientam e cuidam por vezes não praticam as mesmas ações? A partir destas idéias, nos perguntamos qual é a compreensão da condição humana e do cuidado de si dos profissionais de saúde docentes. Como isso se estabelece?

1.3 A TESE

A tese que se quer aqui defender é de que existe a ambiguidade e a contradição do discurso e do fazer dos profissionais de saúde docentes em relação a sua condição humana e ao cuidado de si, visto que embora possuam recursos e conhecimentos acerca destes assuntos não necessariamente se utilizam deles.

1.4 OBJETIVOS DE PESQUISA

Diante destes questionamentos e inquietações, e na tentativa de satisfazer a pergunta norteadora o presente estudo teve como objetivo principal compreender a condição humana e o cuidado de si dos profissionais de saúde docentes de uma universidade privada do sul do Brasil.

Para isso, buscamos descrever as características dos profissionais de saúde docentes; identificar as atividades que sustentam a condição humana destes sujeitos; investigar as práticas de cuidado de si desses sujeitos; e analisar as interfaces entre condição humana e o cuidado de si destes sujeitos formadores em saúde.

O desafio do estudo e compreensão da condição humana e do cuidado de si destes sujeitos a partir da contribuição de Michel Foucault e Hannah Arendt, justifica-se pela necessidade de entendermos os fatores que influenciam a saúde dos profissionais de saúde docentes, uma vez que estes têm papel fundamental quanto à promoção da saúde e a prevenção de doenças da população. Justifica-se também por serem estes sujeitos responsáveis pela formação de profissionais de saúde que terão o mesmo papel, sendo então, contraditória a idéia do discurso em saúde não se aplicar aos próprios profissionais de saúde, passando a utilizar este discurso apenas como uma forma de bio-poder referindo-se apenas aos mecanismos empregados para controlar a população e disciplinar os indivíduos.

PARTE I: O SUJEITO, A CONDIÇÃO HUMANA E O CUIDADO DE SI

“no momento em que o sujeito se identifica com um significante-mestre, ele fica petrificado, obtendo uma significação para seu ser. Essa petrificação leva a um não questionamento sobre si mesmo; ele vive e age, mas não pensa sobre si, recusa-se mesmo a pensar sobre o que é”.
(LAENDER, *A construção do sujeito contemporâneo*, 2004).

2 O SUJEITO E A SUBJETIVIDADE

O termo *sujeito* possui dois significados essenciais. O primeiro refere-se a sujeito como “aquilo de que se fala ou que se atribuem qualidades ou determinações, ou a que são inerentes qualidades ou determinações”. Este primeiro significado pertence à tradição filosófica antiga surgindo em Platão e é definido por Aristóteles como um dos modos da substância, sendo o objeto real ao qual são inerentes ou ao qual se referem às determinações predicáveis (qualidade, quantidade, etc.). O segundo significado refere-se como “o eu, o espírito ou a consciência, como princípio determinante do mundo do conhecimento ou da ação, ou ao menos como capacidade de iniciativa em tal mundo”. Este significado teve início com Kant, que teve em mente o significado que a oposição entre subjetivo e objetivo, idéia esta também assumida por alguns escritores alemães, seus contemporâneos. Para Kant, sujeito é o eu penso da consciência ou autoconsciência que determina e condiciona toda atividade cognoscitiva. Podemos dizer que no primeiro o conceito de sujeito aparece como tema ou assunto do discurso; no segundo, o conceito de sujeito surge como capacidade autônoma de relações ou de iniciativas, capacidade que é contraposta ao simples ser “objeto” ou parte passiva de tais relações (ABBAGNANO, 2003)

Segundo Adorno (1995 *apud* MOLA, 1999), o próprio termo *sujeito* traz em si uma ambigüidade: “... pode referir-se tanto ao indivíduo particular quanto a determinações gerais ..., à consciência em

geral". Isto não se deve a uma insuficiência teórica, mas sim ao fato de que não se pode apreender uma dessas significações sem recorrer à

outra, ou seja: o conceito de sujeito refere-se tanto ao singular quanto ao universal. Tal mediação também pode ser constatada através de outra ambigüidade presente no conceito de sujeito, que tanto pode significar o agente de uma ação, quanto àquele que está submetido a ela.

Segundo Hall (2006), tentar mapear a história da noção de sujeito moderno é um exercício extremamente difícil. De acordo com os proponentes da visão do descentramento, a conceitualização do sujeito moderno, mudou três pontos estratégicos durante a modernidade, e essas mudanças sublinham a afirmação básica de que as conceitualizações do sujeito e da modernidade mudam, e, portanto, têm uma história.

A época moderna fez surgir uma forma nova e decisiva época de *individualismo*, no centro da qual se erigiu uma nova concepção do sujeito individual e sua identidade. As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. O nascimento do indivíduo soberano, entre o Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII, representou uma ruptura importante com o passado. Alguns argumentaram que ele foi o motor que colocou todo o sistema social da “modernidade” em movimento. A história moderna do sujeito individual reúne dois significados distintos: por um lado o sujeito é “indivisível”, uma entidade que é unificada no seu próprio interior e não pode ser dividida, além disso; por outro lado, é também uma entidade que é “singular, distintiva, única”.

Descartes postulou duas substâncias distintas, a substância espacial (matéria) e a substância pensante (mente). No centro da mente ele colocou o sujeito individual, constituído por sua capacidade para raciocinar e pensar, “*Cogito, ergo sum*” era a palavra de ordem de Descartes: “Penso, logo existo”. Desde então, esta concepção do sujeito racional, pensante e consciente, situado no centro do conhecimento, passa a ser conhecida como o “sujeito cartesiano”.

John Locke contribui com essa discussão sobre o sujeito de forma crítica em seu “*Ensaio sobre a compreensão humana*”, onde definia o indivíduo em termos da “mesmidade de um ser racional”, ou seja, uma identidade que permanecia a mesma e que era contínua com seu sujeito: “a identidade da pessoa alcança a exata extensão em que sua consciência pode ir para trás, para qualquer ação ou pensamento passado”. Esta figura, o “indivíduo soberano”, está inscrita em cada um dos processos e práticas centrais que fizeram o mundo moderno. Ele era o sujeito da modernidade em dois sentidos: a origem ou sujeito da razão, do conhecimento e da prática; e aquele que sofria as conseqüências dessas práticas, aquele que estava “sujeitado” a elas.

A problemática do sujeito aparece no trabalho de Foucault como noção de que ele não é um dado, mas algo constituído. Foucault trata o sujeito segundo os termos de sua problemática e de sua constituição que se dá no presente e que fabrica para o presente, um tipo específico de sujeito, nos remetendo a considerar a subjetividade e a liquidez implícitas em cada sujeito (FONSECA, 1995).

Ainda em oposição clara a tradição cartesiana, Foucault refere que o sujeito não é uma substância, é uma forma nem sempre idêntica a si mesma e seu problema é a história da forma do sujeito, ou seja, se trata de uma abordagem histórica da questão da subjetividade. Em sua obra o autor toma como fio condutor as relações entre o sujeito e a verdade, necessitando para esta análise da escolha de métodos que possibilitem e desloquem a questão da *episteme* para o dispositivo e finalmente às práticas de si. Foucault denomina *modos de subjetivação* como as “formas de atividade sobre si mesmo” que possibilitem o conhecimento da história do sujeito a partir das formas de relação consigo mesmo, as técnicas e os procedimentos mediante os quais se elabora essa relação, os exercícios pelos quais o sujeito se constitui como objeto de conhecimento, as práticas que permitem ao sujeito transformar seu próprio ser (CASTRO, 2009).

Na medida em que as sociedades modernas se tornavam mais complexas, elas adquiriram uma forma mais coletiva e social. As teorias clássicas liberais de governo, baseadas nos direitos e consentimentos individuais, foram obrigadas a dar conta das estruturas do estado-nação e das grandes massas que fazem uma democracia moderna. As leis clássicas da economia política, da propriedade, do contrato e da troca tinham de atuar, depois da industrialização, entre as grandes formações de classe do capitalismo moderno. O cidadão individual tornou-se enredado nas maquinárias burocráticas e administrativas do estado moderno. O indivíduo passou a ser visto como mais localizado e definido no interior dessas grandes estruturas e formações sustentadoras da sociedade moderna.

Dois importantes eventos contribuíram para articular um conjunto mais amplo de fundamentos conceituais para o sujeito moderno. O primeiro foi a biologia darwiniana, onde o sujeito foi *biologizado*, onde a razão tinha uma base na natureza e a mente um “fundamento” no desenvolvimento físico do cérebro humano. O segundo evento foi o surgimento de novas ciências sociais, onde o indivíduo foi localizado em processos de grupo e nas normas coletivas (HALL, 2006).

Aqui acredito ser necessária uma reflexão acerca da modernidade que passou de seu estado sólido para o estado líquido, e que segundo Habermas tem o clássico como referência. Refletir sobre o sujeito desde seu conceito psicanalítico, na verdade constructo e não conceito, até o sujeito moderno e seus três pontos estratégicos: o sujeito individual, o sujeito cartesiano, o indivíduo soberano e o sujeito social.

A partir dos anos 80, porém, os discursos sobre o sujeito se tornam cada vez mais frequentes. É claramente notado que o contexto cultural mudou. A problemática do sujeito não é mais uma bandeira apenas da filosofia e da psicanálise, mas também das próprias ciências sociais. É importante também considerar que a partir da mesma década de 80, houve avanço significativo da farmacologia e um progressivo distanciamento entre psiquiatria e psicanálise. A subjetividade é ignorada no campo da pesquisa das neurociências, da neurobiologia, neurofisiologia, neuropsicologia, inteligência artificial. Com a biotecnologia estaria ruindo mais uma barreira metafísica do Ocidente: a diferença que parecia intransponível entre organismo e máquina. Talvez seja por isso que a pergunta filosófica pelo humano e a hipótese do inconsciente psicanalítico para dar conta da subjetividade se recolocam com toda sua inquietante dramaticidade (MATTEO, 2003).

Devemos refletir acerca desse novo contexto cultural contemporâneo marcado por uma economia globalizada, por uma cultura narcísica e do espetáculo, por uma sociedade depressiva, por uma crescente psiquiatrização biológica das doenças do espírito, enfim, pela substituição do homem trágico da psicanálise e da filosofia, marcado pela finitude e o desamparo, pelo homem comportamental que busca regular seus distúrbios por psicotrópicos e não mais pelo ultrapassado remédio da psicanálise e da filosofia.

Em suma, é necessária nossa maior apropriação e discussão sobre o sujeito, que ora havia sido concebido na sua unidade soberana, racional e livre, que na modernidade vai desmoronando e com ele também a metafísica da subjetividade. Conforme afirma Matteo (2003) “nasce um sujeito não substancial, dividido, fragmentado”. Os laços que o ligam à verdade não foram cortados, mas extremamente enfraquecidos a ponto de o sujeito não mais poder garanti-la.

Como não há conclusão para a reflexão aqui proposta, ficam a partir das contribuições de diversos autores e filósofos nada mais que um número ainda maior de questionamentos e inseguranças quanto ao futuro deste sujeito, sensação esta, típica do sujeito contemporâneo.

As bases estruturais do mundo contemporâneo e que afetam e impõem ritmo ao sujeito que nele vive, é marcado por aspectos

“urgentes” como, por exemplo, a busca da felicidade, a introdução da cultura de massa, a globalização do mercado, a comunicação e a informática, e a velocidade e simultaneidade das coisas e da vida. O mundo contemporâneo caracteriza-se também pelo encolhimento do mundo, e é entendido como sendo um efeito de compressão do espaço-tempo, isto é, da aniquilação do espaço pelo tempo resultante do tremendo desenvolvimento das indústrias de transportes, comunicação e informática, implicando em aceleração do ritmo de vida (LAENDER, 2004).

O apelo à felicidade acaba muitas vezes por tornar-se gerador de infelicidade constante ao sujeito contemporâneo. A imposição da sociedade, comum a qualquer credo e religião, de que temos que ser felizes, facilmente constatado nos apelos da televisão, internet, no aumento do espaço nas livrarias aos livros de auto-ajuda e revistas com assuntos voltados à beleza dedicados, direta ou indiretamente, ao tema da felicidade está na ordem do dia (PEREIRINHA, 2009; UNGIER, 2009).

A velocidade da vida contemporânea concorre de forma decisiva para o encolhimento e aumento da percepção fragmentada do mundo ao colocarem à disposição do habitante da sociedade de massas uma incrível e inusitada quantidade de estímulos e informações.

Para poder processar a grande quantidade de informações, o sujeito contemporâneo acabou por ter que adotar uma linguagem única, globalizada, gerando como consequência a perda de sua identidade cultural, dos regionalismos, e das particularidades que o diferenciavam do outro. Esta uniformização levou a uma alienação não só do discurso do sujeito, mas também a modificação da realidade. O virtual tornou tudo possível, há o primado do imaginário onde quanto mais o sujeito contempla, menos vive, quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo exercitando a aceitação passiva perdendo sua singularidade, em detrimento à imagem e às mensagens impostas pelos meios de informação e comunicação (LAENDER, 2004).

As modificações geradas pela mídia e a cultura da globalização interferiram na construção da subjetividade e dos laços sociais, fazendo com que ocorresse o descentramento da questão do sujeito para o sujeito do consumo tornado objeto. Para este sujeito, até mesmo os laços afetivos precisam gerar prazer imediato devido à demanda incessante de felicidade aqui e agora. A felicidade torna-se sinônimo de euforia, excluindo a existência dos outros afetos humanos: tristeza, angústia e luto. A qualquer sinal de sua proximidade, o indivíduo tende a acessar

dispositivos para sedá-los, o que leva, por exemplo, ao uso cada vez mais comum e necessário de antidepressivos, ansiolíticos e hipnóticos entre outros (LAENDER, 2004).

Para Lalande, (1993 *apud* AIRES, 2001 p.65), o sujeito é visto como “o ser real, considerado como algo que tem qualidades ou exerce ações”, “... que existe não só em si, mas para si, e que, não se limitando a ser objeto, visível de fora ou delimitado por contornos lógicos, apenas tem a sua verdadeira realidade ao contribuir para se fazer a si mesmo, a partir, sem dúvida, de uma natureza dada e segundo exigências intimamente sofridas, mas por meio de um devir voluntário e uma conquista pessoal”.

Este sujeito na contemporaneidade apresenta em sua forma, experiência e subjetividade, outros processos intrínsecos indo além da técnica. Para os gregos a própria vida era objeto de uma técnica, uma arte de vida. Para os antigos, a técnica de vida (*téchnetoûbíou*) se aplicava, ao contrário, a esta coisa passageira que é a vida.

Finalmente, consideramos de suma importância discutir a problemática deste sujeito no contexto atual e entender os conflitos que vivem este sujeito e ao mesmo tempo compreendermos tanto a modernidade quanto a contemporaneidade. Voltamos a afirmar que o sujeito é “o que assegura a unidade profunda do universo simbólico da modernidade. Ele é a figura histórica que o homem ocidental assumiu desde que passou a interpretar sua atividade de conhecimento intelectual segundo os cânones da teoria da representação”. Pode-se dizer que toda a filosofia da modernidade é a tentativa de elaborar um discurso mais rigoroso e abrangente dessa concepção de sujeito (MATTEO, 2003).

3. A CONDIÇÃO HUMANA E A VITA ACTIVA

*“a própria verdade é comunicativa e desaparece fora da comunicação. ...Pensar é antes uma prática entre os homens que o desempenho de um indivíduo na solidão que escolheu para si”. (ARENDDT, **A Dignidade da Política**, 1993 p. 85).*

*“É óbvio que isso é um assunto do pensamento, e a ausência de pensamento [thought-tlessness] – a despreocupação negligente, a confusão desesperada ou a repetição complacente de “verdades” que se tornam triviais e vazias – parece-me ser uma das mais notáveis características do nosso tempo. O que proponho, portanto, é muito simples: trata-se apenas de pensar o que estamos fazendo” (ARENDDT, **A Condição Humana**, 2007 p.6).*

O conceito de condição humana refere-se a todos os homens e não somente a um segmento da humanidade, quer dizer mais do que condição social, ou, com outras palavras, a condição humana permeia as condições sociais do homem sem deixar se reduzir a elas (BRÜSEKE, 2002).

A condição humana representa as características da existência do homem em determinado espaço, visto que sem elas essa existência deixaria de ser humana, ou seja, a vida, a natalidade e a mortalidade, a mundanidade, a pluralidade e o planeta terra pertencem à condição humana.

Neste estudo tomamos a obra da teórica política Hannah Arendt como referência por corroborarmos com seu esforço para entender a multifacetada natureza da vida política ao enfatizar a importância de perspectivas novas e diferentes que vão surgindo no mundo. Arendt acreditava que o pensar era inspirado pela experiência pessoal e seus interesses diziam respeito aos fenômenos políticos humanos e as questões ontológicas ou metafísicas acerca da natureza e do universo (FRY, 2010).

Para compreendermos a *Condição Humana* descrita por Hannah Arendt devemos considerar alguns aspectos relevantes.

O totalitarismo e a política são importantes temas transversais na obra da autora e que sustentam a leitura da condição humana de Arendt. O totalitarismo, fenômeno essencialmente original do século XX, segundo Arendt, se apóia no desaparecimento do espaço público, no isolamento político do indivíduo, nesse homem isolado e desenraizado, homem moderno cuja condição vem sendo preparada desde a Revolução Industrial (MAGALHÃES, 1985).

Já a política é vista como ação em comum acordo, ação em conjunto, sendo reflexo da condição plural do homem e fim em si mesma, já que não é um meio para objetivos mais elevados, como a preservação da vida, significando liberdade. Arendt firma ainda que ao se desconhecer a “*verdadeira política*”, ao se confundir “*aquilo que seria o fim da política com a política em si*” se corre o risco de perdermos a liberdade e irmos ao encontro da política totalitária responsável pela transformação da própria natureza humana, por tornar possível o mal radical, absoluto e imperdoável. A política não é domínio, de que não se baseia na distinção entre governantes e governados e nem é mera violência (ARENDR, 2006 e TORRES, 2007).

Sendo cada homem um indivíduo singular, no nascimento algo singularmente novo vem ao mundo. O nascimento ou a “natalidade” funda a capacidade de agir e de iniciar algo novo, algo que se renova e traz consigo a persistente novidade e a imprevisibilidade afirmando assim sua singularidade. Neste aspecto, “os homens não são politicamente seres para a morte, mas permanentes afirmadores da singularidade que o nascimento inaugura” (CORREIA, 2007 p.21). Segundo a autora apenas a ação interpõe rupturas no movimento retilíneo do homem entre o nascimento e a morte em sua vida biológica.

A condição humana traz como propósito a reflexão sobre o que estamos fazendo e nos chama a re-considerar a condição humana a partir de nossas experiências e nossos temores mais recentes. Arendt considera as implicações das transformações operadas no domínio político e da vitória do *animal laborans*, da conversão do trabalhador em modelo do humano, para a compreensão da vida humana e para o domínio político – devolvendo a ideia da ruptura de Marx com a tradição da filosofia, partindo da *theoria*, ou contemplação, em direção à *práxis*, ou ação (CORREIA, 2007).

No exame da *vita activa*, Arendt divide a atividade humana em três categorias fundamentais: o trabalho, a obra e a ação que acontecem nos espaços do público e do privado. O trabalho e a obra ocorrem

privadamente, enquanto a ação política se dá publicamente (CORREIA *in* ARENDT, 2010 e FRY, 2010).

Nas relações entre estes termos, público e privado, a autora firma uma crítica interpretação da modernidade. Para ela a concepção de sociedade na era moderna se estabelece em profunda confusão entre a esfera da vida pública e a esfera da vida privada, devido à ascensão do consumo e do social. A marca da consolidação do mundo moderno está na progressiva indistinção entre as esferas social e política, com a conseqüente ascensão da vida privada ou das atividades econômicas ao domínio público. Ainda, segundo sua visão o que caracteriza a atitude moderna é a compreensão da política como uma função da sociedade, com a implicação fundamental de que as questões privadas da sobrevivência e da aquisição transformaram-se em interesse coletivo, não se falando de tal interesse como sendo público surgindo aqui o advento da esfera híbrida (CORREIA, 2007).

Conforme remete a citação de abertura deste capítulo “*O que estamos fazendo?*”, é o tema central do livro *A Condição Humana* que utilizamos como uma das referências centrais neste estudo, buscando a articulação entre as atividades mais elementares, e que estão ao alcance de todos na condição humana - o trabalho a obra e a ação que se modificaram da idéia original proposta por Arendt (ARENDT, 2010).

A condição humana em sentido arendtiano, conforme reforçam Cavarero e Butler (2005) são as características que definem a especificidade do humano nos termos de uma pluralidade de seres únicos, expostos um ao outro, num contexto material de relações que sublinham a fragilidade essencial de toda existência.

Em relação à condição humana na modernidade, segundo Leis (2003) baseadas nas observações de Foucault sobre a sexualidade, por exemplo, afirma que todos os aspectos de nossa condição humana emergem como problemas, como fonte de preocupações que merecem ser tratadas e solucionadas. Também nesta perspectiva, onde componentes da condição humana como a vida, a sexualidade e a morte passam a ser tratadas como preocupações na sociedade contemporânea, o mesmo autor aponta a alteração do significado da experiência da morte. Vida e morte sempre caminharam juntas até que a técnica nos surpreendeu com a ilusão de que a vida pode ser estendida infinitamente, construindo a eternidade no tempo de nossa própria vida (CASTELLS, 1996 *apud* LEIS, 2003).

Considerar os riscos e a morte como singulares à condição humana modifica-se na sociedade contemporânea, onde estes processos naturais passam a ser modulados por meios tecnológicos. Também é

verdade que considerar os riscos à existência humana principalmente como riscos humanos leva necessariamente a transformar nossa condição humana numa condição técnica (LEIS, 2003).

A condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. O homem está submetido a condições, sem esse pressuposto a fala da condição humana não faria sentido. Quais seriam essas condições básicas? Para Arendt: a própria vida e a Terra, a natalidade e a mortalidade, a mundanidade e a pluralidade respectivamente a individuação na presença dos outros. Mais uma vez, a condição humana não é a mera soma das suas condições de vida. Tudo o que toca a vida humana transforma-se na sua condição (*Bedingung*) ou no pressuposto da sua existência. Essa existência está inserida no mundo das coisas que precedem e “condicionam” o seu agir. O agir enquanto fabricar, por sua vez, fabrica coisas novas e molda desta forma as condições da sua existência. Sabendo das suas condições não sabemos ainda quem é o homem. Somente sabemos que ele não vive sem condições ou pressupostos (BRÜSEKE, 2002).

Arendt principia sua investigação examinando a relação entre a condição humana e a *vitaactiva*, definida pela contraposição à *vida contemplativa* com vistas à indagação sobre o significado das próprias atividades e das transformações em seu caráter na era moderna (ARENDR, 2010).

As atividades da *vitaactiva* estão relacionadas às respectivas condições da vida humana, que são a natalidade e a mortalidade que compreende a Terra, a materialidade e a pluralidade. A Terra corresponde à atividade do trabalho, a materialidade à atividade da obra, e a pluralidade à ação política, sendo que as três equivalem à natalidade e à mortalidade (FRY, 2010). A natalidade se refere ao nascer como indivíduo singular para uma comunidade humana, portanto, é iniciar, introduzir e possibilitar o novo. É o mesmo que ser livre e o mesmo que agir. Ação, Liberdade e Iniciar são três termos que, em Arendt, se correspondem e equivalem (CRITELLI, 2008).

Chegamos a Terra pelo nascimento, condicionados pela própria vida biológica, com seus ciclos e necessidades, trabalhando para suprir as demandas corporais do processo vital. A atividade do trabalho é uma resposta ao mero estar vivo, se traduzindo na permanente labuta em vista da sobrevivência desenrolando-se no espaço privado do lar e experimenta o tempo como um contínuo devir de processos cíclicos. Esta atividade pode ser compreendida como o metabolismo do homem com a natureza visando à subsistência e conforme Arendt, em nenhuma outra atividade os seres humanos experimentam a benção da vida como

um todo, o esforço e a gratificação seguem tão próximos quanto à produção e o consumo, de modo que “a felicidade é concomitante ao processo” (Arendt, 2010 p. 133).

A atividade da obra ou fabricação corresponde à mundanidade da condição humana, à artificialidade das coisas duráveis sendo a obra atribuída ao *homo faber*. O fabricante de coisas não estabelece um metabolismo com a natureza, mas a viola para extrair dela materiais para a produção das coisas que constituem o artificialismo humano. O produto fabricado desfruta de relativa durabilidade, distinta daquela dos bens de consumo que nutrem o processo vital. Para Arendt, “a obra é a atividade correspondente a não naturalidade da existência humana, que não está atrelado ao sempre recorrente ciclo vital da espécie e cuja mortalidade não é compensada por este último” (ARENDDT, 2010 p. 8).

A ação é a atividade que corresponde à condição humana da pluralidade, da capacidade humana de desencadear o novo, e o espaço adequado à sua manifestação pertencendo ao domínio público. A ação é a atividade política por excelência, sendo “a única atividade que ocorre diretamente entre os homens, sem a mediação das coisas e da matéria” (ARENDDT, 2010 p.8) acontecendo no espaço entre as pessoas, capaz de direcioná-las e mantê-las juntas, restaurando o que Arendt nomeia de teia de relações humanas (CORREIA *in* ARENDDT, 2010). Arendt considera ainda as dimensões performativas da ação humana e a possibilidade de revelação e constituição da identidade pessoal, constituída antes da entrada na esfera pública, que o espaço público permite (ORTEGA, 2001).

Ao privilegiar a ação e ao criticar a era moderna e a importância que foi atribuída nessa época ao trabalho, colocando-o acima de todas as outras atividades, Arendt tenta resgatar o que seria um verdadeiro espaço público, plural e autônomo, de deliberação e de iniciativa (MAGALHÃES, 1985).

A vida, segundo Arendt (2010 p.119) “é um processo em que toda parte consome a durabilidade, desgasta-a e a faz desaparecer, até que finalmente a matéria morta, resultado de processos vitais pequenos, singulares e cíclicos, retorna ao gigantesco círculo global da natureza, onde não existe começo nem fim e onde todas as coisas naturais volteiam em imutável e infundável repetição”. A vida é o ciclo das espécies marcado do nascimento à morte, plena de eventos que ocorrem em um mundo afirmando a singularidade de cada um implicando em transformações.

O termo *vitaactiva* é carregado e sobrecarregado de tradição segundo a autora. Aristóteles distinguia três modos de vida que os

homens livres, isto é, aqueles que dispunham de seus movimentos e atividades, podiam escolher. As escolhas eram pela vida dedicada ao deleite dos prazeres do corpo; a vida dedicada aos assuntos da polis; e a vida do filósofo dedicada ao fato de se ocuparem com “o belo”, de se ocuparem de coisas que não eram necessária nem meramente úteis, daí a ligação com a tradição da *vita contemplativa*. A expressão *vitaactiva* perde seu significado contemplativo (*theoria*) apenas e passou a denotar todo tipo de engajamento ativo nas coisas do mundo a partir do desaparecimento da antiga cidade-Estado. Passou a compreender todas as atividades humanas e definida do ponto de vista da absoluta quietude da contemplação, correspondendo, portanto, mais estritamente à inquietude (*askholia*) grega com a qual Aristóteles designava toda atividade. Segundo Arendt, (2010 p.20) a inversão moderna da *vitaactiva* “tem em comum com a tradicional hierarquia a premissa de que a mesma preocupação humana central deve prevalecer em todas as atividades dos homens”, visto que sem um princípio abrangente único, nenhuma ordem poderia ser estabelecida.

3.1 O TRABALHO: DO NASCIMENTO À MORTE

O trabalho é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujo crescimento espontâneo, metabolismo e resultante declínio estão ligados as necessidades vitais produzidas e fornecidas ao processo vital pelo trabalho. A condição humana do trabalho é a própria vida. É uma atividade na qual o homem não está junto ao mundo nem convive com os outros, mas está sozinho com seu corpo ante a pura necessidade de manter-se vivo (Arendt, 2010).

Hannah Arendt propõe a distinção inusitada entre trabalho e labor pautada na evidência fenomenológica a favor dessa distinção historicamente verdadeira. A distinção de Locke entre as mãos que trabalham e o corpo que labora é de certa forma, remanescente da antiga distinção grega entre o *cheirotechnes*, o artífice, ao qual corresponde ao *handwerker* alemão, e que, como escravos e animais domésticos atendem com o corpo as necessidades da vida. A palavra trabalho, como substantivo, não designa o produto final, o resultado da ação de trabalhar, permanecendo como substantivo verbal classificado com o gerúndio. Por outro lado, é da palavra trabalho para a obra que deriva o

nome do próprio produto, mesmo nos casos em que o uso corrente seguiu tão de perto a evolução moderna que a forma verbal da palavra “trabalho” se tornou praticamente obsoleta.

O desprezo dos antigos pelo trabalho tinha origem na acirrada luta do homem contra a necessidade do corpo e de uma impaciência em relação a todo esforço que não deixasse qualquer vestígio, qualquer monumento, qualquer grande obra digna de ser lembrada. Este desprezo generalizou-se na medida em que as exigências da vida na *polis* consumiam cada vez mais o tempo dos cidadãos e com a ênfase em sua abstenção de qualquer atividade que não fosse política, até estender-se a tudo quanto exigisse esforço. O costume político anterior, que procedeu ao pleno desenvolvimento da cidade-Estado, fazia a distinção entre escravos – inimigos vencidos que trabalhavam como escravos para prover o próprio sustento e o dos seus senhores, e os operários do povo em geral, que tinham liberdade de movimento fora da esfera privada e dentro da esfera pública mas não necessariamente eram livres.

Para os antigos trabalhar significava ser escravizado pela necessidade, escravidão esta inerente às condições da vida humana. Pelo fato de serem sujeitos às necessidades da vida, os homens só podiam conquistar a liberdade subjugando outros à força, submetiam à necessidade. A instituição da escravidão era uma tentativa de excluir o trabalho das condições da vida do homem, pois tudo que os homens tinham em comum com os animais não poderia ser considerado humano.

Sabe-se que à parte de seu desdém pelo trabalho, os gregos tinham suas razões para não confiar no artífice ou, antes, na mentalidade do *homo faber*. Esta desconfiança, porém só é encontrada em certos períodos, ao passo que todas as antigas valorações das atividades humanas, inclusive o trabalho, repousam na convicção de que o trabalho do nosso corpo, exigido pelas necessidades deste último, é servil. Conseqüentemente, as ocupações que não consistiam em labor, mas ainda assim eram exercidas com a finalidade de suprir às necessidades da vida, foram assimiladas à condição de trabalho, explicando-se desta forma as mudanças e as variações de avaliação e classificação em diferentes períodos de tempo em diferentes lugares.

Com o advento da teoria política, os filósofos passaram a rebaixar a atividade política também à posição de necessidade, que desde então passou a ser o denominador comum de todas as articulações da *vita activa*.

A súbita e espetacular promoção do trabalho, da mais humilde e desprezível posição a mais alta categoria, como a mais estimada de todas as atividades humanas, começou quando Locke descobriu que o

trabalho é a fonte de toda propriedade. Esta idéia prosseguiu quando Adam Smith aponta o trabalho como fonte de toda a riqueza, e atingiu seu clímax no *system of labor* de Marx, no qual o trabalho passou a ser a origem de toda produtividade e a expressão da própria humanidade do homem. Dos três, somente Marx estava interessado no trabalho como tal. Locke se preocupava com a instituição da propriedade privada como base da sociedade, enquanto Smith pretendia explicar e assegurar o livre acúmulo ilimitado de riqueza. Todos eles, porém, afirmavam que o trabalho devia ser visto como a suprema capacidade humana de construir um mundo, e como o trabalho é, na verdade, a mais natural e a menos mundana das atividades do homem, cada um deles, em especial Marx, viu-se diante de certas contradições.

Adam Smith e Karl Marx promovem a distinção entre trabalho produtivo e improdutivo na economia política clássica, apontando esta a principal diferença entre trabalho e obra embora reconheçam que o trabalho nada deixa atrás de si, que o resultado de seu esforço seja consumido quase tão depressa quanto o esforço despendido e é motivado pela própria vida dele depender.

Na era moderna o trabalho inverte todas as tradições. Tanto a posição tradicional da ação e da contemplação como a tradicional hierarquia dentro da própria *vita activa*, passando a glorificar o trabalho como fonte de todos os valores, e tendo promovido o *animal laborans* à posição tradicionalmente ocupada pelo *animal rational* ouvando sua produtividade medida e aferida em relação às exigências do processo vital para fins da própria reprodução. O trabalho passa a residir no excedente potencial inerente à força de trabalho humana, e não a qualidade ou no caráter daquilo que produz (ARENDDT, 2007 e ARENDDT, 2010).

Neste estudo muito nos interessa especialmente compreender a relação entre o trabalho e a vida. A vida do nascimento até a morte compreende coisas além das ocorrências naturais limitada por um começo e fim seguindo uma trajetória linear. O movimento da vida ocorre pela força motriz da vida biológica que o homem compartilha com outras coisas vivas e que conserva sempre, o movimento cíclico da natureza.

A atividade do trabalho move-se sempre no mesmo ciclo prescrito pelo processo biológico do organismo vivo, aos ciclos recorrentes da natureza, e que não tem qualquer começo ou fim, estabelecendo o trabalho e o consumo como dois estágios deste ciclo natural incorporado ao sujeito. A necessidade de subsistir justifica o processo natural de produção e consumo, dando lugar efêmero no

mundo às coisas feitas pelo homem, desaparecendo rapidamente conforme são produzidas, caso contrário se deteriorarão e perecerão por si mesmas. Para Arendt a atividade que provê os meios de consumo é o trabalho, que Smith define de “trabalho improdutivo”, ou seja, o trabalho que não acrescenta valor algum ao objeto sobre o qual é aplicado.

Haveria ainda para Arendt uma segunda tarefa trabalho, uma tarefa imposta com menos severidade ao homem, mas que estaria igualmente vinculada aos ciclos recorrentes dos movimentos naturais: a tarefa de *proteção* e de *salvaguarda do mundo* contra os processos naturais. Tratar-se-ia de uma tarefa que exige a execução monótona de trabalhos diariamente repetidos, que é ainda menos produtiva que o metabolismo direto do homem com a natureza, e que teria uma relação muito mais íntima com o mundo (MAGALHÃES, 1985 e ARENDT 2010).

A distinção entre *zoé* e *bios*¹ estaria ligada, para Arendt, à distinção entre trabalho e obra. Ao contrário do trabalho, que se move sempre no mesmo círculo prescrito pelos processos biológicos do organismo vivo, a obra ou a fabricação termina quando o objeto está acabado, pronto para ser acrescentado ao mundo comum das coisas. A *obra*, diz Arendt, e nesse aspecto a atividade humana da fabricação se distingue do trabalho, não prepara a matéria para incorporá-la, mas a transforma em material a ser trabalhado e utilizado como produto final. Este modo de conceber a atividade da fabricação (a obra) está muito próximo do que Marx entendia por trabalho útil, isto é, a atividade do homem que no processo de trabalho efetua, por meio dos instrumentos de trabalho, uma transformação da matéria pretendida desde o princípio, e cria assim um objeto útil, um valor de uso (MAGALHÃES, 1985).

3.2 A FABRICAÇÃO/OBRA: O MUNDO DAS COISAS

A obra é considerada como a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana, e diferencia-se do trabalho por não necessariamente estar contido no ciclo vital da espécie e é nitidamente

¹ Neste contexto *zoé* se refere ao trabalho e a sobrevivência, e *bios* se refere à ação, à política e à cultura.

diferente de qualquer ambiente natural. Para Arendt 2010, “a condição humana da obra é a mundanidade”.

A obra de nossas mãos que “opera em”, distintamente do trabalho de nossos corpos que “se mistura com”, fabrica a variedade infinita das coisas cuja soma total constitui o artifício humano, dando ao mundo a estabilidade e a solidez em que vivemos sem as quais não se poderia contar com ele para abrigar a criatura mortal e instável que é o homem. Tais coisas não são bens de consumo, que são produzidos pelo trabalho para serem consumidos para manutenção do processo biológico, mas objetos de uso, e o seu uso adequado não causam seu desaparecimento (ARENDDT, 2005 p.183).

Em sua maioria, mas não exclusivamente, essas coisas são objetos destinados ao uso, dotados de durabilidade de que Locke necessitava para o estabelecimento da propriedade, do “valor” de que Adam Smith precisava para o mercado de trocas, e comprovavam a produtividade que Marx acreditava ser o teste da natureza humana (ARENDDT, 2007).

A durabilidade e a objetividade são o resultado da fabricação, a obra do *homo faber*, que consiste em uma reificação ou como descreve Arendt “a edificação de um mundo objetivo de coisas”. A solidez, inerente mesmo às coisas mais frágeis provém da matéria que é transformada em material. O material é o produto das mãos humanas que o retiraram de seu lugar natural, seja matando um processo vital, como no caso da árvore que fornece a madeira, seja interrompendo algum dos processos mais lentos da natureza, como no caso do ferro, da pedra ou do mármore, arrancados do ventre da Terra. Este elemento de violação e violência está presente em toda fabricação, e o homem enquanto criador do artifício humano sempre foi um destruidor da natureza. Sozinho com a sua imagem do futuro produto, o *homo faberé* livre para produzir, e sozinho novamente ante a obra de suas mãos, ele é livre para destruir (ARENDDT, 2005 p.184).

A durabilidade do artifício humano não é absoluta. O uso que dele fazemos, embora não o consuma, o desgasta, portanto, o que o uso desgasta é a durabilidade. É esta durabilidade que empresta às coisas do mundo sua relativa independência dos homens que as produziram e as utilizam a “objetividade” que as faz resistir e suportar, pelo menos durante algum tempo, as vorazes necessidades de seus fabricantes e usuários (ARENDDT, 2007).

O fim do processo de fabricação necessita de um modelo e se dá quando a coisa é concluída, e esse processo não precisa ser repetido. O impulso para a repetição provém da necessidade que o artesão tem de

ganhar seus meios de subsistência, ou seja, do elemento de trabalho inerente a sua obra. Pode também provir da demanda de multiplicação no mercado. A multiplicação não deve ser confundida com a repetição, embora ela possa ser percebida pelo artesão individual como uma mera repetição que uma máquina pode realizar melhor e de modo mais produtivo. A multiplicação realmente multiplica as coisas, enquanto que a repetição apenas segue o ciclo recorrente da vida no qual seus produtos desaparecem quase tão rapidamente quanto apareceram e estão ligadas ao trabalho, não a obra (ARENDDT, 2005 p.185).

No processo de fabricação os instrumentos que apenas aliviam a carga e mecaniza o trabalho do *homo laborans* são projetados e inventados pelo *homo faber* para a construção de um mundo feito de coisas. A conveniência e a precisão destes instrumentos são ditadas pelos fins objetivos que ele inventa a seu bel-prazer, e não por necessidade ou carências subjetivas. Instrumentos e ferramentas são objetos tão intensamente mundanos que chegam a servir de critérios para a classificação de civilizações inteiras. Mas esse caráter mundano nunca é tão evidente como quando eles são usados nos processos do labor, nos quais constituem realmente as únicas coisas tangíveis que sobrevivem ao trabalho e ao próprio processo do consumo. Portanto, para o *animal laborans*, sujeito aos processos devoradores da vida e constantemente ocupado com eles, a durabilidade e a estabilidade do mundo são basicamente representadas pelos instrumentos e ferramentas que utiliza e, numa sociedade de operários, os instrumentos podem perfeitamente assumir caráter ou função mais que meramente instrumental (ARENDDT, 2007).

Estranhamente, a categoria meios-fins não se esgota com o produto acabado para o qual tudo e todos se tornam um meio. Embora o objeto seja um fim em relação aos meios pelos quais foi produzido e o verdadeiro fim do processo de fabricação, ele nunca se torna por assim dizer, um fim em si mesmo, ao menos não enquanto permanece um objeto de uso. Ele ocupa imediatamente seu lugar em outra cadeia de meios e de fins, em virtude de sua própria utilidade. Como um simples objeto de uso, ele se torna um meio para, por exemplo, uma vida confortável, ou como um objeto de troca, isto é, na medida em que foi atribuído um valor definido ao material usado para a fabricação, ele se torna um meio para a obtenção de outros objetos. Uma vez que o fim é atingido, deixa de ser um fim, torna-se um objeto entre objetos que a qualquer momento podem ser transformados em meios para alcançar outros fins. A perplexidade do utilitarismo, que é a filosofia do *homo faber*, por assim dizer, implica em ficar aprisionado na cadeia sem fim

dos meios e dos fins sem jamais chegar a algum princípio que pudesse justificar a categoria, isto é, a própria utilidade (ARENDT, 2005).

Embora o uso e o consumo, como a obra e o trabalho, não sejam a mesma coisa, aparentemente se justapõem em certas áreas. “O uso contém certo elemento de consumo, na medida em que o processo de desgaste ocorre por meio do contato do objeto de uso com o organismo consumidor vivo, e quanto mais estreito for o contato entre o corpo e a coisa usada, mais plausível, parecerá o equacionamento dos dois” (ARENDT, 2010 p.171).

A maior parte da obra no mundo contemporâneo é realizada sob a forma de trabalho, de modo que em muitos casos mesmo que o desejasse, o trabalhador não poderia trabalhar para sua obra antes que para si mesmo, contribuindo muitas vezes para a produção de objetos cujo aspecto final ele desconhece. O que preside o processo de trabalho não é o esforço solicitado do homem nem o produto que ele possa desejar, mas o próprio movimento do processo e o ritmo que este impõe aos trabalhadores. A unificação rítmica do corpo do trabalhador com seus utensílios e ferramentas, no qual o próprio movimento do trabalho age como força unificadora. A capacidade humana sobre a qual a era moderna baseou sua reivindicação da produtividade natural inata da sociedade era a inquestionável produtividade do *homo faber*.

Arendt nos trás um raciocínio interessante no capítulo 22 (O mercado de trocas) da *Condição Humana* que nos parece acontecer com o atual profissional de saúde e com os docentes. Segundo ela dificilmente algo pode ser mais alheio à manufatura, ou mais destrutivo, que a obra em equipe ou a subdivisão das operações nos movimentos simples que as constituem, e qualquer tentativa de isolamento por parte de seus membros seria fatal à produção. As formas especificamente políticas de estar junto aos outros e que nos é determinante na ação, fica assim impedida, o agir em conjunto e o falar entre si importantes para consistência do processo produtivo ficam completamente fora do alcance de sua produtividade.

Na era moderna a instrumentalidade, disfarçada em utilidade, governa o âmbito do mundo acabado tão exclusivamente quanto governa a atividade por meio da qual o mundo e todas as coisas nele contidas passam a existir, sendo na contemporaneidade a economia quem dá o tom deste movimento. Em uma sociedade na qual a troca de produtos, e podemos aqui arriscar que no caso dos profissionais de saúde docentes este “produto” é o próprio serviço, tornou-se a principal atividade política, pois os trabalhadores são confrontados como os antigos “donos de dinheiro ou de mercadorias”, tornando-se

proprietários, “donos de sua força de trabalho” (ARENDR, 2010 p. 203). Segundo Arendt (2010 p. 202) “somente quando o produto está terminado é que o mestre e o artífice, aqueles que supostamente deixaram de estar na condição de escravos pela valorização do trabalho, param de operar é que ele pode abandonar seu isolamento, e pode ou não, surgir como mercador e negociante”.

3.3 A AÇÃO: O SINGULAR E O PLURAL

A ação corresponde a “condição humana da pluralidade”, ou seja, a única tarefa que é exercida diretamente entre os homens e sem mediação das coisas ou da matéria, e ao fato de que os homens vivem na terra e habitam o mesmo mundo. A partir desta pluralidade, fato de sermos todos humanos sem que ninguém seja exatamente igual, compreende-se a relação da política como inerente à condição humana da ação.

A ação é a característica do "Homem" na condição de "Homem", característica esta que tem o poder de fazer com que ele se integre à esfera pública, de fazer com que ele revele quem ele é e inicie novos processos, ilimitados e potencialmente eternos. O Homem enquanto age deixa de ser escravo das necessidades, deixando para trás o trabalho e a obra, para finalmente ser livre. Agindo o Homem desvincula-se do reino doméstico, o *oikos* e entra na *polis*, no espaço político. A própria ação é a liberdade, e por consequência só se é livre no espaço público. Com a crescente apolitização ou o modo apolítico de vida dos homens têm-se reduzido o espaço público, reduzida a ação, correndo-se o risco de um caminhar à escravidão maior, fazendo com que o *animallaborans* finalmente predomine por completo sobre o *zoonpolitikon*. Para Arendt, a ação política é sinônima de liberdade. Não é domínio, e não se baseia na distinção entre governantes e governados e nem é mera violência, mas ação em comum acordo, ação em conjunto, sendo reflexo da condição plural do homem e fim em si mesma.

Dessa forma, a política, tal como Arendt a entende, como criação do novo, do inesperado, como ação plural, resultado do amor ao mundo e não como violência, não somente se apresenta como uma alternativa, como algo realizável inerente à condição humana, mas também representa uma necessidade, pois é condição para a constituição do

indivíduo e da comunidade. A perda da concepção política de liberdade, do entendimento de que a liberdade não pode ser obtida na solidão e que não se resume ao “quero”, mas que também necessita do “posso”, pode-se dizer que liberdade não significa fazer o que se deseja, não significa soberania, pois só se é livre perante outros que também o sejam (ARENDDT, 2007 e TORRES, 2007).

A distinção singular entre *animallaborans* e o *zoonpolitikon* vem à tona no discurso e na ação. Através deles, os homens podem distinguir-se, ao invés de permanecerem apenas diferentes, pois a ação e o discurso são os modos pelos quais os seres humanos se manifestam uns aos outros, não como meros objetos físicos, mas enquanto homens. Esta manifestação, em contraposição à mera existência corpórea, depende da iniciativa da qual nenhum ser humano pode abster-se sem deixar de ser humano. Isso não ocorre com nenhuma outra condição da *vitaactiva* (ARENDDT, 2010).

Arendt afirma que é com palavras e atos que nos inserimos no mundo. A ação é o segundo nascimento, a efetivação da condição humana da natalidade, afirmando o fato de nosso aparecimento físico que não nos é imposta pela necessidade como o trabalho e nem desencadeada pela utilidade como a obra. O discurso por sua vez corresponde à efetivação da condição humana da pluralidade, ao fato da distinção entre iguais.

Ao agir e falar os homens mostram quem são, se revelam uns aos outros. Somente a partir do discurso e da palavra falada é que suas ações ganham sentido ou significado em relação a alguma realidade objetiva mundana no “espaço entre” os grupos e pessoas, desvelando o sujeito que atua e fala configurando a “teia” de relações humanas. Embora a ação possa ser considerada como tradução de liberdade, da capacidade humana de instaurar novidade no mundo, contraditoriamente em nenhuma outra situação as pessoas são menos livres do que nessa teia de relações influenciadas pela política, pelo poder e o espaço das aparências que potencialmente existem, mas não necessariamente para sempre.

A ação atua sobre os seres capazes de realizar suas próprias ações e implica em reações, que além de serem respostas as suas próprias ações também afetam aos outros de modo ilimitado e imprevisível. A ilimitabilidade da ação é apenas o outro lado de sua capacidade de estabelecer relações podendo romper limites e transpor fronteiras de forma que toda ação se converte em reação em cadeia, e na qual todo processo é causa de novos processos. A imprevisibilidade do resultado da ação vai além da impossibilidade de prever as consequências de

determinado ato, estando também relacionada ao caráter revelador da ação e do discurso, nos quais alguém se revela a outro e somente pode ser identificado de fato por este outro.

Ao longo da história tanto os homens de ação quanto os pensadores sempre estiveram em busca de substituir a ação na esperança de que seu domínio pudesse escapar da acidentalidade e da irresponsabilidade moral inerente a pluralidade dos agentes. A frustração da imprevisibilidade dos resultados, da irreversibilidade do processo e o anonimato dos autores das ações compõem os três aspectos que fragilizam a ação e extraem sua própria força.

A substituição da ação pela fabricação na idade moderna é a constatação da fragilidade da ação e do discurso, principalmente da política, onde a ação passa a ser uma mera execução de ordens. Ocorre aqui a transformação da ação em uma modalidade de fabricação e a concomitante degradação da política como um meio efetivo para atingir as coisas, de sorte que a incerteza mais que a fragilidade passa a ser o caráter decisivo dos assuntos humanos.

Devido à complexidade do assunto acerca da Condição Humana apresentada por Hannah Arendt, foi elaborado um quadro resumo sobre o tema como forma de facilitar a leitura horizontal das peculiaridades da *Vita Activa*, o trabalho da obra e da ação apresentados no Quadro 01 abaixo.

| <i>Vita Activa</i> | | |
|---|--|---|
| Trabalho | Obra | Ação |
| Privado | Privado | Público |
| Vida | Materialidade | Pluralidade, Discurso – distinção entre iguais |
| Terra | Viola a natureza Matéria transformada | Age para ser livre |
| Nascimento-morte (Vida biológica com seus ciclos e necessidades, trabalhando para suprir as demandas corporais de processo vital). | Fabricação Instrumentos e ferramentas. | Desencadear o novo, Segundo nascimento – efetivação da condição humana da natalidade. |
| Felicidade | Mundanidade | Atividade política |

| | | Liberdade |
|--|--|---|
| Bens de consumo Consumo | A durabilidade e a objetivação são resultados da fabricação, Artificialidade das coisas duráveis, Relativa durabilidade, Objetos de uso que em uso adequado não causam seu desaparecimento, Objetos destinados ao uso, Propriedade, Valor, A durabilidade não é absoluta, O uso desgasta a durabilidade. | Entre os homens sem mediação das coisas, Fim em si mesmo. |
| Nutre o processo vital | Artificialismo humano | Teia de relações humanas |
| Trabalho improdutivo Coisas de curta duração | Trabalho produtivo Utilitarismo | Possibilidade de revelação e constituição da identidade pessoal |
| O “corpo se mistura com” | A “mão que opera em” | Estar junto com os outros |
| Repetição | Multiplicação Estabilidade e solidez | Homem na condição de homem |
| <i>Animal laborans</i> | <i>Homo faber</i> | <i>Zoonpolitikon</i> |
| Sobrevivência da espécie | Permanência da vida mortal | Quem ele é |
| O uso e o consumo se justapõem no trabalho e na obra | | |

Quadro 01: *Vita Activa*

3.4 A *VITA ACTIVA* NA MODERNIDADE

Ao observarmos a *vitaactiva* na modernidade e posteriormente na contemporaneidade devemos objetivamente considerar que as três atividades que a compõe e suas condições têm direta relação com as condições mais gerais da vida humana, ou seja, o nascimento e a morte. O trabalho assegura a sobrevivência da espécie; a obra a permanência da vida mortal e seu caráter efêmero do tempo humano; e a ação se empenha em fundar e preservar corpos políticos, ou seja, a história da humanidade conforme a representação (Figura 01) abaixo.



Figura 01: A *Vita Activa*

Na era moderna cada homem torna-se tanto habitante da Terra como habitante de seu país vivendo em um todo contínuo com as dimensões da Terra. Segundo Arendt (2010), três grandes eventos marcaram a era moderna tendo a alienação como aspecto comum: a descoberta da América e a subsequente exploração de toda Terra; a Reforma que desencadeou os processos de expropriação individual e o acúmulo da riqueza social; e a invenção do telescópio iniciando o desenvolvimento de uma nova ciência que considera a natureza da Terra do ponto de vista do Universo (ARENDR, 2010).

O descobrimento das Américas provocou o desenvolvimento dos mapas e as cartas de navegação da primeira etapa da era moderna antecipando as invenções técnicas mediante as quais todo o espaço terrestre se tornou acessível e a noção de distância cedeu à noção de velocidade. Com a invenção do aeroplano e o homem ter deixado a superfície da Terra marcando a diminuição da distância terrestre implicou na alienação do homem com seu ambiente terrestre imediato.

A Reforma, também considerado outro fenômeno de alienação, é a marca mais profunda da mentalidade capitalista e da descoberta da posse, cujo impacto provocou a mudança de comportamento na humanidade ocidental no qual toda propriedade era destruída no processo de sua apropriação, todas as coisas eram devoradas no processo de sua produção, e a estabilidade do mundo era minada em constante processo de mudança. Nas condições modernas a conservação, e não destruição significava ruína, atraso de desenvolvimento, pois a própria durabilidade dos objetos conservados é o maior obstáculo ao processo de reposição, cujo crescimento constante da velocidade alimenta o processo produção-consumo garantindo a sobrevivência da economia capitalista e o aumento da produtividade humana. Aqui a propriedade se torna a mais elementar condição política para a mundanidade do homem, alienando do mundo em certas camadas da população. A Reforma trás consigo a separação entre Igreja e Estado, a modificação das crenças e a perda da fé remetendo os homens para dentro de si mesmos tentando reduzir as experiências com o mundo e com os outros homens a experiências entre o homem e ele mesmo.

O advento do telescópio havia desafiado a noção do mundo finito e geocêntrico que os homens conservavam desde a antiguidade de modo que os segredos do universo passaram a ficar ao alcance da cognição humana e das criaturas presas a Terra, e de seus sentidos presos aos corpos aquilo que parecia além de suas capacidades. O avanço das ciências naturais passou a ser creditado ao poder do conhecimento humano sendo este mesmo fenômeno responsável pelo aumento do desespero humano, pelo niilismo marcante na era moderna.

Arendt nos aponta como a mais grave consequência espiritual da era moderna a inversão da ordem hierárquica entre a vida contemplativa e a *vita activa*, ou seja, a inversão entre a contemplação e a ação, pois a intensa sede de conhecimento fez com que o homem depositasse sua confiança apenas no engenho das próprias mãos. O conhecimento e a verdade somente podiam ser atingidos por meio da ação, pois para ter certeza das coisas o homem tinha que assegurar-se e para conhecê-las tinha que agir. Com esta inversão a contemplação passa a ser abolida e

perde seu sentido e o pensamento como maneira de chegar à revelação da verdade passa a ser serva do agir. A filosofia passa a segundo plano na era moderna ficando condenada a seguir sempre um passo atrás da ciência, onde o fabricar e o fazer e o desenvolvimento de cada vez mais sofisticado da manufatura de novas ferramentas e instrumentos ocupam o espaço da contemplação (ARENDDT, 2010).

Os processos e não as idéias, os modelos e as formas das coisas a serem criadas, tornaram-se na era moderna os guias das atividades de produzir e de fabricar, a produtividade e a criatividade, que são as atividades do *homo faber* deslocando os interesses para as coisas e para os produtos, ou seja, no lugar do conceito de ser encontra-se o conceito de Processo. O que mudou a mentalidade do *homo faber* foi a posição central do conceito de processo da modernidade tendo a promoção da atividade do trabalho a mais alta posição na ordem hierárquica dentro da *vita activa*. A Figura 02 abaixo resume a idéia da modificação da *Vita Activa* que ocorreu na modernidade. O trabalho toma dimensão maior na vida dos sujeitos contemporâneos passando a ser foco principal distanciando-se cada vez mais da vida contemplativa.



Figura 02: A *Vita Activa* na modernidade.

Com o deslocamento da ênfase do “o que” para o “como” na revolução da modernidade, o *homo faber* foi privado das medidas permanentes que precedem e sobrevivem ao processo de fabricação e que constituem a confiabilidade e a autenticidade em relação ao processo de fabricação.

O fracasso do *homo faber* ocorreu quando o princípio da utilidade foi declarado insuficiente e substituído pelo princípio “da maior felicidade do maior número”, onde as coisas mundanas deixam de ser consideradas apenas em sua utilidade, mas como resultados mais ou menos incidentais do processo de produção que lhe deu existência, mas por sua produção de alguma outra coisa (ARENDDT, 2010 p.384). Arendt cita que “em outras palavras, o padrão último de medida não é de forma alguma a utilidade e o uso, mas a “felicidade”, isto é, quantidade de dor e de prazer experimentada na produção ou no consumo das coisas”, ou seja, “quem quiser fazer do prazer o fim último de toda a ação humana, tem que admitir que não o prazer, mas a dor, não o desejo, mas o medo são seus verdadeiros guias” (ARENDDT, 2010 p.387).

Outro ponto de referência e que constitui um princípio muito mais poderoso é o princípio da própria vida definido como a promoção da vida individual ou a garantia de sobrevivência da humanidade. Ao contrário do moderno egoísmo pela busca do prazer ou felicidade sendo a vida o critério supremo de interesse da humanidade.

Na contemporaneidade temos a agudização das modificações e movimentos que caracterizaram a era moderna. O descobrimento das Américas, a Reforma e a descoberta do telescópio apoiados na ciência e tecnologia resultaram em novos mapas geográficos e econômicos, no nascimento e enraizamento da globalização, e da liquidez da vida humana.

Esta transição afetou os mais variados aspectos da nossa condição humana provocando-nos a refletir sobre questões como a emancipação ou libertação da sociedade que em muitos lugares ainda não possui uma base de massas para esta libertação, implicando em descontrole e domínio político e de poder revelado pela violência. A *individualidade* marcada pela disputa nem sempre legítima e honesta movida pelo capitalismo e a pela urgência da saciedade nas necessidades prementes do homem na busca da felicidade, sendo esta o propósito declarado e motivo supremo da vida individual. O *tempo e o espaço*, marcados pela velocidade e a angústia pela necessidade do pertencimento a algum espaço para então de fato pertencer a uma comunidade e resolver o problema da identidade. O *trabalho* passa a ser visto como fonte de toda

criação, de progresso e crescimento econômico dando direção à mudança social orientada para propósitos específicos de política social. A nova noção de *comunidade* no mundo globalizado é outro aspecto de importante discussão na contemporaneidade. Viver em comunidade pressupõe o difícil exercício da ética, da compreensão e respeito às diferenças cada vez mais presentes e marca do mundo globalizado (BAUMAN, 2001).

Uma das diferenças marcantes se dá quando o espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si, podendo assim ser teorizados como categorias distintas e mutuamente independentes da estratégia e da ação (BAUMAN, 2001).

A sociedade não pode mais ser entendida como um mero conjunto de indivíduos vivendo juntos em um determinado lugar, mas define-se essencialmente pela existência de uma organização, de instituições e leis que regem a vida desses indivíduos e suas relações mútuas. Algumas teorias definem a sociedade pela existência de um contrato social entre os indivíduos que dela fazem parte, e a comunidade passa a ter um caráter mais natural e espontâneo (JAPIASSU e MARCONDES, 2001).

O período contemporâneo é marcado por uma série de transformações no conjunto das relações que conectam indivíduos, grupos e organizações, o que implica em novas formas de comportamento social. A vida em sociedade nos provoca a administrar aspectos que influenciam diretamente nossa atual condição humana, entre eles a globalização e a exclusão, os meios de transporte, as duas pontas do consumo do mercado, os blocos econômicos, a democracia, a desigualdade, o mundo do espetáculo, a tecnologia, a ética e a bioética e a padronização do pensar.

A globalização é um processo de internacionalização, tendo como uma das suas características a perda de poder por parte dos Estados-Nações sobre o seu território para mecanismos e empresas transnacionais. A globalização intensifica as relações sociais, passando a formar uma rede comunicacional, configurando a sociedade da informação. Influencia diretamente as atividades de trabalho, da obra e da ação por ser parte integrante de um modo de organização econômica e social profundamente desigualador, baseado na exploração dos seres humanos e na depredação da natureza. Representa um modo de organização social e econômica que associa o progresso de alguns com as desventuras de muitos, o êxito com o desalento, a abundância com o empobrecimento (OLIVEIRA, 2008).

O problema fundamental ante o desafio da globalização é o fato de que não houve, até agora, uma resposta também global, sustentada em um programa alternativo de enfrentamento do lado negativo deste processo. Segundo Bauman “para a grande maioria dos habitantes do planeta, a soma total das atuais transformações equivale a uma profunda deterioração de suas condições de vida, mas acima de tudo, ao advento de uma desconhecida insegurança da existência” (BAUMAN, 2009 p.191).

Nota-se na contemporaneidade a dificuldade de estabelecimento distinto das três atividades propostas por Arendt, onde elas se confundem e se transformam.

A principal diferença entre o trabalho escravo e o moderno trabalho livre não era apenas o fato de o trabalhador possuir liberdade pessoal, liberdade de movimento e de atividade econômica e inviolabilidade pessoal, mas possibilitou que o trabalhador moderno fosse admitido no domínio público e completamente emancipado como cidadão. Com o avanço do contexto econômico sobre o trabalho, na contemporaneidade se propôs substituir a antiga sociedade de trabalhadores por uma sociedade de empregados (ARENDR, 2010). Produtividade e rendimento como valores essenciais passam a ser índices de desenvolvimento das nações, sendo o trabalho reconhecido como fenômeno econômico, a pedra angular do desenvolvimento do ser humano (CHOMSKY e DIETERICH, 1999).

A vida contemporânea não pode ficar parada, é uma sucessão de reinícios e finais rápidos e indolores, em suma, tornou-se de fato uma vida líquida precária e vivida em condições de incerteza constantes. A produção e extinção das obras são rápidas, sendo que do princípio ao fim a ênfase recai em esquecer, apagar, desistir e substituir as coisas. Neste contexto, a também contemporânea indústria da remoção do lixo assume posição de destaque na economia da vida líquida, dependendo também da rapidez com que os produtos são enviados ou descartados aos depósitos de lixo e da velocidade e eficiência da remoção dos detritos. A vida líquida é uma vida de consumo, ou seja, de objetos que perdem sua utilidade enquanto são usados tendo uma expectativa de vida útil limitada tornando-se rapidamente impróprios para o consumo e inúteis.

Mais uma vez o excesso de lixo é o principal comprovante do consumismo da sociedade contemporânea, tornando este tipo de indústria cada vez mais sólida e imune a crises. Bauman(2009), nos aponta que a remoção do lixo e a ameaça de ser jogado fora, ser excluído ou ainda ter ficado para trás, descrito posteriormente pelo autor

como “refugio humano”, são os dois principais desafios que a vida líquida precisa enfrentar e resolver.

A atração pelo consumismo e a repulsão pelo lixo nos exigem constante autoexame, autocrítica e autocensura sob o risco de alimentar a insatisfação do *eu consigo mesmo*, levando a morte das principais utopias sociais e, de modo mais geral, da idéia de boa sociedade.

A ação nos parece ser a atividade mais afetada pela vida líquida proposta por Bauman que aponta o nascimento da sociedade líquido-moderna. Nela as condições sob as quais agem seus membros mudam em tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir levando ao aceleração também dos processos de ação e reação aumentando os riscos da imprevisibilidade, da irreversibilidade dos processos e o anonimato dos autores. As condições de ação e as estratégias de reação envelhecem rapidamente e se tornam obsoletas antes dos atores terem chance de aprendê-las efetivamente. A ação tornou-se um jogo na contemporaneidade e onde houver vontade de agir surgem o *know-how* e as ferramentas (BAUMAN, 2009).

Como ponto de resgate, a educação passa a ter a finalidade de contestar o impacto das experiências do cotidiano, enfrentá-las e por fim desafiar as pressões que surgem no ambiente social. Bauman questiona se tanto a educação quanto os educadores estariam à altura desta tarefa, pois em especial a educação superior precisa ser definida como um recurso crucial para a vida cívica e democrática, desafiando para isso professores, atores culturais, estudantes e sindicalistas a se juntarem e oporem-se a transformação da educação superior numa esfera também comercial. À educação superior caberia a utilização de uma “pedagogia crítica”, incitando a dúvida e estimulando a imaginação desafiando o consenso de prevalecer se portando como influenciadora de mudanças de eventos resgatando as esperanças humanas e as chances de sobrevivência e inserção na humanidade (BAUMAN, 2009).

O Séc. XXI inicia com a certeza de que fortalecer o capital humano com grandes investimentos na educação assim como uma reforma profunda no sistema docente contribui tanto para o progresso econômico como qualquer outro capital físico medido pela produtividade e rendimento.

O modelo educativo contemporâneo visa basicamente à formação para o trabalho visto que as mudanças nos modelos econômicos convertem a equidade e a educação, principalmente voltada à ciência e a tecnologia, em fatores determinantes de êxito da produção e da competitividade internacional. Na sociedade global a grande tarefa da

reforma educativa é criar o “trabalhador adaptável”, que se encaixa a qualquer demanda e situação sem causar problemas na geração de lucros (CHOMSKY e DIETERICH, 1999).

Sendo assim, é necessário refletir sobre “o que estamos fazendo” de fato ao nos distanciarmos da *Vita Contemplativa* e concentrarmos a *Vita Activa* no trabalho e na produção que caracteriza o mundo contemporâneo, esquecendo da complexidade que possuem os sujeitos envolvidos nesse processo.

4. O CUIDADO DE SI

*“Por toda parte eu vou persuadindo a todos, jovens e velhos, a não se preocuparem exclusivamente, e não tão ardentemente, com o corpo e com as riquezas, como devem preocupar-se com a alma, para que ela seja o melhor possível, e vou dizendo que a virtude não nasce da riqueza, mas da virtude vêm, aos homens, as riquezas e todos os outros bens, tanto públicos como privados” (PLATÃO, A **Apologia de Sócrates** – primeira parte XVI).*



Figura 03: A apologia de Sócrates. Gravura “A morte de Sócrates (1787)de Jacques-Louis David (1748-1825)

Fonte: TheMetropolitam Museum of Art, New York.

4.1 EPIMÉLEIA HEAUTÔU E O GNÔTHI SEAUTÓN

Na Apologia de Sócrates, ilustrado na Figura 03 acima, ele se apresenta como aquele que, essencialmente, fundamental e originariamente, tem por função, ofício e encargo incitar os outros a se ocuparem consigo mesmos, a terem cuidados consigo e não descuidarem de si. Sócrates se apresenta como aquele predestinado a

incitar os outros a se ocuparem consigo mesmos como tarefa lhe confiada pelos deuses; como homem que negligencia com esta atividade uma série de outras atividades tidas em geral como interessadas,

proveitosas, propícias como riquezas, fama e honrarias. Sócrates ainda diz que na atividade que consiste em incitar os outros a se ocuparem consigo mesmos, ele desempenha, relativamente a seus concidadãos o papel daquele que desperta considerando, portanto, o cuidado de si como o momento do primeiro despertar.

A incitação a ocupar-se consigo mesmo alcançou durante o longo brilho do pensamento helenístico e romano, uma extensão tão grande que se tornou um verdadeiro fenômeno cultural de conjunto. No curso da história a noção de cuidado de si ampliou-se, multiplicaram-se suas significações e deslocaram-se também. Mesmo com o passar dos tempos três idéias ficaram marcadas: Primeiramente, como tema de uma atitude geral, certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro. A *epiméleiaheautoû* uma atitude para consigo, para com os outros, para com o mundo. Em segundo lugar, a *epiméleiaheautoû* certa forma de atenção, de olhar. Cuidar de si implica em converter o olhar do exterior, dos outros, do mundo, para si mesmo. Em terceiro lugar, a noção de *epiméleiaheautoû* também designa algumas ações, ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos.

Com a noção de *epiméleiaheautoû* surge todo um *corpus* definindo uma maneira de ser, uma atitude, formas de reflexão, práticas que constituem uma espécie de fenômeno extremamente importante, não somente na história das representações, nem somente na história das nações ou das teorias, mas na própria história da subjetividade, ou na história das práticas da subjetividade (FOUCAULT, 2004b).

Existem muitas razões que explicam que o “conhece-te a ti mesmo” culminou no “cuida de ti mesmo”. A primeira é que os princípios morais da sociedade ocidental passaram por uma profunda transformação. Experimentamos a dificuldade de fundamentar uma moral rigorosa e princípios austeros sobre um preceito que mostra que devemos nos preocupar conosco mesmos mais do que qualquer outra coisa. Inclino-nos, em princípio, a considerar o cuidado de si como qualquer coisa de imoral, como um meio de escapar a todas as regras possíveis. Herdamos isso da moral cristã, que faz da renúncia de si a condição da salvação. Paradoxalmente, conhecer-se a si mesmo constituiu um meio de renunciar a si mesmo.

Somos também herdeiros de uma tradição secular, que vê na lei externa o fundamento da moral. Assim, como o respeito que se tem por si mesmo pode constituir-se na base da moral? Somos os herdeiros de uma moral social que fundamenta as regras de um comportamento

aceitável sobre as relações com os outros. Se a moral estabeleceu-se, depois do século XVI, como objeto de crítica, o fez em nome da importância do reconhecimento e do conhecimento de si. É ainda difícil imaginar que o cuidado de si pudesse ser compatível com a moral. “Conhece-te a ti mesmo” eclipsou “cuida de ti mesmo”, porque nossa moral, uma moral do ascetismo, não parou de dizer que o si é a instância que se pode rejeitar.

A segunda razão é que, na filosofia teórica que vai de Descartes a Husserl, o conhecimento de si (o sujeito pensante) ganhou uma importância tanto maior enquanto ponto de referência da teoria do conhecimento. Em resumo, tem ocorrido uma inversão na hierarquia dos dois princípios da Antigüidade, “cuida de ti mesmo” e “conhece-te a ti mesmo”. Na cultura greco-romana, o conhecimento de si aparece como consequência do cuidado de si. No mundo moderno, o conhecimento de si constitui o princípio fundamental (FOUCAULT, 1985).

Desta forma, o cuidado de si constitui-se, simultaneamente, como um atributo e uma necessidade universal dos seres humanos, regido por princípios de aplicação geral, embora orientados para uma prática de escopo e responsabilidades absolutamente individuais. Não mais um prazer ou uma prerrogativa, não cuidar-se é sucumbir, e para não sucumbir era preciso conhecer a verdade que a razão a todos podia dar acesso. Esses preceitos, como já indicado, desdobraram-se para além desse caráter doutrinário, conformando um conjunto bem especificado de ações. Como Foucault adverte, o termo *epiméleia* designa não apenas uma preocupação, mas um conjunto de ocupações, um trabalho. Era com esse mesmo termo que se designava as atividades de um dono de casa, as tarefas de um príncipe que vela por seus súditos, ou os cuidados que se deve ter para com um doente ou ferido. Esta vinculação com o trabalho, com essa atividade relacionada às necessidades vitais, com a *vitaactiva*, conforme Arendt (2007) estabeleceu precocemente uma correlação muito estreita entre o cuidado de si e a medicina. Embora não fosse uma preocupação exclusiva sua, não há dúvida de que o conjunto de atividades que constitui o trabalho implicado no cuidado de si – exercícios, dietas, regimes de sono e vigília, atividade sexual, cuidados corporais, meditações, leituras – foram formulados principalmente por médicos. Se somarmos a isso que o restabelecimento da saúde é também parte dos imperativos do cuidado de si, mais razão nós teremos para atribuir à medicina o papel de grande responsável pelo desenvolvimento da *epiméleiaheautoû* (AYRES, 2004).

4.2 O CUIDADO DE SI

Percebe-se que o cuidado de si ocorreu de formas diferentes em cada momento histórico, assim como em linguagens diferentes conforme as correntes filosóficas. Para compreendermos a história do cuidado de si realizamos a leitura da obra de vários filósofos do período pré-socrático ao contemporâneo, na tentativa de observar em seus diferentes tempos históricos, como era percebido ou ocorria o cuidado de si.

Para proceder esta análise, partimos do princípio daquilo que objetivamente sustenta o cuidado de si indiferentemente da época ou filósofos, ou seja, os princípios da verdade sobre si e sobre as coisas; a natureza humana e tudo o que ela envolve; a subjetividade e o pensamento (FOUCAULT, 2004b; PLATÃO, 2006; AVRELLA, 2008).

Além do desafio de compreender e relacionar os diferentes momentos da história com a filosofia, existiram outros obstáculos, entre eles, perceber na obra de muitos filósofos a sutileza como se referiam ao cuidado de si da forma como nos propomos analisar nesta tese, exigindo a leitura cuidadosa dos textos. Outro cuidado importante foi a procura e seleção de textos de fontes bibliográficas clássicas, procurando por aqueles que fossem fiéis aos textos e idéias originais dos autores.

Para chegar a estes filósofos e seus textos nos apoiamos inicialmente na cronologia básica e a ordem histórica da filosofia partindo do séc. VI a.C. com o início da filosofia ocidental com Tales de Mileto até os filósofos contemporâneos. Após a análise dos textos de cada filósofo e considerando a ordem e os fatos históricos que as caracterizavam realizamos a extração apenas dos textos que de alguma forma tratava da temática do cuidado de si.

Com esta finalidade foram selecionadas e sistematizadas as ideias dos textos de Parmênides de Eléia e Heráclito de Éfeso no período pré-socrático; Sócrates, Platão, Aristóteles, Epicuro, Epiteto, o Ceticismo, e o Estoicismo no período clássico; O Cristianismo, Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino no período Cristão; René Descartes, Thomas Hobbes, Baruch Spinoza e David Hume no período moderno; e os textos de Kant, Hegel, Nietzsche, Heidegger e Foucault, no período contemporâneo.

4.3 A HISTÓRIA DO CUIDADO DE SI

A história do cuidado de si é representada na Figura 04 abaixo desenvolvida a partir da leitura dos textos que revelam a característica principal de cada período.

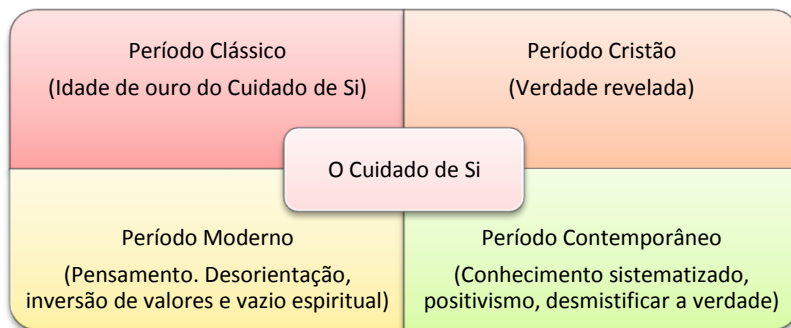


Figura 04: A História do Cuidado de Si

O período pré-socrático que compreende desde o berço da filosofia em Mileto (séc. IV a.C.) até Sócrates, foi marcado pela busca do princípio constitutivo do universo. Considerando o princípio da identidade e da contradição (o que é o ser?) os pensadores da época procuraram desenvolver formas de explicação da realidade natural, do mundo que os rodeava, independentes do apelo das divindades e forças sobrenaturais caracterizando o pensamento naturalista (MARCONDES, 2007).

Neste período houve entre outros, dois filósofos importantes em torno de 500 a.C. que além de suas representações em correntes distintas também influenciaram fortemente as obras dos Socráticos, principalmente Platão.

Parmênides era considerado o Filósofo do Ser (*toeon*), da realidade única, subjacente à pluralidade dos fenômenos. Para ele somente pela via do pensamento, e não a da opinião, é que o homem encontraria a verdadeira realidade. Para o filósofo a afirmação “*Pois pensar e ser é o mesmo*”, leva assim a um único caminho: o ser é, porém o homem deve estar atento, pois em tudo há uma via contraditória para a qual o ser e o não ser são por vezes considerados o

pensamento crítico sobre as coisas na busca da verdade (TOMAS, 2002; MARCONDES, 2007).

Parmênides diz que: *“pois não é possível dizer nem pensar que o não-ser é. Se viesse do nada, qual necessidade teria provocado seu surgimento mais cedo ou mais tarde? Assim, pois, é necessário ser absolutamente ou não ser. A decisão sobre este ponto recai sobre a seguinte afirmativa: ou é ou não é. Decidida está, portanto, a necessidade de abandonar o primeiro caminho, impensável e inominável (não é o caminho da verdade); o outro, ao contrário, é presença e verdade”* (MARCONDES, 2007 p.14).

O filósofo Heráclito, diferentemente de Parmênides, parte do movimento como a questão mais básica em nosso atendimento do real. Sua concepção é considerada dialética, pois vê no conflito entre os opostos a causa do movimento.

Em *“Fragmentos – o mobilismo”*, Heráclito nos apresenta de várias formas o movimento, os contrastes, as relações e correlações que o homem experimenta analisando cada coisa segundo a sua natureza e interpretando-a como é. Em relação às reflexões sobre a verdade e o pensamento, Heráclito descreve nos seguintes fragmentos que: 112. *“Pensar sensatamente é a mais elevada perfeição; a sabedoria consiste em dizer a verdade e agir de acordo com a natureza, ouvindo a sua voz”*. 113. *“O pensar sensatamente é comum a todos”*. E 116. *“Todos os homens podem conhecer a si mesmos e pensar sensatamente”*(SCHÜLER, 2000; MARCONDES, 2007 p.17). Resumindo, podemos dizer que no período pré-socrático o interesse filosófico era voltado para o mundo da natureza. A via do pensamento como busca da verdade e da realidade aos poucos foi surgindo.

4.3.1 O cuidado de si no período clássico

No Período Clássico a temática do cuidado de si foi consagrada por Sócrates (469–399 a. C.), que colocou a problemática do cuidado de si no centro de suas reflexões provocando posteriormente uma verdadeira cultura do cuidado de si nos Séculos I e II sendo estes considerados como a idade de ouro do cuidado de si(CASTRO, 2004).

Sócrates tinha a preocupação com o saber, com o homem e o significado da existência humana e buscava o conhecimento através do

diálogo, da ironia e da maiêutica. Por meio de perguntas e respostas ele procurava abrir os olhos das pessoas em relação a si mesmas – costumes pelos quais decretaram a sua morte por “não acreditar nos deuses e corromper a juventude”(CASTRO, 2004).

A Apologia ou a Defesa de Sócrates é centrada na preocupação de Sócrates em examinar e refutar as acusações que pairam sobre ele, retratando sua vida e mostrando o verdadeiro significado de sua missão. Sócrates nesta fase proclama os cidadãos dizendo: “*Não tenho outra preocupação senão a de vos persuadir a todos, tanto velhos como novos, de que cuideis menos de vossos corpos e de vossos bens do que da perfeição de vossas almas...*” (AVRELLA, 2008 p. 54).

Encontramos também alusão ao cuidado de si nos principais textos de Platão, em especial em Alcebiades I, apontado como um dos pontos de partida da história do cuidado de si mesmo na antiguidade. Neste texto a problemática do cuidado de si aparece em relação a três questões: a política, a pedagogia e o conhecimento de si. Com a pergunta “O que significa ocupar-se consigo?” surge o que poderia denominar-se o momento construtivo do platonismo, ou seja, a subordinação do cuidado ao conhecimento e o entrelaçamento das práticas de cuidado e o conhecimento (CASTRO, 2004; PLATÃO, *sd*). Em vários trechos do diálogo de Alcebiades estão descritas sentenças como: “é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidado contigo mesmo” (PLATÃO, *sd*).

No *Banquete*, que trata do amor (*Eros*) como desejo de beleza, de imortalidade, de sabedoria como processo de elevação da alma em busca da perfeição. Na *República – A Alegoria da Caverna*, Platão formula seu modelo ideal de cidade e investiga o conhecimento da justiça e do próprio conhecimento. Platão explica o processo pelo qual o indivíduo passa ao se afastar do mundo do senso comum e da opinião em busca do saber e da visão do Bem e da Verdade. A partir desta visão os prisioneiros tornam-se sábios e passam a ter a tarefa político-pedagógica de indicar a seus antigos companheiros o caminho do conhecimento e da verdade (MARCONDES, 2007).

Ainda no período clássico, Aristóteles descreve no *Tratado da Alma – A natureza da Alma* a primeira investigação sistemática de questões sobre a natureza da alma (*psyché*). Aponta que o conhecimento da alma deve ser considerado de grande valia para o entendimento mais completo da verdade e especialmente da natureza humana (MARCONDES, 2007).

O cuidado de si também é identificado no pensamento epicurista que ensina uma modalidade de prazer que não se confunde com a

disciplina masoquista. Na concepção de Epicuro, a felicidade é decorrência do prazer; de um prazer que nasce da saúde do corpo e da serenidade do Espírito. Este estado de alma é atingido, segundo seus ensinamentos, pelo conhecimento e controle dos desejos, dentre outras posturas diante da vida. A sua *Carta sobre a felicidade*, dirigida a um de seus mais fiéis discípulos - Meneceu, deixa bem clara a sua concepção de prazer, simultaneamente físico, intelectual, estético e espiritual:

“Consideremos também que, dentre os desejos, há os que são naturais e os que são inúteis; dentre os naturais, há uns que são necessários e outros, apenas naturais; dentre os necessários, há alguns que são fundamentais para a felicidade, outros, para o bem-estar corporal, outros, ainda, para a própria vida. E o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo” (EPICURO, 1997; p.10).

Epiteto, diferente dos filósofos estoicos que tinham como ponto de partida o estudo da natureza, defendia a liberdade humana enquanto liberdade de pensamento, onde a sabedoria e a felicidade estariam na aceitação da ordem natural das coisas tais como são e como foram criadas por Deus. Para Epiteto a liberdade restringia-se ao pensamento (JAPIASSÚ e MARCONDES, 2001).

Ainda no período clássico, o ceticismo surge e é caracterizado como a doutrina que afirma que não se pode obter nenhuma certeza a respeito da verdade, inclusive a verdade sobre si, até então vista como sustentação para o cuidado de si, o que implica uma condição intelectual de dúvida permanente e na admissão da incapacidade de compreensão de fenômenos metafísicos, religiosos ou mesmo da realidade. Dividido na corrente filosófica e científica, tem na primeira uma postura em que as pessoas escolhem examinar de forma crítica se o conhecimento e a percepção que possuem são realmente verdadeiros, e se alguém pode ou não dizer se possui o conhecimento verdadeiro. A corrente científica adota, como refere o nome, uma postura científica e prática, em que alguém questiona a veracidade de uma alegação e procura prová-la ou desaprová-la usando o método científico (SMITH, 2000; DUTRA, 2005).

A escola estóica fundada no séc. III a.C. por Zenão de Cítio ao lado do aristotelismo foi a doutrina que maior influência exerceu na história do pensamento ocidental integrando doutrinas modernas e contemporâneas. Assim como o epicurismo e o estoicismo, o epicurismo compartilhava da idéia da supremacia da moral sobre as teorias e o conceito da filosofia como vida contemplativa acima das ocupações, das preocupações e das emoções da vida comum. Entre os principais fundamentos do ensinamento estóico estão a divisão da filosofia em lógica, física e ética; a concepção da lógica como dialética ou o raciocínio hipotético; e o conceito de uma Razão divina que rege o mundo e todas as coisas segundo uma ordem necessária e perfeita (ABBAGNANO, 2003).

4.3.2 O cuidado de si no período cristão

O período cristão consistia na crença irrestrita ou na adesão incondicional às verdades reveladas por Deus aos homens. Verdades expressas nas *Sagradas Escrituras* (Bíblia) e devidamente interpretadas segundo a autoridade da Igreja. No plano cultural, a Igreja exerceu amplo domínio, traçando um quadro intelectual em que a fé cristã era o pressuposto fundamental de toda sabedoria humana.

De acordo com a doutrina católica, a fé representava a fonte mais elevada das verdades reveladas, especialmente aquelas verdades essenciais ao homem e que dizem respeito à sua salvação. Assim, toda investigação filosófica ou científica não poderia, de modo algum, contrariar as verdades estabelecidas pela fé católica. Segundo essa orientação, os filósofos não precisavam se dedicar à busca da verdade, pois ela já havia sido revelada por Deus aos homens. Restava-lhes, apenas, demonstrar racionalmente as verdades da fé (LENTSMAN, 1988).

Por outro lado, haviapensadores cristãos que defendiam o conhecimento da filosofia grega, na medida em que sentiam a possibilidade de utilizá-la como instrumento a serviço do cristianismo. Conciliado com a fé cristã, o estudo da filosofia grega permitiria à Igreja enfrentar os descrentes e demolir os hereges com as armas racionais da argumentação lógica. O objetivo era convencer os descrentes, tanto

quanto possível, pela razão, para depois fazê-los aceitar a imensidão dos mistérios divinos, somente acessíveis à fé.

Sob a influência da Igreja, as especulações se concentram em questões filosófico-teológicas, tentando conciliar a fé e a razão. Entre os grandes nomes da filosofia católica medieval destacam-se Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino tidos como responsáveis pelo resgate cristão das filosofias de Platão e de Aristóteles (LENTSMAN, 1988).

Santo Agostinho (354 – 430) foi o primeiro grande pensador a elaborar uma síntese sistemática entre a tradição filosófica grega e o platonismo e o cristianismo. Em seus textos aparecem como temas centrais a natureza do bem e do mal, a questão da linguagem e problema da verdade e do conhecimento, e a relação do homem com Deus (AGOSTINHO, 1991).

O pensamento agostiniano considera histórica e sistematicamente a verdade como o ponto de partida preocupando-se com a possibilidade da verdade absoluta no curso de sua vida pressupondo que a verdade deve ser sempre necessária e eterna. Para ele o tema não parte, como a filosofia antiga, das verdades transcendentais, mas de fatos de evidência imediata, dos dados da consciência, como o fará mais tarde Descartes descobrindo um novo gênero de verdades: as verdades de consciência. Segundo Agostinho podemos duvidar do mundo exterior da consciência dizendo: *Mas "quem duvidará que vive, lembra-se, entende, quer, pensa, conhece e julga? pois, se duvida, vive.... se duvida, sabe que não sabe com certeza; se duvida, sabe que não pode dar o seu assentamento temerariamente"* (De Trin., X, 10 in HIRSCHBERGER, 2009).

Agostinho vai além das verdades de ordem ideal, como a matemática. Foi precursor do *cogito ergo sum* cartesiano, como também anunciou a teoria de Hume sobre o valor da percepção sensível, e a distinção de Leibniz, sobre verdades de fato e verdades de razão.

Ao buscar outra fonte da verdade, achou-a no espírito do homem. *"Não procures fora! Volta-te para ti mesmo! No interior do homem é que habita a verdade. E se achares que também a tua própria natureza é mutável, então transcende-te a ti mesmo"* (De vera rei. cap. 39, nº 72). Embora pense que o entendimento do espírito *não cria a verdade, mas a encontra* (De vera rel. cap., 39, nº 73) e que o espírito não tem em si mesmo a sua razão de ser, mas está em permanente dependência de um ser superior: "tudo quanto o entendimento acha ser verdadeiro não o deve a si mesmo" (De serm. Domini in monte II, 9, 32 in HIRSCHBERGER, 2009).

A verdade coincide com as idéias eternas existentes na mente divina, as quais *rationes*, *ideae*, *species aeternae* constituem propriamente a essência da verdade onde Agostinho afirma que Deus é a verdade - assumindo uma realidade ontológica: "a verdade é o que é" (*verum est id quod est*), onde o "o que é" já não significa a concordância do juízo com a realidade, mas com os exemplares primeiros na mente de Deus. Neles vê Agostinho, como Platão, o ser verdadeiro, o "ser em verdade" (HIRSCHBERGER, 2009).

Santo Tomás de Aquino (1225-74) tem, no período final da idade média importante semelhança a de Santo Agostinho no seu início. Santo Tomás de Aquino tem em suas obras importante influência do pensamento de Aristóteles reconhecida pela novidade da valorização do conhecimento natural em face da fé. Para Santo Tomás de Aquino a ciência não é valorizada somente como auxiliar da teologia, mas é algo independente e com os seus direitos próprios. Adverte que ao lado da luz natural (filosófica) também há lugar para o sobrenatural (teológica) (TOMAS, 2002; HIRSCHBERGER, 2010).

Para o tomismo há entre a teologia sacra e a filosofia natural, antes a colaboração do que separação. Era entendido que a teologia sacra podia ajudar a filosofia natural, que repousa somente no raciocínio a partir da experiência, mostrando-lhe certos resultados que ela deva atingir e que são dificilmente acessíveis à maioria dos homens, em razão da dificuldade dos estudos científicos. Inversamente o método filosófico ajudava poderosamente a teologia sacra, permitindo-lhe "exibir as riquezas da fé". Para Santo Tomás de Aquino não se deve confundir as verdades da fé (*credenda*), indispensáveis para a salvação, e a própria revelação, onde as primeiras são mais extensas que a segunda (HUISMAN, 2001 p.979).

Antigos filósofos acreditavam que era verdade somente o que poderia ser visto. Tomás de Aquino afirma que a descoberta da verdade vai além do que é visível; questiona que a verdade era todas as coisas porque todas são reais, visíveis ou invisíveis, concordando e aprimorando Agostinho quando diz que "*A verdade é o meio pelo qual se manifesta aquilo que é*". A verdade está nas coisas e no intelecto, e, ambas convergem junto com o ser. O "não-ser" não pode ser verdade até o intelecto a tornar conhecida, ou seja, isso é apreendido através da razão. Aquino chega à conclusão que só se pode conhecer a verdade se você conhece o que é o ser.

Objetivamente o cuidado de si no período cristão era visto como algo pronto, revelado por Deus aos homens com verdades já interpretadas, sendo estas verdades os pressupostos a toda sabedoria

humana. Neste período se reconhece também o deslocamento do cuidado de si pelos princípios da verdade sobre si, a natureza humana, a subjetividade e o pensamento.

4.3.3 O cuidado de si no período moderno

A passagem da concepção tradicional, teísta², à concepção moderna, imanentista, representa teoricamente uma ruptura. O pensamento moderno, especialmente o pensamento da Renascença, fundamenta seu precedente lógico no panteísmo neoplatônico, que após ter-se afirmado como extrema expressão do pensamento clássico permanece através de todo o pensamento cristão em tentativas mais ou menos ortodoxas de síntese entre cristianismo e neoplatonismo. De outra forma, o pensamento tradicional, helênico-escolástico, aristotélico-tomista, encontrará nos grandes valores da civilização moderna - a ciência natural, a técnica, a história, e a política, sua integração lógica.

Em parte da Idade Média, em que a religião e civilização, teologia e filosofia, Igreja e Estado, clero e laicado, estavam ligados a transcendente unidade cristã, foi modificado pelo humanismo imanentista, que constitui o espírito característico do pensamento moderno. Este pensamento começa com a prevalência dada aos interesses e aos ideais materiais e terrenos, com o conseqüente esquecimento dos interesses e ideais espirituais e religiosos, e torna-se completo com a justificação dos primeiros e a exclusão dos segundos (DONALD, 1999).

René Descartes (1596 – 1650) adota uma posição dualista acerca da natureza do corpo e da alma, dando forte ênfase à subjetividade na análise do processo do conhecimento pelo rigor analítico e argumentativo. Em “*Meditações Metafísicas*” Descartes centra-se no pensamento e o utiliza como forma de refutar o ceticismo e diz que “a

² O teísmo caracterizava a Doutrina que afirma a existência de um Deus único, onipotente, onipresente e onisciente, criador do universo, tal como na tradição judaico-cristã. Já o imanentismo é uma forma de panteísmo, identificando Deus com o Uni-verso, ou considerando-o presente em todas as coisas, ou na natureza (JAPIASSÚ e MARCONDES, 2001).

dúvida é uma forma de pensamento, portanto duvidar é pensar”. Isto mostra que a existência do pensamento não pode ser colocada em dúvida e se há o pensamento há o ser pensante – “Penso, logo existo” considerado elemento essencial para o conhecimento da verdade sobre si e sobre as coisas. No “*Discurso do Método – A Formação do Filósofo*”, Descartes defende a necessidade de rompermos com o saber adquirido, que naquele momento incluía as teorias escolásticas e a ciência antiga, para pensarmos por nós mesmos. No mesmo texto, em “*A moral provisória*”, a questão da moral e a decisão sobre o que é certo ou errado, Descartes apresentou as regras de uma moral provisória adotada até que uma verdadeira ciência da moral surgisse, baseada na investigação da natureza humana (MARCONDES, 2007).

Thomas Hobbes (1588 – 1679) foi um empirista inglês e em sua obra se encontram temas fundamentais sobre a natureza humana. Para ele “a origem de todo conhecimento é a sensação”, princípio que origina o conhecimento dos próprios princípios onde a imaginação é um agrupamento inédito de fragmentos de sensações e a memória nada mais é do que o reflexo das antigas sensações. Na filosofia de Hobbes a percepção é descrita como resultado mecânico das excitações transmitidas pelo cérebro e a moral se reduz ao interesse e à paixão. Como fonte de nossos valores, Hobbes aponta o instinto de conservação ou, mais exatamente, de afirmação e de crescimento de si próprio, a liberdade, – esforço próprio a todos os seres para unir-se ao que lhes agrada e fugir do que lhes desagrade, tema também encontrado no spinozismo.

Em relação à condição humana e a liberdade, importantes para o cuidado de si, Hobbes na primeira parte da obra - *Leviatã*, considera que “o direito natural que os escritores comumente chamam de *Jus naturale* é a liberdade que tem cada um de se servir da própria força segundo sua vontade, para salvaguardar sua própria natureza, isto é, sua própria vida”. Para Hobbes a condição humana é uma condição de guerra de cada um contra um, resultando na situação que cada um tem direito sobre todas as coisas, mesmo até o corpo dos outros (BERNARDES, 2002).

Baruch Epinoza (1632 – 1677) filósofo conhecido por seu espírito crítico e defensor da liberdade de pensamento, revela sua concepção do sistema filosófico, bem como seu emprego do método geométrico para a demonstração das verdades que busca. Spinoza divide sua principal obra “*Ética*” em cinco partes que tratam de Deus, da mente, das emoções, da servidão humana, dos poderes do intelecto e da liberdade. No texto que trata de Deus, Spinoza afirma a existência de uma substância única, divina e infinita que se identifica com a natureza, justificando a fórmula “Deus ou a Natureza”. A concepção do filósofo

sobre a natureza é determinista, a realidade é vista como necessária, sendo que Deus, como princípio metafísico, é a causa primeira o que dá unidade à realidade natural. Na parte IV da *Ética*, que trata da servidão humana, Spinoza introduz seus conceitos de ética com base no ser, a causalidade e a natureza humana intelectual e emocional. A servidão humana consiste, segundo o filósofo, na submissão a nossas paixões, ao passo que a liberdade humana consiste na libertação por meio do intelecto, condição esta para o conhecimento de si. Sua concepção é fortemente racionalista, e o exercício da liberdade e da conduta ética pressupõe o entendimento da condição humana (HUISMAN, 2001; MARCONDES, 2007).

David Hume (1711 – 1776) foi considerado cético, sobretudo devido a sua crítica radical à subjetividade bem como ao princípio da causalidade ou a unidade do mundo natural. Na sua obra *“Tratado sobre a natureza humana”* ele afirma que o eu (*self*) não existe e que consiste apenas em um feixe de percepções, pois todas as idéias tem sua origem na impressão sensível que temos de um determinado momento. Da mesma forma, para Hume a origem das idéias é atribuída à experiência sensível, sendo que quanto mais próximas da percepção que as originou, mais nítidas e precisas são as idéias conforme descrito na obra *“Uma investigação sobre o entendimento humano”* (MARCONDES, 2007).

De modo geral, nota-se que as transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo da tradição e das estruturas de períodos anteriores. Trevisol (2004, p. 15), ao falar do homem moderno, diz que este “não somente sofre a falta de sentido na vida presente, como também o medo do futuro e, em conseqüência, a facilidade de alimentar a fantasia”. Rojas (1996) denomina esse fenômeno de “socialização da imaturidade”, que, segundo ele, é definido por três elementos: desorientação, inversão de valores e vazio espiritual.

4.3.4 O cuidado de si no período contemporâneo

O pensamento filosófico contemporâneo começa com as obras de Immanuel Kant (1724 – 1804) e chega até nossos dias. Kant imprimiu uma nova orientação à atividade especulativa da humanidade, encaminhando-a decididamente pelos caminhos do idealismo e do subjetivismo. Discute a questão gnoseológica (Teoria do conhecimento

em geral) adotando uma solução imanentista (o que está contido na natureza de um ser) que influi profundamente no pensamento posterior. Para ele, o conhecimento não é apenas resultante da atividade investigadora, mas o sujeito traz consigo algumas categorias mentais que torna possível o conhecimento e a própria sistematização do conhecimento (REIS, 2006).

O pensamento contemporâneo posterior a Kant manifesta, antes de tudo, duas tendências aparentemente opostas, mas, no fundo, filhas de uma mesma estrutura - o pensamento imanentista. A primeira tendência refere-se ao pensamento idealista de Hegel que nega a objetividade do conhecimento e reduz o ser ao pensamento. A segunda, o positivismo, é contrário ao idealismo por entender que o conhecimento é fruto de uma experiência real à qual o sujeito se submete.

Kant em sua obra "*Crítica da Razão Pura*" de 1782, defende a proposta de uma filosofia crítica visando superar a dicotomia entre racionalismo e empirismo, examinando as condições de possibilidade da experiência humana do real e fundamentar a pretensão ao conhecimento, demarcando os casos legítimos em que se produz conhecimento dos casos em que a pretensão ao conhecimento é infundada. Kant considera, ao contrário do que propunha a filosofia tradicional, que os objetos de nosso conhecimento devem conformar-se à nossa estrutura cognitiva, e não o conhecimento à natureza do objeto. No início da "*Crítica da Razão Pura*" Kant apresenta as questões fundamentais acerca da possibilidade do conhecimento em três seções: a Estética, que trata das formas puras da sensibilidade, espaço e tempo, que nos permitem percepções sobre objetos do mundo externo; a Analítica, que examina a estrutura de nosso entendimento a partir da qual determinamos conceitualmente aquilo que percebemos espaço temporalmente; e a Dialética, que examina os usos da razão em que não obtemos conhecimento (HUISMAN, 2001; MARCONDES, 2007).

Para Hegel (1770 – 1831) a filosofia deve examinar a consciência como resultado de um processo de formação, mas também de seu lugar na história, já que é formada pela cultura a que pertence. A obra de Hegel é fortemente sistemática, procurando dar conta dos últimos aspectos do saber humano em busca da verdade e em sua direção ao absoluto, o que constitui em última análise sua finalidade. Em seu texto, a "*Fenomenologia do Espírito*" Hegel nos trás uma análise dialética do processo de formação da consciência como determinado pela relação com o outro. A relação entre as duas consciências, impondo-se ao outro como sujeito e suas subjetividades, mas que se visam mutuamente como objeto, trata-se da luta que as consciências travam entre si. Segundo

Hegel “...o duplo sentido do diferente reside na própria essência da consciência-de-si: (pois tem a essência) de ser infinita, ou de ser imediatamente o contrário da determinidade na qual foi posta. O desdobramento do conceito dessa unidade espiritual, em sua duplicação, nos apresenta o movimento do reconhecimento”(HEGEL, 1992 p.178).

Para Nietzsche (1844 – 1900) a liberdade não é mais que a aceitação consciente de um ensino necessitante. O homem libertado de qualquer vínculo, senhor de si mesmo e dos outros, o homem desprezador de qualquer verdade estabelecida ou por estabelecer e apto a viver em todo os seus atos, era o ideal apontado por ele para o futuro da humanidade. No ensaio “*Sobre a verdade e a mentira em sentido extramoral*”, Nietzsche afirma que aquilo que consideramos verdade é mera “armadura de metáforas, metonímias e antropomorfismos”. Seu objetivo é desmistificar a “verdade”, revelando-a como um conceito fabricado, criado histórica e socialmente (MARCONDES, 2007).

Para Nietzsche o problema da origem do instinto de verdade está ligado ao da origem da linguagem, pois segundo ele ser verídico é utilizar metáforas usuais e obrigatórias. A verdade é desenvolvida e aprofundada em *Gaia Ciência* publicada em 1882 ganhando desde então papel capital no pensamento de Nietzsche. Nesta obra o autor aponta que a crença na ciência nasceu “a despeito de a inutilidade e o perigo da vontade de verdade, de verdade a qualquer custo, serem constantemente demonstrados (...)”. (HUISMAN, 2001 p.729).

Heidegger (1889 – 1976), em sua tese “*Ser e Tempo*”, aborda o esquecimento do ser na filosofia ocidental. Em um dos trechos centrais deste texto, Heidegger examina a relação originária entre verdade e ser, analisando a verdade como manifestação do ser, o que seria para ele o sentido literal do termo grego *aletheia* (verdade). Mostra também que desde Aristóteles até a modernidade, a verdade passa a ser considerada uma propriedade de proposições, definindo-se como a adequação ou correspondência entre a proposição e o real, tendo, portanto, um sentido lógico e epistemológico e não mais essencialmente ontológico (MARCONDES, 2007).

Na obra de Foucault (1926 – 1984) o tema do cuidado de si mesmo foi abordado de forma específica durante o curso ministrado no Collège de France nos anos de 1981 e 1982, e publicado no Brasil sob o nome de “*A hermenêutica do sujeito*”, embora tenha também abordado a temática em outras obras (FOUCAUL, 2004; BUB *et all*, 2006).

Foucault distingue a filosofia e a espiritualidade como coisas distintas e essenciais ao cuidado de si mesmo. A filosofia como forma de pensamento que determina as condições de acesso do sujeito à

verdade. A espiritualidade é a pontada como a busca das práticas, das experiências por meio das quais o sujeito se modifica para ter acesso à verdade. A verdade não se oferece imediatamente ao sujeito por um ato de conhecimento, implica em uma conversão (*Eros* ou *áskesis*); o acesso à verdade produz certos efeitos sobre o sujeito.

Para Foucault a modernidade começa quando o acesso à verdade passa a ser uma questão de conhecimento que certamente implica em condições internas (método) e externas (consenso em estudos), mas que não envolvem o sujeito em sua estrutura interna. Em outras palavras, a modernidade começa quando a verdade se vê incapaz de salvar o sujeito (CASTRO, 2004).

As diferentes formas e abordagens sobre o cuidado de si ao longo da história e da filosofia. No período pré-socrático o pensamento e posteriormente a relação dele com a verdade surgem como marcos iniciais do cuidado de si. Na seqüência, temos no período clássico o momento filosófico mais significativo do cuidado de si claramente encontrado nas obras de Sócrates e Platão. A busca da verdade e das suas bases como o prazer, a felicidade, a natureza das sensações e a própria dúvida sobre a verdade tornaram-se o eixo norteador deste período. No Cristianismo, as formas de pensar se modificam passando às verdades reveladas apenas por Deus aos homens, trazendo discussões sobre o certo e o errado, sobre o bem e o mal, o problema do conhecimento, e a relação do homem com Deus. Neste período as questões divinas estão acima das questões do homem, ficando o cuidado de si relegado, sendo a espiritualidade o aspecto principal da existência humana.

No pensamento moderno surgem manifestações inversas ao período anterior passando agora à interesses e ideais materiais e terrenos em relação aos ideais espirituais e religiosos. Neste período o pensamento, a moral, a liberdade, a natureza do corpo e da alma, a ética e o entendimento da condição humana passam a ser os elementos chaves na origem do conhecimento sobre as coisas e sobre a natureza humana. A teoria do conhecimento, a sistematização do conhecimento e as formas as quais o homem chega a ele são questões filosóficas marcantes no início do período contemporâneo. A negação da objetividade do conhecimento e a redução do ser ao pensamento; a desmistificação da verdade e a liberdade do homem em relação às verdades pré-estabelecidas surgem como forma de certo rompimento com estes conceitos teóricos que por vezes implicavam no distanciamento do sujeito de si próprio. Nota-se nas obras de Heidegger e Foucault o resgate claro da temática do cuidado de si quando nos é novamente

demonstrado o pensamento como forma de acesso do sujeito a verdade. Que para o sujeito ter acesso à verdade necessita da modificação pela espiritualidade; e que a verdade passa a implicar em conversão do sujeito, ou como forma de salvar o sujeito. Após esta breve análise sobre a temática do cuidado de si, nos atrevemos a apontar o pensamento, a liberdade, a verdade, e o conhecimento como aspectos que sustentam o cuidado de si ao longo da história e da filosofia, daí sua relevância enquanto tema de nosso estudo.

4.4 A CULTURA DE SI, AS TÉCNICAS E AS PRÁTICAS DE SI

Da mesma forma como no tema da Condição Humana, foram sistematizadas as diversas leituras sobre o tema do cuidado e da cultura de si, das técnicas e das práticas de si, possibilitando o desenvolvimento do quadro resumo abaixo (Quadro 02) com os principais aspectos encontrados que são melhores explorados no texto em sequência.

| O Cuidado de Si | |
|--|---|
| Modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro | |
| Forma de atenção, de olhar. | |
| Reflexão sobre os modos de vida, sobre a eleição da existência, sobre a maneira de regular a conduta | |
| Apropriação | |
| Escolha de modo de vida | |
| Ações que são exercidas de si para consigo | Transformação |
| Tecnologia da verdade - se produz | <i>Événement</i> |
| <i>Ascese</i> | Estabelecer um vínculo entre o sujeito e a verdade |
| Ritos de purificação | Rito necessário e prévio ao contato não apenas com os deuses, mas com aquilo que os deuses podiam dizer as pessoas como verdadeiro |
| Técnicas de concentração da alma | Buscava evitar que a alma se dispersasse, que se expusesse ao perigo exterior, que alguma coisa a atingisse. Existia a preocupação de recolhê-la, reuni-la, fazê-la refluir sobre si mesmo a fim de conferir-lhe um modo de existência, uma |

| | |
|--|--|
| Técnicas de concentração da alma | solidez que lhe permitiria permanecer, durar, resistir ao longo de toda a vida a não se dissipasse no momento que a morte chegasse |
| Técnicas de retiro | Conhecido entre os gregos como <i>anakhóresis</i> compreendia uma maneira de desligar-se, de ausentar-se (mas sem sair do lugar) do mundo no qual se está situado cortando, de certo modo, o contato com o mundo exterior, sem sentir as sensações e o agito com tudo o que se passava em torno de si. |
| <p data-bbox="188 651 461 705">Exercícios ou prática da resistência</p> <p data-bbox="188 874 474 900">Exercícios de abstinência</p> | <p data-bbox="613 651 997 868">Está vinculada a concentração da alma e as técnicas de retiro (<i>anakhóresis</i>) em si mesmo, e almejava-se suportar as provações dolorosas e difíceis, ou ainda, resistir às tentações que possam advir.</p> <p data-bbox="613 906 986 1225"><u>Para os epicuristas:</u> tratava-se de mostrar de que maneira, nessa satisfação das mais elementares necessidades, podia-se encontrar um prazer mais pleno, mais puro, mais estável do que nas volúpias experimentadas com o que era supérfluo; e a provação fixava o limiar a partir do qual a privação podia fazer sofrer.</p> <p data-bbox="613 1232 1005 1449"><u>Para os estóicos:</u> tratava-se de se preparar para as privações eventuais descobrindo, finalmente, o quanto era fácil abster-se de tudo aquilo a que o hábito, a opinião, a educação, o cuidado com a reputação, o gosto pela ostentação</p> |

| | |
|---|---|
| Exercícios de abstinência | <p>nos tinha apegado. Eles queriam mostrar que podemos ter sempre a nossa disposição o indispensável e que era preciso preservar-se de toda apreensão quando se pensa nas privações possíveis.</p> <p>“Pequenos estágios de pobreza fictícia” (Sêneca).</p> |
| Preparação purificatória para o sono e o exame de consciência | <p>Consistiam em escutar música, respirar perfumes, praticar o exame da consciência, reconstituir o dia lembrando as faltas cometidas e neste ato de memória, expurgá-las e dela se purificar.</p> |
| Exame da consciência | <p>O exame da manhã servia para considerar as tarefas e obrigações do dia a fim de se ficar suficientemente preparado para elas.</p> |
| Trabalho do pensamento sobre ele mesmo | <p>O exame da noite era consagrado a memorização do transcorrido. “De qual falta ficaste curado; que vício combatestes; no que ficaste melhor?” (Sêneca).</p> <p>Ele deve ter a forma de uma filtragem permanente das representações: examiná-las, controlá-las e triá-las. Mais do que um exercício feito em intervalos regulares é preciso tomar uma atitude constante em relação a si próprio.</p> |
| Técnica de provação | <p>Consistia em organizar em torno de si, em buscar alguma coisa, alguma situação que tivesse força de tentação e se buscava passar pela prova para saber se se era capaz de resistir.</p> |

| | |
|---|--|
| Procedimentos de provação | Tem como duplo papel fazer avançar na aquisição de uma virtude e medir o ponto a que se chegou. Abster-se do supérfluo. |
| Tempo livre | <i>Skholé</i> ou <i>Otium</i> |
| <i>Parrhesía</i> | Liberdade da palavra era possível se chegar às verdades da natureza e por consequência às verdades sobre si – discurso verdadeiro - A ética e a técnica do silêncio, da escuta, da leitura são exercícios de subjetivação do discurso verdadeiro |
| <i>Noção de conversão</i> | Fazer a volta em direção a si mesmo, de retorno a si, de volta para si mesmo |
| Ocupar-se de si | Cuidados com o corpo, os regimes de saúde, os exercícios físicos sem excesso, a satisfação, tão medida quanto possível, das necessidades. Existem as meditações, as leituras, as anotações que se toma sobre livros ou conversações ouvidas e que mais tarde são relidas, a rememoração da verdade que já se sabe mas de que convém apropriar-se ainda melhor. |
| Conversas com um confidente, com amigos, com um guia ou diretor | Solicita conselhos e provoca o preceptor a re-atualizar a si próprio: em torno dos cuidados consigo toda uma atividade de palavra e de escrita se desenvolveu, no qual se ligam o trabalho de si para consigo e a comunicação com outrem – constituição de uma prática social. |
| <u>O objetivo comum das práticas de</u> | <u>Modificação de atividade:</u> nas |

si, através das diferenças que elas apresentam, pode ser caracterizado pelo princípio do bem geral da conversão a si.

Essa relação consigo, que constitui o termo de conversão e o objetivo final de todas as práticas de si, diz respeito ainda a uma ética do domínio.

atividades é preciso ter, convém manter em mente que o fim principal a ser proposto para si próprio deve ser buscado no próprio sujeito na relação de si para consigo – implica em deslocamento do olhar.

Quadro 02: O Cuidado de Si

A Cultura de si e as práticas de si são tratadas por Foucault especialmente nos volumes 2 e 3 da *História da Sexualidade*. O foco da investigação recai sobre a sexualidade como um domínio moral e problematizada como uma questão moral em textos escritos como guia para os outros. Dos estudos históricos sobre a cultura grega clássica do século IV a.C. e retratada no volume 2 - *O uso dos prazeres*, e no Império Romano nos dois primeiros séculos da era cristã, descritos no volume 3 - *O cuidado de si*, emerge a moralidade sexual em uma concepção particular de ética que Foucault atribui à Antiguidade.

A ética diz respeito à maneira como a pessoa forma a si mesma como um sujeito de moralidade, agindo em referência a seus elementos prescritivos onde as regras morais são adotadas e problematizadas por sujeitos. Foucault manifesta o potencial da ética como uma prática pessoal em nossa sociedade secular provocando o repensar da ética e do sujeito tendo como foco as formas do eu: as formas de entendimento que o sujeito cria sobre si as práticas mediante as quais ele transforma seu modo de ser (OKSALA, 2011).

Este novo modo de pensar e de ser implica em uma nova cultura que teve seu apogeu nos primeiros dois séculos da época imperial com o desenvolvimento do que se chamou de “cultura de si”, na qual foram intensificadas e valorizadas as relações de si para consigo. Esta cultura de si era caracterizada pelo fato da arte da existência, a *téchnetoûbíouem* suas diferentes formas, se encontra dominada pelo princípio segundo o qual é preciso ter cuidados consigo. É esse princípio do cuidado de si que fundamenta a sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a sua prática (FOUCAULT, 1985).

A técnica que aqui nos referimos, a “*téchnetoûbíou*”, é aquela que coincide com o sentido geral de arte, a técnica da vida ou técnica da

existência, que compreende qualquer conjunto de regras aptas a dirigir eficazmente uma atividade qualquer, estendendo seu campo a todas as atividades humanas, ou seja, a *vida* (ABBAGNANO, 2003).

Para os Antigos, a *téchnetoûbíou* se aplicava à vida reconhecida como passageira, mortal, tendo então que ser concebida e vivida como uma verdadeira obra de arte justificando seu sentido. Existia para eles como problema a procura da *téchne* adequada a possuir a fim de viver bem. Esta prática, a *téchnetoûbíou*, se converteu posteriormente na chamada *téchnede* si mesmo.

No contexto deste estudo, a tecnologia de si implica na reflexão sobre os modos de vida, sobre a eleição da existência, sobre a maneira de regular a conduta, de fixar para si mesmo os fins e os meios (FOUCAULT, 2006). Nesta reflexão a verdade tem papel importante no conhecimento de si, sendo necessária a sua apropriação como condição para o cuidado de si.

A tecnologia da verdade, segundo Foucault, está profundamente ancorada em nossa civilização, segundo a qual a verdade não é algo que nos espera passivamente como se acreditava a princípio, mas que se produz. Para Foucault a verdade não seria da ordem do que é, mas acontecimento (*événement*); a verdade não se dá pela mediação dos instrumentos, sendo provocada mediante rituais; é atraída pelas astúcias, captada de acordo com a ocasião, é estratégia e não método (CASTRO, 2009).

Segundo o mesmo autor, a *ascese* tinha por papel e por função estabelecer um vínculo entre o sujeito e a verdade, portanto, a *ascese* constituía o sujeito como sujeito de veridicção.

Já havia no período pré-socrático toda uma tecnologia de si que estava em relação com o saber, que se tratava de conhecimentos particulares, do acesso global à verdade. A necessidade de por em exercício uma tecnologia de si para ter acesso à verdade é uma idéia manifestada na Grécia arcaica e em muitas civilizações, senão em todas. O cuidado de si deve consistir no conhecimento de si, como já descrito. O *Gnôthiseautón* no sentido pleno marcado como um dos momentos decisivos do texto *Alcebiades I* constitutivo do platonismo e, justamente, um episódio essencial na história das tecnologias de si, na longa história do cuidado de si, e que teve peso durante a civilização grega, helenística e romana (FOUCAULT, 2004b).

A cultura de si implica em um trabalho que é preciso realizar sobre si mesmo, “através dos exercícios de abstinência e de domínio que constituem a *askesis* necessária, o lugar atribuído ao conhecimento de si torna-se mais importante: a tarefa de se pôr à prova, de se examinar, de

controlar-se de uma série de exercícios bem definidos, coloca a questão da verdade – da verdade do que se é, do que se faz e do que se é capaz de fazer – no cerne da constituição do sujeito moral” (FOUCAULT, 1985 p.72).

Entre as técnicas ou práticas encontradas na história do cuidado de si havia os ritos de purificação, as técnicas de concentração da alma, as técnicas de retiro, os exercícios ou prática da resistência. Essas práticas já existiam na civilização grega arcaica e foram posteriormente integradas aos movimentos religiosos, espirituais e filosóficos. A prática da purificação era um rito necessário e prévio ao contato não apenas com os deuses, mas com aquilo que os deuses podiam dizer as pessoas como verdadeiro. Sem a purificação não havia relação com a verdade detida pelos deuses (FOUCAULT, 2004b; CASTRO, 2009).

A técnica de concentração da alma buscava evitar que a alma se dispersasse, que se expusesse ao perigo exterior, que alguma coisa a atingisse. Existia a preocupação de recolhê-la, reuni-la, fazê-la refluir sobre si mesmo a fim de conferir-lhe um modo de existência, uma solidez que lhe permitiria permanecer, durar, resistir ao longo de toda a vida a não se dissipasse no momento que a morte chegasse. A técnica do retiro, conhecido entre os gregos como *anakhóresis* compreendia uma maneira de desligar-se, de ausentar-se (mas sem sair do lugar) do mundo no qual se está situado cortando, de certo modo, o contato com o mundo exterior, sem sentir as sensações e o agito com tudo o que se passava em torno de si. Buscava-se fazer como se não mais se visse e efetivamente não ver mais o que está presente, sob os olhos. Tratava-se de uma ausência visível.

A prática da resistência está vinculada a concentração da alma e as técnicas de retiro (*anakhóresis*) em si mesmo, e almejava-se suportar as provações dolorosas e difíceis, ou ainda, resistir às tentações que possam advir (FOUCAULT, 2004b).

Dois práticas de si mesmo que provêm do pitagorismo tiveram um papel importante na tradição do cuidado de si mesmo: a preparação purificatória para o sono e o exame de consciência, e a técnica de provação.

A primeira prática ou técnica da purificação preparatória era fundada na crença dos pitagóricos, que seria no sonho enquanto se dorme que se estava em contato com um mundo divino, o da imortalidade, o do além da morte, que também é o da verdade, por isso, a necessidade de preparar-se para o sono. Antes do sono se devia purificar a alma e torná-la capaz de entrar em contato com o mundo divino, só assim compreendendo suas significações, mensagens e

verdades. Algumas técnicas de purificação consistiam em escutar música, respirar perfumes, praticar o exame da consciência, reconstituir o dia lembrando as faltas cometidas e neste ato de memória, expurgá-las e dela se purificar. Já a técnica de prova consistia em organizar em torno de si, em buscar alguma coisa, alguma situação que tivesse força de tentação e se buscava passar pela prova para saber se se era capaz de resistir (FOUCAULT, 2004b).

Muitas formas de ocupar-se consigo não são inicialmente reconhecidas e relacionadas ao conhecimento de si. Revendo técnicas anteriores, arcaicas, preexistentes, todo o momento do pensamento platônico a propósito do cuidado de si consistirá, em dispô-las e subordiná-las ao grande princípio do “conhece-te a ti mesmo”. Foucault novamente nos lembra que “para conhecer-se a si que é preciso dobrar-se sobre si, é para conhecer-se a si mesmo que é necessário desligar-se das sensações que nos iludem; é para conhecer-se a si mesmo que é preciso estabelecer a alma em fixidez imóvel que a desvincula de todos os acontecimentos exteriores. É, ao mesmo tempo, para conhecer-se a si mesmo e na medida em que se conhece a si mesmo, que tudo isso deve e pode ser feito” (FOUCAULT, 2004b p.86).

O cuidado de si implica sempre uma escolha de modo de vida. Segundo a cultura antiga não se pode ocupar-se consigo sem que se tenha, diante de si, correlata a si, uma vida em que se possa pagar o luxo do tempo livre (*skholé* ou do *otium*). Sabe-se que é certa forma de vida particular, por vezes difícil de ser vivida na contemporaneidade como condição real do cuidado de si.

Outro aspecto muito importante na prática de si, na chamada por Foucault tecnologia do sujeito, a noção de *parrhesía*, que pode ser compreendida, genericamente, como franqueza, abertura do coração, abertura do pensamento, sendo técnica fundamental da prática de si na Antiguidade. Através da *parrhesía* ou a liberdade da palavra era possível se chegar às verdades da natureza e por consequência às verdades sobre si. Este exercício embora aparentemente simples não é de fácil execução, uma vez que para a conversa franca, livre e aberta acontecer é necessário que os envolvidos, os interlocutores à ela se disponham, se dispam de pré-conceitos e verdades fixas e estejam abertos às reflexões, ao novo, ao aprendizado sobre as coisas que os rodeia.

A sabedoria, que pode ser, digamos, construída e exercitada a partir do conhecimento de si e da *parrhesía* como técnica, exige o cuidado em não se deixar jamais ser induzido a um movimento involuntário, por solicitação e impulso de um movimento ou condição

exterior. É necessária a reflexão, e para isso é necessário o conhecimento de si.

O termo *parrhesía* refere-se de um lado a qualidade moral, à atitude moral, ao *êthos*, e de outro lado, ao princípio técnico, à *tékhnē*, que são indispensáveis para transmitir o discurso verdadeiro a quem ele precisa para a constituição de si mesmo e sujeito de verificação de si para si. A ética e a técnica do silêncio, da escuta, da leitura são exercícios de subjetivação do discurso verdadeiro. O que dizer, como dizer, segundo quais regras, segundo quais procedimentos técnicos e quais princípios éticos são questões que nos levam a noção de *parrhesía*.

Segundo Foucault, todas estas imagens de virada em direção a nós desviando-nos do que nos é exterior, nos aproxima de algo chamado de *noção de conversão*, ou seja, fazer a volta em direção a si mesmo, de retorno a si, de volta para si mesmo. Dentre as tecnologias do eu que o ocidente conheceu, esta é certamente uma das mais importantes (Foucault, 2004b).

Resumindo, a cultura de si, as técnicas e as práticas de si foram se modificando e acompanhando cada momento histórico já apresentado anteriormente. As questões morais e as configurações éticas a cada período, as relações de si para consigo, as reflexões sobre a existência, a técnica – que de certa forma forçou à reflexão sobre a verdade sobre si, tornaram-se o fundamento das técnicas e das práticas de si.

5 METODOLOGIA

“O valor de praticar com rigor, por algum tempo, uma ciência rigorosa não está propriamente em seus resultados: pois eles sempre serão uma gota ínfima, ante o mar das coisas dignas do saber. Mas isso produz um aumento de energia, de capacidade dedutiva, de tenacidade; aprende-se a alcançar um fim de modo pertinente. Neste sentido é valioso, em vista de tudo o que se fará depois, ter sido um homem de ciência”.
(NIETZSCHE, F. **Humano, Demasiado Humano**, 2005 p.175).

Esta etapa consiste na apresentação da metodologia percorrida neste estudo no intuito de chegarmos aos objetivos do mesmo. Considerando que a metodologia é o conjunto de métodos e técnicas aplicadas para um determinado fim, ou a explicitação das ações desenvolvidas neste caminho – o do método, passamos a descrever todo este processo.

O método tem como função fundamental tornar plausível a abordagem da realidade a partir dos questionamentos realizados pelo investigador, o qual trabalha com o reconhecimento, a conveniência e a utilidade dos métodos disponíveis, em face do tipo de informações necessárias para se cumprirem os objetivos do trabalho (MINAYO, 2007).

Nesta investigação optamos pelo método qualitativo, exploratório e descritivo, com o intuito de compreender a condição humana e o cuidado de si de profissionais de saúde docentes. O delineamento *descritivo* é importante para o estudo das características do grupo de profissionais de saúde docentes em relação ao trabalho, a obra, a ação, as quais constituem as atividades da *vitaactiva* que sustentam a condição humana; e o cuidado de si. O estudo *exploratório* se propôs a examinar as interações entre a condição humana e o cuidado de si destes sujeitos e compreender como isso se reflete na prática profissional destes sujeitos como formadores em saúde.

O estudo de metodologia qualitativa segundo Bardin (2004) corresponde a um procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e adaptável a índices não previstos, ou à evolução das hipóteses. A metodologia qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos

são da mesma natureza: ela se volta com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas (MINAYO e SANCHES, 1993).

5.1 TIPO DE ESTUDO

Utilizamos neste estudo a análise de conteúdo temático categorial que se caracteriza por ser um conjunto de técnicas de análises das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Conceitualmente, segundo Bardin (2010, p.44) a análise de conteúdo é

“um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.

Pertencem ao domínio da análise de conteúdo todas as iniciativas que, a partir de um conjunto de técnicas parciais, mas complementares, consistam na explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão deste conteúdo, com o contributo de índices passíveis ou não de quantificação, a partir de um conjunto de técnicas que embora parciais são complementares. A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça (BARDIN, 2004). Segundo Marconi e Lakatos 2002, p.128 “a análise de conteúdo é uma técnica que visa os produtos da ação humana, estando voltada para o estudo das idéias e não das palavras em si”.

Foi utilizado apenas um instrumento para coleta de dados composto por uma entrevista com questões fechadas e abertas que teve sua composição finalizada após a fase de qualificação deste estudo (Apêndice A). A primeira parte da entrevista foi composta por questões fechadas com o intuito de conhecer aspectos sócio-demográficos dos

participantes e dados referentes à situação de trabalho específica na área de formação e como docentes. A utilização da entrevista se aplica pelo uso da abordagem quantitativa, opção que deriva do propósito de coletar informações que permitam facilitar o entendimento do contexto explorado na pesquisa e compreender aspectos que influenciam nas atitudes e formas de viver dos indivíduos.

A segunda parte da entrevista caracterizou-se pela etapa aplicação de seis questões abertas, buscando investigar os temas centrais e os objetivos do estudo - a condição humana e o cuidado de si. A abordagem qualitativa é fundamental para a compreensão de particularidades, possibilitando a exteriorização da subjetividade, sem a necessidade de assegurar a homogeneidade dos resultados. A Figura 05 abaixo aponta o resumo inicial da metodologia percorrida neste estudo e as etapas do método.

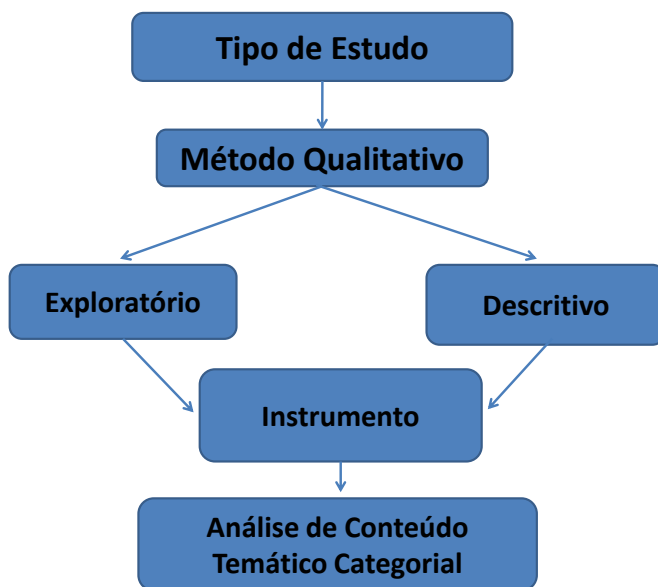


Figura 05: Metodologia do estudo.

5.2 O LOCAL DE ESTUDO: A VIDA NA UNIVERSIDADE

As etapas que tratam do local do estudo, dos sujeitos participantes e os critérios de inclusão, a operacionalização do trabalho de campo e as técnicas para obtenção dos dados apontados na Figura 06 abaixo, são consideradas da mesma forma importantes e explicitam o caminho percorrido.

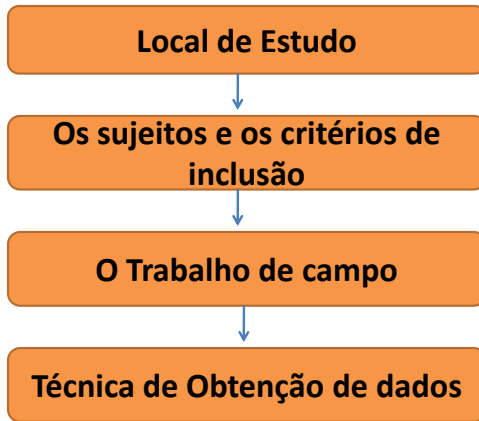


Figura 06: Do local de estudo à obtenção dos dados.

A Universidade escolhida como local do estudo teve sua fundação em 1968 e desde 1989 tem o *status* de Universidade. Caracteriza-se atualmente como a maior instituição de ensino superior privada de caráter filantrópico do Estado de Santa Catarina/Brasil com sua sede localizada no município de Itajaí. Esta Universidade está presente em sete municípios do litoral catarinense no sentido norte-sul nas cidades de Piçarras, Itajaí, Balneário Camboriú, Tijucas, Biguaçu, São José e Florianópolis, onde cada campus é nomeado de acordo com o município em que se localiza.

Foi escolhido como local para este estudo o Centro de Ciências da Saúde (CCS) no campus de Itajaí/SC, por ser o local de atuação dos profissionais de saúde docentes sujeitos deste estudo na Universidade. O CCS tem como objetivo formar profissionais na área das ciências da saúde, socialmente comprometidos, críticos e éticos. Os cursos deste centro assistem constantemente à população realizando procedimentos de promoção da saúde, prevenção da doença e clínicos de alta qualidade, demonstrando elevado grau de comprometimento de seus recursos humanos, quer em atividades dentro dos muros da Universidade, quer em ações que ultrapassam os limites desta instituição.

O Centro de Ciências da Saúde (CCS) no campus de Itajaí engloba os cursos de Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina, Nutrição, Odontologia e Psicologia. Sua infraestrutura totaliza uma área construída de 35.044,46m² dividida em nove blocos inaugurados entre 2000 e 2002. Além das atividades de ensino e pesquisa, dedica-se à extensão e ao atendimento às necessidades de saúde das comunidades próximas à Universidade, além de constituir-se referência para todo o município de Itajaí e Região da Associação dos Municípios da Região da Foz do Rio Itajaí (AMFRI) (UNIVALI, 2005).

O corpo docente do CCS é composto aproximadamente por 450 professores e 3.540 discentes. Possui em torno de 70 projetos de pesquisa e extensão, 71 laboratórios e atua por intermédio de 4 clínicas de atendimento à comunidade nas áreas de Fisioterapia, Fonoaudiologia, Odontologia e Psicologia além de uma Unidade de Saúde Familiar e Comunitária. Possui em torno de 100 unidades de campos de estágio fora da Universidade.

Na área de Pós Graduação *stricto sensu*, o CCS oferece Mestrado em Ciências Farmacêuticas e o Mestrado Profissionalizante em Saúde e Gestão do Trabalho, e desenvolve projetos de pesquisa e extensão em áreas como: pesquisa experimental envolvendo análise fitoquímica e ação farmacológica de plantas medicinais; síntese de novos compostos; estudos qualitativos em saúde coletiva entre outros. Em nível de especialização oferece em média dois novos cursos por semestre.

Cabe aqui novamente reforçar que o local deste estudo é caracterizado como privado e que, portanto difere em vários aspectos da universidade pública no Brasil. Neste sentido, não se pode atribuir os resultados aqui encontrados aos de universidades desta natureza sendo nestes casos necessários outros estudos.

A Universidade onde o CCS se insere empreende incentivos para o crescimento profissional de seus docentes valorizando a carreira do

ensino superior, em relação aos mecanismos que proporcionam condições para melhor qualificação da titulação.

Integrantes da carreira do ensino superior da Universidade são contemplados com incentivos, desde o ingresso até a promoção funcional dentro da classe, nível e regime de trabalho previsto pelo plano de carreiras e salários. O regimento de trabalho abrange a perspectiva de atuação em tempo integral de 40 horas semanais, com obrigação de dedicá-las às aulas e/ou a atividades acadêmicas ou de pesquisa em dois turnos completos; tempo parcial de 9 a 39 horas semanais; e professor horista com até 8 horas semanais.

Adota ainda um plano de carreira e sucessão, estruturado em 4 classes de maturidade com cinco níveis salariais cada uma, favorecendo promoções verticais para cargos superiores e progressões horizontais na mesma função por desempenho permitindo aos seus colaboradores análise, projeção e perspectiva de crescimento na carreira (UNIVALI, 2010).

Para acompanhamento da carreira pelo docente, a instituição dispõe de registros específicos que gerenciam produções de pesquisa, extensão e ensino, alinhados com a Plataforma LATTES do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), permitindo análises críticas dos perfis docentes aos propósitos da Instituição, e que servem de parâmetros para a promoção e progressão da carreira do docente. Com respeito à formação e à atualização profissional, a Universidade disponibiliza duas vezes ao ano, durante o recesso das aulas, o programa de formação continuada, que visa aproximar conceitos teóricos de aplicação e desenvolvimento de métodos, constituindo-se como processo sistemático de construção de uma concepção de ensino e de identidade profissional. Busca o movimento ação-reflexão-ação e possibilita o aprimoramento das condições do processo ensino/aprendizagem.

Anualmente, existe na Universidade o processo de Avaliação Institucional, onde são avaliados aspectos como o desempenho docente a partir do olhar do discente, a auto-avaliação docente e discente, a avaliação da organização didático-pedagógica e a infra-estrutura do curso, a auto-avaliação dos cursos, a avaliação do curso pelo egresso, o perfil socioeconômico dos acadêmicos entre outros aspectos. Com o resultado desta avaliação a Universidade efetua análises e planejamento de metas relativas ao ensino (UNIVALI, 2010).

O processo seletivo de professores é realizado através de duas etapas: análise do Currículo *Lattes* documentado, onde são considerados os títulos, experiência profissional docente e não docente e produção

intelectual, técnica ou científica do candidato; e a avaliação de desempenho didático-pedagógico que considera o domínio de conteúdo e desenvolvimento da aula.

Inicialmente, as vagas disponíveis são ofertadas para os docentes integrantes da carreira do ensino superior da Universidade sob forma de processo seletivo interno. As vagas não preenchidas internamente são disponibilizadas no processo seletivo externo. Os critérios de seleção são publicados através de editais específicos publicados pela Universidade.

Os candidatos selecionados são contratados pelo regime da CLT, e passam a integrar o corpo docente na categoria de “professor ingressante”. Após cumprir carência de um ano, são submetidos à nova avaliação para, se aprovados, ingressarem na carreira do ensino superior.

Excepcionalmente, é permitida a contratação por prazo determinado, na forma da normatização interna e da legislação trabalhista, para atender a necessidades temporárias e para substituições eventuais de docentes. Caso o afastamento do professor titular venha a se tornar definitivo, o professor colaborador terá que se submeter a processo seletivo para ingressar na carreira do ensino superior da Universidade (UNIVALI, 2010).

A organização da carga-horária dos docentes em cada curso é organizada semestralmente e fica sujeita à aprovação das Pró-Reitorias de Ensino e de Pesquisa, Pós-Graduação, Extensão e Cultura da Universidade.

A carga-horária a ser alocada para o ensino de graduação atende à matriz curricular de cada curso, observando o número de alunos por turma, de acordo com o número de vagas oferecidas para o ingresso no curso, em cada período. A carga-horária alocada para o docente de graduação, em cada disciplina e período, atende ao número de créditos de cada disciplina, e deve atender ao critério do agrupamento por equivalência de disciplinas quando houver um número reduzido de acadêmicos matriculados no curso.

A organização das turmas para as aulas práticas discriminadas na matriz curricular atende ao número de alunos previsto no regulamento de atividades de conclusão de curso e à capacidade física dos laboratórios. A carga-horária dos estágios supervisionados da área da saúde é determinada pela quantidade de dias de estágio semanal e a quantidade de horas por dia de estágio, além de atender especificações apontadas pelos conselhos federais de cada classe apontando a relação entre número de alunos estagiários por docente. Os locais de estágio são

em alguns casos dentro da Universidade e locais fora desta de acordo com a necessidade de curso mediante convênio.

A carga-horária a ser alocada para a orientação dos trabalhos de iniciação científica (TIC) nos cursos de graduação não podem exceder a dois semestres, e deve ser destinada, preferencialmente, aos professores integrantes do quadro docente da Universidade, com titulação de mestre ou doutor, com maior carga-horária no curso ou que tenham mais de dois anos de trabalho na instituição. Em relação à carga horária de TIC nos cursos da saúde é destinada uma (1) hora semanal por TIC a ser realizado em dupla de alunos ou ½ hora semanal por orientação individual. A carga-horária destinada à orientação das atividades de iniciação científica não pode exceder 60% da carga-horária total assumida pelo docente, pois 40%, no mínimo, das atividades do docente deverão ser destinadas ao ensino da(s) disciplina(s) assumida(s) no(s) curso(s) de graduação e pós-graduação.

A carga horária de laboratórios é destinada às atividades de ensino com atendimentos aos alunos em ambientes de aprendizagem, objetivando o aprofundamento e domínio dos conhecimentos das disciplinas que o professor ministra e é relacionada ao número de matrículas no curso em cada semestre.

Os docentes que atuam em programas/cursos de pós-graduação *stricto sensu*, em regime de tempo integral (40 horas-aula semanais) ou parcial (20 a 39 horas-aula semanais), devem atuar em atividades de ensino na graduação, destinando a esta modalidade o percentual de, no mínimo, 20% do total da sua carga-horária, salvo quando ocuparem cargos administrativos e por estrita necessidade da instituição.

Como existem alterações de carga horária semestralmente, a coordenação de cada curso e direção de centro comunica ao professor, antes do término do semestre letivo, em documento oficial assinado também pelo professor, a alteração para menos de sua carga-horária, se houver, orientando-o para que se inscreva em processo seletivo, na instituição, buscando outras opções de atuação (UNIVALI, 2010).

5.3 OS SUJEITOS DO ESTUDO: OS PROFISSIONAIS DE SAÚDE DOCENTES

Os sujeitos da pesquisa foram profissionais de saúde e que também atuam como docentes do ensino superior de graduação na área da saúde, nos cursos de Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina, Nutrição, Psicologia e Odontologia do CCS no Campus Itajaí desta Universidade. Devido ao extenso universo que inviabilizaria esta pesquisa, foram escolhidos aleatoriamente profissionais docentes de cada área e curso.

Como critérios para seleção dos participantes, o mesmo deveria ter formação na área da saúde visto que são sujeitos que tem em sua formação o conhecimento sobre promoção da saúde e prevenção de doenças, fato que contribui *a priori* para o cuidado de si; deviam exercer a docência na área da saúde como docente regular no ensino superior somente nos cursos de graduação; estarem atuando apenas no local de pesquisa por no mínimo 8 anos, o que nos permite fazer a leitura dos dados contextualizando a situação política e financeira de uma universidade privada; e que se dispuseram a participar do estudo. Devido ao tipo de desenho metodológico proposto, a amostra consistiu da participação de onze sujeitos devido a saturação dos dados qualitativos, ou seja, quando os dados coletados já não ofereciam novas categorias ou representações sobre a condição humana e o cuidado de si.

O ponto de saturação dos dados dependeu diretamente dos objetivos definidos para a pesquisa, do nível de profundidade explorado a partir do referencial teórico, da exaustividade em relação ao material coletado, da representatividade, da homogeneidade e da pertinência dos documentos analisados oriundos das entrevistas à população estudada (Minayo, 2007).

Para a localização dos participantes, partimos para o contato com as coordenações dos respectivos cursos a fim de conhecer os horários de trabalho e locais de atuação dos sujeitos na instituição de ensino. A partir destas informações foram observados os critérios de inclusão deste estudo para somente então estabelecer o contato pessoal ou por correio eletrônico convidando os sujeitos à participarem do estudo. Neste primeiro contato foram apresentados os temas e objetivos do estudo, partindo ou não para o agendamento do próximo contato para de coleta de dados conforme disponibilidade do participante e da pesquisadora. A Tabela 01 abaixo indica os dados iniciais dos sujeitos

deste estudo com a formação e curso de atuação dos entrevistados, os nomes fictícios a eles atribuídos, a data, horário, tempo de duração e local das entrevistas realizadas.

| Formação/Curso | Nome | Data entrevista | Horário entrevista | Duração da entrevista | Local entrevista |
|--|-------------|------------------------|---------------------------|------------------------------|---|
| Farmacêutico / Farmácia | Sísifo | 11/03/2011 | 09h25min | 28min.3seg. | Curso de Farmácia – Sala da Coordenação |
| | Camila | 30/03/2011 | 14h10min | 21min.47seg. | Curso de Farmácia – Sala da Coordenação |
| Nutricionista/ Nutrição | Nice | 24/03/2011 | 14h10min | 22min.19seg. | Curso de Fisioterapia |
| Enfermeira/ Enfermagem | Clio | 18/03/2011 | 13h40min | 25min.7seg. | Curso de Fisioterapia |
| Psicólogo/ Psicologia | Chronos | 24/03/2011 | 17h10min | 17min.18seg. | Curso de Fisioterapia |
| Fonoaudióloga e Pedagoga/ Fonoaudiologia | Antígona | 15/03/2011 | 13h30min | 18min. | Curso de Fisioterapia |
| Odontólogos/ Odontologia | Minerva | 18/05/2010 | 09h30min | 18min.35seg. | Sala de apoio pedagógico do CCS |
| | Orfeu | 22/03/2011 | 15h | 24min.56seg. | Curso de Odontologia – Sala da |

| | | | | | |
|----------------------------------|--------|------------|----------|--------------|-----------------------|
| | | | | | Coordenação |
| Fisioterapeuta / Fisioterapia | Cibele | 19/02/2010 | 14h17min | 21min.50seg. | Curso de Fisioterapia |
| | Tétis | 18/02/2010 | 16h20min | 12min.18seg. | Curso de Fisioterapia |
| | Buda | 18/03/2010 | 14h | 14min.9seg. | Curso de Fisioterapia |

Tabela 01: Dados iniciais do trabalho de campo.

Para apresentar cada participante, passamos a identificá-los com nomes de personagens considerados como “heróis” que não medem esforços na concretização de seus vários desafios como profissionais de saúde e docentes. As várias histórias de mitos e heróis da Grécia Antiga e outros personagens marcantes ao longo da história foram inspiradores à escolha dos nomes revelando suas capacidades e poderes especiais como a força, a inteligência e a velocidade, tornando-os capazes de vencer monstros, combater vários guerreiros inimigos e atuar em missões que seriam impossíveis aos mortais. Porém, mesmo considerados “heróis”, apresentavam defeitos humanos psicológicos, corporais e também eram mortais. Também me apoio na mitologia grega para nomear alguns dos participantes desta pesquisa em consideração à influência que a mitologia exerceu na cultura, nas artes, na literatura, na linguagem, na ciência entre outros até a contemporaneidade. A escolha do nome de cada sujeito foi por similaridade entre as características do personagem descritas na literatura e das informações colhidas durante a entrevista e as notas de situação de entrevista realizadas pela pesquisadora. Nos parágrafos que seguem registramos as características de cada herói, mito ou personagem histórico escolhido e o sujeito de correspondente neste estudo.

Tétis era tão bela que o próprio Júpiter desejou desposá-la; tendo, porém sabido pelo titã Prometeu que Tétis teria um filho maior que seu pai, Júpiter desistiu da idéia e determinou que Tétis fosse esposa de um mortal. Tétis foi mãe dedicada, ajudando seu filho Aquiles em todas as suas dificuldades e velando por todos os seus interesses (BULFINCH, 2001).

Tétis atua como fisioterapeuta há dez anos. É docente há 8 anos, e nesta atividade ministra aulas teóricas e práticas, e orienta de trabalhos de iniciação científica. Como formação para atuação no ensino superior cursou apenas uma disciplina durante seu curso de mestrado. Ela tem trinta e quatro anos.

Cibele era o nome latino da deusa chamada pelos gregos de Réia ou Ops. Era esposa de Cronos e mãe de Zeus. Nas obras de arte, apresenta-se matrona, as vezes coberta com um véu, sentada em um trono com leões ao seu lado, as vezes guiando um carro puxado por dois leões. Usa uma coroa cuja orla é recortada em forma de torres e ameias (BULFINCH, 2001).

Cibele é fisioterapeuta há onze anos, tem trinta e quatro anos de idade e atua como docente do ensino superior a nove anos. Desenvolve suas atividades em aulas teóricas e práticas, supervisão de estágios, trabalho em laboratório e pesquisa com trabalhos de iniciação científica junto aos alunos. Aponta como único apoio à formação para atuação no ensino superior as disciplinas de didática que teve na especialização pouco tempo antes de iniciar o trabalho como docente. Conta que ao início da carreira docente teve dificuldades e necessitou de persistência frente aos desafios atribuídos à inespériência como docente.

Buda, um sábio mortal, era filho de um rei e quando alguns dias após o nascimento, apresentado ao altar de uma divindade, a imagem inclinou a cabeça como presságio da futura grandeza do profeta recém-nascido. A criança desenvolveu logo suas faculdades e distinguiu-se também por sua beleza. Ao início da maturidade começou a refletir sobre a depravação e a miséria do gênero humano e concebeu a idéia de afastar-se da sociedade e dedicar-se à meditação (BULFINCH, 2001).

Buda tem trinta e três anos de idade, é fisioterapeuta formado há 11 anos. Atua como docente há oito anos em atividades de aulas teóricas e práticas, supervisão de estágios, pesquisa com orientação de trabalhos de iniciação científica. Realizou pós-graduação em ensino especial, disciplina de didática e estágio docência durante o mestrado como formação para atuação no ensino superior. Declara ter tido problemas de saúde importantes por excesso de trabalho na universidade e hoje tem como característica a organização do trabalho e a percepção em relação aos fatores que lhe são *estressantes evitando-os*.

Minerva, a deusa da sabedoria, era filha de Júpiter. Padroeira das artes úteis e ornamentais, tanto os homens, tanto os homens – como a agricultura e a navegação, quanto às mulheres – como a fiação, a tecelagem e os trabalhos de agulha, era também uma divindade guerreira. Só protegia, porém, a guerra defensiva (BULFINCH, 2001).

Minerva tem cinquenta anos e teve sua primeira formação em enfermagem em 1981 na qual pouco atuou na prática clínica, mas iniciou nela sua carreira docente. Dedicou-se especialmente à sua segunda formação, a odontologia a qual é graduada desde 1994 seguindo neste curso sua carreira docente. Desde o início da docência no curso de enfermagem até o momento são vinte e sete anos de trabalho em atividades de ensino com aulas teóricas e práticas, pesquisa com orientação de trabalhos de iniciação científica e atua no setor administrativo com atividades de apoio pedagógico aos cursos do centro de ciências da saúde da Universidade. Possui especialização em didática do ensino superior e teve disciplinas em seu mestrado voltadas à formação pedagógica para atuação no ensino superior. *Minerva* caracteriza-se pela capacidade comunicativa e o gosto pela música participando voluntariamente de um grupo vocal.

Sísifo, era conhecido como o mais astuto de todos os mortais, sendo mestre da malícia, dos truques, e entrou para a tradição como um dos maiores ofensores dos deuses. Sua história é conhecida por executar um trabalho rotineiro e cansativo. Tratava-se de um castigo para mostrar-lhe que os mortais não têm a liberdade dos deuses. Os mortais têm a liberdade de escolha, devendo, pois, concentrar-se nos afazeres da vida cotidiana, vivendo-a em sua plenitude, tornando-se criativos na repetição e na monotonia. Foi condenado por toda eternidade a rolar uma grande pedra até o alto de uma montanha, mas quando já se encontrava bem avançado na encosta, a pedra, empurrada por uma força repentina, rolava novamente para a planície. *Sísifo* tornava a empurrá-la de novo montanha acima, coberto de suor, mas em vão. Por esse motivo, a tarefa que envolve esforços inúteis passou a ser chamada "Trabalho de *Sísifo*".

Sísifo tem quarenta e cinco anos de idade e sua formação básica em farmácia, iniciando sua carreira profissional da área hospitalar há vinte e dois anos atrás. Após alguns anos teve a oportunidade de trabalho na docência como professor substituto no mesmo local de formação, porém, devido à outra oportunidade, mudou de cidade com a esposa e atua nos últimos dezesseis anos no mesmo curso de farmácia. Atualmente é doutorando, professor em disciplinas teóricas e práticas, orienta trabalhos de iniciação científica e atua no setor administrativo do curso e teve como formação pedagógica algumas disciplinas no curso de mestrado. Atravessa fase de desânimo em relação ao trabalho, busca novas perspectivas de trabalho.

Antígona, foi um exemplo tão belo de amor filial e fraternal quanto Alceste de amor conjugal. Era filha de Édipo e Jocasta que

foram vítimas de um destino enlutável que os condenou à destruição. Em seus acessos de loucura Édipo arrancara os olhos e foi expulso de seu reino, Tebas, temido e abandonado por todos os homens, como vingança dos deuses. Antígona, sua filha, compartilhou sozinha de suas peregrinações e ficou com ele até sua morte, regressando então a Tebas (BULFINCH, 2001).

Antígona teve sua primeira formação em pedagogia em 1973 e em fonoaudiologia em 1995. Atua como docente do ensino superior a quinze anos em aulas teóricas e práticas e supervisão de estágio no curso de fonoaudiologia. Além da formação em pedagogia também tem especialização em psicopedagogia como formação para atuação no ensino superior. Antígona mostrava-se sensível e reflexiva no momento da entrevista pela perda recente de parente próximo o qual se dedicava a cuidar nos últimos anos, porém tem a simpatia e alegria como marcas de sua personalidade.

Clio, é uma das nove musas, e junto com as irmãs, habitava o monte Hélicon. As musas reúnem-se, sob a assistência de Apolo, junto à fonte Hipocrene, presidindo às artes e às ciências com o dom de inspirar os governantes e restabelecer a paz entre os homens. Clio é a musa da história e da criatividade, aquela que divulga e celebra as realizações. Preside a eloquência, sendo a fiadora das relações políticas entre homens e nações. É representada como uma jovem coroada de louros, trazendo na mão direita uma trombeta e, na esquerda, um livro intitulado "*Thucydide*". Outras representações apresentam-na segurando um rolo de pergaminho e uma pena, atributos que, às vezes, também acompanham Calíope.

Clíó é enfermeira há dezessete anos e atua como docente do ensino superior a oito anos. Desenvolve atividades com aulas teóricas e práticas, atividades de laboratório, supervisão de estágio, pesquisa com orientação de trabalhos de iniciação científica e apoio administrativo junto aos estágios do curso de enfermagem. Refere não ter havido por nenhuma atividade como orientação para atuação no ensino superior, destacando dificuldade ao início da carreira provavelmente por falta desta formação.

Orfeu, recebeu de seu pai Apolo, como presente, uma lira e aprendeu a toca-la com tal perfeição que nada podia resistir ao encanto de sua música. Não somente os mortais como ele, mas os animais se reuniam em torno dele por seus acordes, perdendo sua ferocidade. As árvores e até os rochedos que perdiam sua dureza se juntavam ao redor de Orfeu pelas notas de sua lira (BULFINCH, 2001).

Orfeu tem quarenta e sete anos de idade, é odontólogo a vinte e quatro anos, e se envolveu com o ensino antes mesmo do fim da graduação, tendo cursado os anos iniciais do curso de pedagogia por desejo pela área. É docente há 20 anos na mesma universidade atuando em disciplinas teórico-práticas, envolvido com pesquisas de iniciação científica, trabalho administrativo no mesmo curso e se dispõe ao trabalho voluntário em um projeto de extensão envolvendo crianças pela Universidade. É muito ligado à religiosidade, à cultura e à música de forma especial. Toca instrumentos e participa como cantor em um grupo vocal.

Nice, era uma deusa grega que personificava a vitória, representada por uma mulher alada. Os romanos designaram o nome de *Victória* para Nice. Nice também pode representar asas ou seres alados. A deusa se encontra na mão direita de Atena, dando assim à deusa certeza de vitória em todas as batalhas travadas. Atena, em sua história, várias vezes já travou grandes batalhas contra deuses que desejavam para si a *Nikē*, e, graças à deusa alada, Atena sempre as venceu.

Nice é nutricionista formada há trinta e dois anos, tem cinquenta e sete anos de idade e atua como docente do ensino superior a trinta anos sendo os últimos quinze na Universidade atual. Ministra aulas teóricas e práticas, pesquisa com orientação de trabalhos de iniciação científica entre outros projetos e trabalho administrativo. Conta que ao ingressar como docente em outra universidade teve que cursar uma disciplina que tratava da atuação docente no ensino superior.

Chronos, era a personificação do tempo na mitologia grega. Os gregos antigos tinham duas palavras para o tempo: *chronos* que se refere ao tempo cronológico e *kairos* que se refere a um momento indeterminado no tempo, em que algo especial acontece. Os romanos chamaram-lhe *Saturno*, o planeta que por ter a maior translação observável no céu, os astrônomos gregos e romanos julgaram tratar-se do guardião dos tempos, ou "Pai do Tempo", uma vez que não havia conhecimento de nenhum outro objecto com maior período repetitivo (translação).

Chronos tem quarenta e três anos e atua como psicólogo há dezesseis anos e como docente do ensino superior a onze anos. Desenvolve atividades com aulas teóricas e práticas, pesquisas com orientação de trabalhos de iniciação científica e pesquisas financiadas além de ser supervisor de estágio. Antes do ingresso na carreira docente teve apenas experiência com uma disciplina de estágio docência durante o mestrado. Tem como característica a multiplicidade de tarefas que executa em sequência de forma organizada, atuando inclusive em mais

de um campus na mesma universidade, além do trabalho como psicólogo clínico.

Camila, caçadora e guerreira, viveu entre pastores e aprendeu com seu pai Metábus, que foi expulso pela guerra civil levando em fuga a filha ainda criança, as artes rurais. Desde criança aprendeu a manejar o arco e o lançar do dardo. Com sua funda era capaz de abater o grou ou o cisne selvagem (BULFINCH, 2001).

Camila é formada em farmácia e bioquímica há vinte anos, tem trinta e nove anos de idade e tem a determinação e a força de vontade como características marcantes. Atua na docência há dezesseis anos sendo os últimos treze na Universidade atual com aulas teóricas e práticas, orientações de trabalho de iniciação científica, projetos financiados por órgãos de pesquisa, atua em projeto de extensão pela Universidade e realiza ainda supervisão de estágio. Teve na disciplina de metodologias de ensino com enfoque no ensino superior durante o mestrado como formação para a docência. Os participantes estão caracterizados na Tabela 02 que segue:

| Participantes | Formação | Idade | Tempo de formação | Titulação | Tempo de docência na Universidade estudada | Formação Pedagógica | Atividades que realiza na Universidade | Carga horária na Universidade | Atuação |
|-----------------|----------------|-------|-------------------|-----------|--|---|---|-------------------------------|------------------------|
| 1 Tétis | Fisioterapeuta | 34 | 10 | Mestre | 8 | Disciplinas na especialização e mestrado | Aulas teóricas Aulas Práticas Pesquisa | 12 | Docência e Consultório |
| 2 Cíbele | Fisioterapeuta | 34 | 11 | Mestre | 9 | Disciplinas de didática na especialização | Aulas teóricas Aulas práticas Pesquisa Laboratório | 26 | Docência |

| Participantes | Formação | Idade | Tempo de formação | Titulação | Tempo de docência na Universidade estudada | Formação Pedagógica | Atividades que realiza na Universidade | Carga horária na Universidade | Atuação |
|----------------------|---------------------------|--------------|--------------------------|------------------|---|--|--|--------------------------------------|------------------------|
| 8 Orfeu | Odontólogo | 47 | 25 | Doutor | 20 | Na especialização em psicologia aplicada ao ensino superior | Aulas teóricas Aulas práticas Pesquisa Administrativo Voluntário em projeto de extensão. | 40 | Docência |
| 9 Nice | Nutricionista | 57 | 32 | Doutora | 15 | Disciplina na UFSC quando ingressou como docente nos cursos de Formação Continuada na Universidade | Aulas teóricas Aulas práticas Pesquisa Administrativo | 40 | Docência |
| 10 Chronos | Psicólogo | 43 | 16 | Doutor | 11 | Estágio docência no mestrado | Aulas teóricas Pesquisa Estágio | 40 | Docência e Consultório |
| 11 Camila | Farmacêutica e Bioquímica | 39 | 20 | Doutora | 13 | No mestrado a disciplina de metodologias de ensino com enfoque no ensino superior | Aulas teóricas Aulas práticas Pesquisa Estágio | 40 | Docência |

Tabela 02: Caracterização dos participantes da pesquisa.

Entre onze profissionais de saúde docentes sete são mulheres e quatro são homens com média de idade de quarenta e três anos e sete meses tendo o mais jovem trinta e três anos e o de maior idade sessenta e dois anos. Em relação ao estado civil dos participantes oito deles são casados, dois são viúvos e apenas um é solteiro conforme suas

declarações. Deste grupo participaram três fisioterapeutas, dois odontólogos sendo uma também com formação em enfermagem, dois farmacêuticos, uma fonoaudióloga que possuía a formação prévia em pedagogia, uma enfermeira, uma nutricionista e um psicólogo. Em relação ao tempo de atuação profissional, consideramos a partir do tempo de diplomação na área da saúde ficando entre dez e trinta e dois anos de formados conferindo a média de dezessete anos e nove meses de formados ao grupo. A titulação do grupo consiste em sete mestres, três doutores e uma pós-doutora. Destes a carga horária média de trabalho na universidade era de trinta e três horas-aula semanais tendo um com apenas doze horas-aula e sete deles com quarenta horas-aula. Quando questionados em relação à média de carga horária geral nos últimos cinco anos na universidade, a resposta foi da média de trinta e seis horas-aula, ou seja, um pouco maior que a carga horária do último ano de trabalho.

Dentre os participantes, o tempo de atuação profissional clínica na área de formação foi em média de doze anos e oito meses e tempo de atuação paralela entre a atuação clínica e a docência foi de cinco anos e quatro meses. De todos do grupo apenas dois mantêm as atividades paralelas de atuação em consultório e na docência desde o início da carreira após suas formaturas até o momento das entrevistas. Os demais, após a manutenção paralela das duas funções acabaram por abandonar a atuação clínica e concentrar seu trabalho, embora em todos os casos se matém na docência atuando também clinicamente, porém em aulas práticas e estágios, apenas dedicados à docência.

A média de tempo de docência na área da saúde no grupo foi de quinze anos e quatro meses e o tempo de atuação apenas nesta Universidade é de treze anos e seis meses em média, demonstrando que oito dos onze participantes iniciaram e permanecem atuando na mesma Universidade. Quando questionados acerca das atividades que realizam como docentes, todos eles realizam atividades paralelas principalmente entre aulas teóricas, aulas práticas e atividades de pesquisa.

Em relação á formação específica para atuação na docência dez participantes acusaram que tiveram experiência apenas durante alguma disciplina de didática nos cursos de especialização ou estágio docência no mestrado sem preparação propriamente dita para as habilidades que a docência exige. No caso de uma participante este processo foi facilitado por ter cursado pedagogia antes da formação em saúde, porém todos, participam do programa de formação continuada para docentes do ensino superior da Universidade estudada com oficinas à escolha do docente semestralmente.

5.4 O TRABALHO DE CAMPO

O início do trabalho de campo foi realizado com duas entrevistas em fevereiro, uma em março e uma em maio de 2010. Outras sete entrevistas foram realizadas em março de 2011 e duas em maio do mesmo ano totalizando 11 entrevistas válidas. Em fevereiro de 2010 foram realizadas duas outras entrevistas, as primeiras, que foram descartadas por não atenderem aos propósitos do estudo provavelmente por minha inabilidade técnica com o instrumento e forma de aplicá-lo. As entrevistas tiveram duração média de 22 minutos sendo a mais extensa com 28 minutos e 3 segundos e a mais rápida com 12 minutos e 18 segundos.

O local de realização das entrevistas era de escolha do participante considerando a privacidade do mesmo e o nível de ruído do local a fim de que as gravações pudessem ter boa qualidade. Oito dos entrevistados solicitaram sugestão do local de entrevista à pesquisadora sendo utilizada nestes casos uma sala no curso de fisioterapia. O horário das entrevistas era combinado entre o entrevistado e a pesquisadora por sugestão do primeiro. O turno de preferência escolhido foi o vespertino visto que os cursos de graduação tinham funcionamento prioritariamente nos turnos matutino e noturno. Nove dos entrevistados escolheram horários vespertinos e apenas dois no período matutino.

Cabe ainda observar que também foram convidados a participarem do estudo educadores físicos e médicos, porém, mesmo após tentativas de agendamento não obtivemos sucesso com a justificativa de contratempos que acabaram por impedir a entrevista e falta de tempo respectivamente.

5.5 TÉCNICAS DE OBTENÇÃO DOS DADOS

Utilizou-se como forma de coleta de dados um único instrumento com questões fechadas seguida de uma entrevista livre com questões norteadoras para investigação dos aspectos mais relevantes em relação ao referencial deste estudo, conforme já apontado no item acima que trata do tipo de estudo.

As primeiras 14 perguntas buscaram caracterizar o participante; identificar aspectos sobre a sua atuação como profissional de saúde e como docente em saúde; conhecer o tempo de formação profissional, de docência, e de trabalho na universidade; e tipo(s) de atividade(s) que desenvolvia no âmbito da Universidade. Já as 06 perguntas restantes da entrevista estavam ancoradas no referencial que deu suporte teórico ao estudo da Condição Humana descrito por Hannah Arendt (2010), ou seja, o trabalho, a obra e a ação, e o Cuidado de Si descrito por Michel Foucault em suas obras.

Foi realizada uma abordagem por participante iniciada com comentários introdutórios sobre a pesquisa e seus objetivos, importância da participação do entrevistado e solicitação para a utilização de gravador de voz durante a entrevista e realização de anotações se necessário, assegurando desta forma a reprodução com precisão das respostas dadas pelos participantes. Após o aceite da participação na pesquisa sob estas condições foi lido em conjunto com o participante o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido e ao final assinado em duas vias pelo participante e pesquisadoras ficando uma cópia com cada (Apêndice B).

Ao final da entrevista procedia à despedida agradecendo ao entrevistado e garantindo novamente a confidencialidade das informações fornecidas e dando liberdade ao entrevistado para fazer comentários finais se desejassem para somente então encerrar a gravação.

Após o encerramento da entrevista e despedida ao entrevistado, procedi anotações em espaço reservado no instrumento de coleta do que nomeamos de contextualização da situação da entrevista. Como o nome indica eram anotadas informações sobre as impressões durante o desenvolvimento da entrevista como conforto ou desconforto do entrevistado frente às perguntas, emoções demonstradas e informações sobre o entrevistado e que poderiam justificar melhor as respostas frente o momento vivido pelo sujeito.

5.6 ORGANIZAÇÃO E PROCESSAMENTO DOS DADOS

A preparação e organização primária do material de campo foram pontos chaves para o sucesso do processo de análise e são explicitados na Figura 07 abaixo.

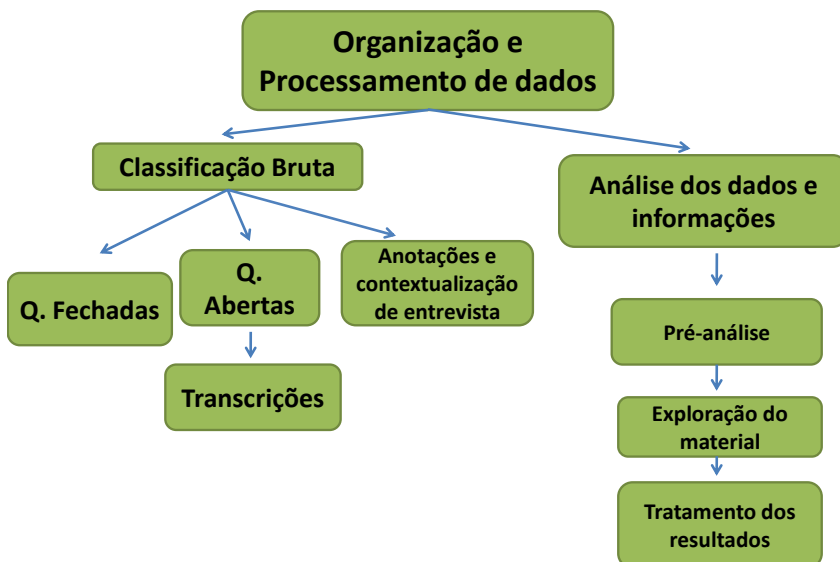


Figura 07: Etapas da organização e do processamento de dados.

Inicialmente realizamos a exploração e classificação bruta dos dados, separando as respostas das questões fechadas e abertas do instrumento e separando a contextualização da situação de entrevista em arquivos devidamente identificados e separados.

Os dados coletados para identificação e caracterização do participante e referente à situação de trabalho foram colocados em uma tabela do Microsoft Office Excel 2007® elaborada pela pesquisadora por considerar que os dados permitiam a utilização deste recurso e facilitaria a leitura ampla dos mesmos. Nas linhas da tabela foram colocadas as questões de análise e nas colunas os dados de cada participante. Em relação à identificação e caracterização foi atribuído

um pseudônimo a cada participante seguido das informações em relação à idade, sexo, naturalidade, estado civil e formação. Os dados coletados referentes à situação de trabalho foram em relação à carga horária na Universidade no momento da entrevista, a média de carga horária dos últimos cinco anos na Universidade, o tempo de atuação profissional, o tempo de docência na área da saúde, o tempo total de docência nesta Universidade, atividades que realiza, se realizou formação pedagógica, e atuação na atualidade.

Tanto a contextualização da situação da entrevista quanto as transcrições das mesmas foram armazenadas no editor de texto Microsoft Office Word 2007®, sendo a contextualização colocada em tabela simples com duas colunas com a identificação do participante na coluna da esquerda e a descrição da contextualização na coluna direita. Para a transcrição das entrevistas também foi utilizada tabela simples com duas colunas sendo na esquerda escritas as perguntas e respostas e a direita livre para as primeiras anotações da pesquisadora.

As transcrições das entrevistas a partir das gravações foram realizadas seguindo as regras básicas de transcrição propostos por SILVA (1997-1998) assegurando a boa qualidade do material.

5.7 ANÁLISE DOS DADOS E INFORMAÇÕES

Após a classificação e organização dos dados procedemos à análise dos dados numéricos iniciais com o cálculo de frequência e média simples atribuída ao conjunto de respostas para caracterizar os profissionais de saúde docentes participantes.

Iniciamos pela busca de exemplos e formas de realização, de etapas de análise de conteúdo, visto minha pouca experiência com técnica tendo contato rápido apenas em uma disciplina de metodologia do curso de doutorado. Durante o desenvolvimento da pesquisa encontrei vários livros, artigos e pesquisadores que trabalhavam com análise de conteúdo, porém minha dificuldade neste tipo de método continuava, devido provavelmente, as formações em fisioterapia e engenharia de produção cujas pesquisas são eminentemente centradas na pesquisa quantitativa. Encontrei o artigo “Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização” (OLIVEIRA, 2008) que me chamou atenção pela experiência de sistematização da técnica de análise

de conteúdo temático-categorial demonstrado pela autora e pela objetividade de sua proposta metodológica, fato que atribuiu mais segurança no processo de análise.

Foram cumpridas as três etapas de análise conforme proposto por Minayo (2007), Bardin (2010), Oliveira (2008) – pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferências e interpretação.

Iniciamos o trabalho pela leitura flutuante do material e a atribuição das primeiras relações entre o objeto estudado e o texto analisado, dando sequência ao primeiro procedimento prático da análise que foi a construção de uma tabela simples no editor de texto Microsoft Office Word 2007® chamada “Condição humana”. A tabela possuía três colunas onde foram juntadas em sequência as respostas das questões 15, 16 e 17 que tratavam respectivamente da escolha da carreira docente, organização do dia de trabalho docente e a percepção do resultado deste trabalho na primeira coluna da esquerda para a direita. Nesta coluna eram determinadas e grifadas as unidades de registro que continham elementos sobre o objeto de estudo. Estas unidades de registro foram recortadas e coladas na segunda coluna a fim de facilitar a visualização, a re-leitura e aprofundar ainda mais a análise das unidades considerando seu contexto e quanto isoladamente. Na terceira coluna da esquerda para direita eram registrados os elementos temáticos extraídos das unidades de registro em cada resposta. Devido a minha primeira experiência no método optei pela análise de todas as respostas dos participantes em relação à pergunta 15, depois à 16 e por fim à 17. Estas três perguntas eram relacionadas à Condição Humana, e por isso foram colocadas em tabela única, sendo realizado o mesmo processo em uma segunda tabela “Cuidado de si” com as questões 18, 19 e 20.

A segunda etapa foi dedicada a explorar os dados pré-analisados. Para isso foi elaborada a segunda tabela dentro de cada grande tema contendo as unidades de registro estabelecidas ao final da pré-análise novamente refinadas na primeira coluna da esquerda para direita. Na coluna central foram registrados os elementos temáticos/unidades de significação, que se modificaram em algumas situações conforme alteradas as unidades de registro. Na última coluna foram sendo estabelecidas as primeiras categorias resultantes. Notamos que embora a análise de conteúdo temática tenha como proposta teórica a divisão da análise dos dados em três etapas, a segunda e a terceira etapa se sobrepõem em alguns momentos entre a exploração do material e tratamento dos resultados, inferências e interpretação, exigindo cuidado e atenção durante o processo. Ainda na segunda etapa, foi elaborado um quadro final de análise contendo apenas uma coluna e várias linhas. No

topo do quadro foi registrada em negrito a primeira categoria encontrada, na segunda linha a subcategoria e na terceira linha foram coladas todas as unidades de registro que a ela se referiam. Nesta etapa foi possível após nova análise identificar de fato se havia harmonia entre a categoria estabelecida, alterando sua nomenclatura em alguns casos, a subcategoria e as unidades de registro iniciais fechando assim o ciclo de análise.

5.8 ASPECTOS ÉTICOS

É dever do profissional da área da saúde na pesquisa com seres humanos, proteger a vida, a saúde, a intimidade e a dignidade do ser humano. A investigação na área da saúde só se justifica se existem possibilidades razoáveis de que a população, sobre a qual a investigação se realiza, poderá beneficiar-se de seus resultados.

Neste sentido, foram seguidas as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, contidas na Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares do CNS/MS que dispõem sobre Diretrizes e Normas Regulamentares na Pesquisa com Seres Humanos.

Ainda como premissas para o desenvolvimento deste estudo, além do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido para participação dos sujeitos à pesquisa, este projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com Seres Humanos da Universidade onde o estudo foi desenvolvido e somente após a aprovação deste Comitê é que procedemos a coleta de dados. O projeto foi aprovado conforme cadastro Nº 477/09 de 11 de dezembro de 2009.

PARTE II: A CONDIÇÃO HUMANA E O CUIDADO DE SI DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE DOCENTES

6. A CONDIÇÃO HUMANA DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE DOCENTES

Após análise do conjunto das questões referentes à Condição Humana emergiram três categorias e oito subcategorias a partir das falas dos participantes conforme apresentado no quadro abaixo.

| CONDIÇÃO HUMANA | |
|---|--|
| CATEGORIA | SUBCATEGORIA |
| 1. Os caminhos percorridos para a docência. | 1.1 Identificação, desejo e saber fazer. |
| | 1.2 A situação inesperada, o desafio e a oportunidade. |
| 2. Viver e sobreviver na universidade. | 2.1 As atividades diversas. |
| | 2.2 Organização e preparo: prioridades ou urgências? O tempo livre e a falta de tempo. |
| | 2.3 O trabalho não reconhecido e sem resultados |
| 3. A felicidade e as “boas obras” na docência. | 3.1 A realização profissional |
| | 3.2 O crescimento do aluno. |

Quadro 03: Condição Humana: categorias e subcategorias.

Ao analisarmos os elementos envolvidos nesta categoria à luz do referencial teórico que sustenta esta tese, os caminhos percorridos para a docência pertencem à categoria da *Ação* proposta por Arendt como uma das atividades que sustenta a *Vita Activa*.

6.1 OS CAMINHOS PERCORRIDOS PARA A DOCÊNCIA

Nesta categoria dois elementos marcantes e contraditórios que nomeamos de subcategorias para melhor exploração dos resultados surgem: a identificação e o desejo pela docência reforçada pelo domínio do saber fazer em suas áreas de atuação; e a situação da docência inesperada, o desafio que ela impunha repentinamente e a oportunidade de nova e mais uma carreira são explicitadas.

Nas falas identifica-se para alguns o “ser professor” como um desejo anterior à formação em saúde, revelando que gostavam de ensinar, que havia a identificação com o ensinar e que era um desejo íntimo ser professor.

Há relatos apontando que desde criança gostavam de ensinar o que aprendia na escola aos irmãos brincando de professor e que identificavam também facilidade junto aos seus pacientes nas ações de educação em saúde e ao explicar-lhes como analogia ao ensinar sobre os casos e as necessidades dos tratamentos. Outros identificam a docência como vocação indo além do simples desejo de experienciar o que é ser professor, reforçando que mesmo optando por carreiras na área da saúde sem vislumbrar diretamente a docência este era um desejo perene conforme indicam os recortes abaixo.

“mas eu sempre, sempre gostei de ensinar de passar” Tétis.

“sempre tive uma identificação com a docência...

eu vejo a docência como uma filosofia de vida” Buda.

“antes da graduação eu já tinha esse envolvimento” Orfeu.

“fiquei durante 15 anos no consultório eu sempre pensei que eu tinha que me envolver de alguma forma com a educação, aquilo me chamava...

eu sempre achei que eu seria também útil que eu iria me realizar que eu poderia crescer, que eu poderia contribuir, então eu sempre tive um pouco esse pezinho na educação” Orfeu.

O desejo pela docência aparece para alguns como um aspecto facilitador no caminho percorrido para a docência. As falas antes citadas marcam a identificação com a docência reforçada pelo desejo como fonte de satisfação e vontade de envolver-se com as questões do ensino. O desejo pode ser considerado como um estímulo que se manifesta a partir da vivência ou da demanda, ou seja, a partir da experiência no

âmbito escolar ou familiar que manifesta a vontade de experimentar ser professor, ou o próprio trabalho como profissional em saúde motivou estes sujeitos, visto que neste trabalho, a educação também é prática.

Ainda nesta categoria identifica-se o saber fazer, a especialização, o domínio das habilidades técnicas na profissão da área da saúde, a experiência prática em campo como mais um motivador e facilitador para atuação na docência. Poder ensinar aquilo que se domina confere certo grau de conforto e segurança frente ao novo desafio surgido e aceito no momento da escolha pela docência como se identifica nas seguintes falas:

“eu sei fisioterapia, eu sei, eu sei fazer fisioterapia nos outros, eu sou fisioterapeuta, gosto do que faço e eu sei o que faço, eu vou conseguir explicar isso pros outros” Cibele.

“poder colocar na sala de aula a experiência que eu tinha prática com isso” Sísifo.

“Eu tinha uma experiência pratica muito forte, muitas horas de centro cirúrgico...

o que facilitou foi que no começo eu comecei pra dar estagio” Clio.

Além da identificação e o desejo pela docência, alguns profissionais de saúde docentes apontam o “saber fazer” como aspecto importante e que lhes atribuiu segurança na escolha pela carreira em seu início. A experiência prévia na área de atuação clínica confere autoconfiança pelo domínio deste manejo, porém, alguns logo perceberam a diferença entre, saber fazer eles próprios e ensinar o outro a fazer. Ensinar o outro a fazer exige o exercício da comunicação, demonstração repetida, paciência em relação ao tempo de aprendizado do aluno e as dificuldades nela envolvida. A diferença entre estas duas situações, saber fazer e ensinar o outro a fazer, para alguns se tornou angustiante e exigiu do profissional de saúde a busca rápida e solitária pelas habilidades necessárias para atuação docente, visto que o saber fazer é parte, mas não a única condição necessária para o sucesso. O aluno reconhece o bom professor aquele que possui experiência no campo de trabalho, que conta ações e sua forma de abordagem nos casos junto aos seus pacientes, que mostra o comportamento e o que exige o mercado de trabalho, porém, além da experiência, a facilidade de comunicação e levar o aluno a aprender sobre as coisas são tão importantes quanto saber fazer.

A identificação, o desejo e o saber fazer oportunizam a revelação do então profissional de saúde agora também docente com suas dificuldades e potencialidades, fatos que contribuem diretamente a constituição da identidade pessoal. Revelar-se como docente implica em conhecer-se, em assumir seus defeitos e dificuldades, em construir novos saberes, em dispor-se a investir na formação e capacitação para a docência.

No domínio político da ação identificamos que surge o espaço para desencadear o novo, para o segundo nascimento ou a efetivação da condição humana da natalidade a partir da identificação com a carreira docente. Aqui o profissional de saúde se permite a percorrer novos caminhos quando escolhe mesmo que dentro da primeira opção de formação, aquilo que o permita aproximar-se de seu desejo. Quando há a escolha profissional pela área da saúde, se pensa no futuro, no investimento nas especializações normalmente clínicas dentro da profissão, raramente se pensa no investimento para a docência, ainda muito ligada à área de pesquisa que por vezes desperta o interesse em alguns para a carreira de pesquisador, não necessariamente de professor. A identificação com a docência e o desejo de experimentá-la oferece oportunidade para o desencadeamento do novo, de reinventar aquilo que se faz com outro propósito, de tentar ensinar seu aluno em relação àquilo que o docente domina.

Atos como estes permitem essa nova inversão no mundo, o segundo nascimento, desencadeada pelo desejo e estimulada pela oportunidade de agir, de iniciar além de algo novo, se tornar ele próprio um iniciador. A efetivação da pluralidade, de ser único entre iguais, está diretamente relacionada ao discurso que além de útil como meio de comunicação e informação, permite ao sujeito mostrar quem ele é, fato que a docência proporciona, às vezes mais claramente que na atuação como profissional de saúde apenas.

Tanto a atuação na área da saúde quanto na docência oportuniza o “estar junto” com outras pessoas e o desvelamento do sujeito mostrando “o quê” e “quem ele é”, condição essa necessária para o discurso e a ação, passando a ser um meio para atingir um fim, tal como a fabricação é um meio de produzir um objeto.

A segunda subcategoria revela o momento em que a docência surge na vida destes profissionais como uma situação inesperada e não planejada como outra opção de trabalho ou carreira. A oportunidade passa a ser considerada como aspecto positivo e possibilidade de novas atuações após reflexões e enfrentamento das angústias iniciais a elaboração da situação. Após a escolha pela docência surge o desafio, a

angústia e a insegurança em relação às habilidades necessárias para ser professor saindo da área de conforto da atuação técnica.

O “acontecimento” da docência na vida de alguns profissionais de saúde ocorreu repentinamente e sem planejamento prévio, sendo em alguns casos surpreendidos por esta possibilidade antes sequer pensada como carreira paralela ou principal em suas vidas. Algumas falas retratadas abaixo apontam o pensamento que tiveram no momento em que a docência lhes foi cogitada como frente de atuação:

“essa situação caiu de repente na minha frente sem eu realmente nunca ter pensado em ser professora... essa situação não foi elaborada na minha mente como uma meta pra eu seguir profissionalmente, ela veio de surpresa” Cibele.

“Eu não me preparei pra ser professora... Aconteceu é”. Minerva.

“Em principio não era uma coisa que tava nos meus planos... isso simplesmente aconteceu” Sísifo.

“eu não pensava em ser professora... não tinha intenção. Não, foi acontecendo” Antígona.

“Alias ao contrario, eu sempre achei que nunca fosse dar aula” Clio.

“não era uma coisa assim que eu pensava que era o meu grande sonho nem a minha expectativa... Não, eu não tinha essa expectativa, realmente eu não tinha. eu sou docente por acidente” Nice.

“não foi um plano, não foi um planejamento” Choronos.

Ainda para alguns a decisão pela docência foi apoiada pela referência familiar em relação ao aceite da oportunidade até então não cogitada destacadas nas falas abaixo:

“Minha mãe é professora, foi professora a vida inteira se aposentou como isso e foi muuuito feliz profissionalmente”. Cibele.

“já venho de um histórico de professores. Meu pai é professor. Minha mãe é professora”. Buda.

“a minha mãe foi professora, então eu via algumas coisas...” Clio.

Após a surpresa inicial em relação à possibilidade concreta do trabalho como professor surgiu o momento da decisão de aceitar ou não a situação, passando a ser vista como oportunidade interessante de

atuação dentro de suas áreas de formação e considerando que, segundo Pondé (2010) a universidade se tornou ferramenta de ascensão social e talvez isso tenha sido também considerado e influenciado nas decisões pela carreira docente. Em alguns casos esta oportunidade foi decisiva para um novo encaminhamento de carreira abrindo novas possibilidades além de trabalho também pessoais como destacado nas seguintes falas:

“pensei... agora é minha hora ou eu vou ou...ou eu não vou mais, e acabei vindo” Tétis.

“eu comecei a gostar da historia e achei que isso seria... teria mais vontade, mais capacitação, sei lá ... pra fazer isso do que ficar no próprio hospital” Sísifo.

“Primeiro foi uma alegria, porque eu tava saindo de um lugar, saindo de um emprego... Foi uma alegria, porque eu tinha essa segurança de começar...e quer saber, eu vou” Clio.

“aquilo foi o primeiro momento que parei... posso talvez eu consiga fazer alguma coisa lá dentro” Nice.

“identifiquei como uma grande possibilidade” Camila.

Outro momento singular foi aquele em que os até então profissionais de saúde perceberam que as exigências e as habilidades para serem professores iam além do domínio técnico em sua área de formação. Seus novos papéis tiveram de ser encarados sem formação ou orientação específica em relação do como ser e como fazer ou atuar como professor. Este momento do início da carreira docente foi para alguns marcado pelo desafio maior do que o esperado, pela angústia e insegurança de acordo com os recortes das falas que seguem:

“Não foi fácil! Não foi fácil! Aquele primeiro semestre foi doído... todo dia eu dizia que eu paria um dia a mais de estágio. Era como se o tempo todo eu tinha que me provar, né... tava sempre em provação”. Cibele.

“Ai eu ficava em casa, meu Deus como é que eu vou falar como é que eu vou fazer”. Clio.

“Mas foi um momento confuso assim, bastante confuso, porque aquela insegurança de será que é isso que eu devia fazer, daí você vai na tentativa e erro” Clio.

“Que desafio, e agora, agora eu já to nessa enrascada não posso mais voltar, daqui pra frente não tem retorno... foi pesado”. Nice.

“Foi um momento bem critico na minha vida”. Camila.

Para a maioria dos participantes o trabalho na docência surgiu de forma inesperada, não planejada ou idealizada por eles ou elas como carreira. Surge a oportunidade ou convite para atuação como professor normalmente motivado e atrelado ao saber fazer técnico enquanto profissional de saúde. Com o passar do tempo, a alegria pelo surgimento da situação inesperada e a oportunidade de outra carreira a partir do reconhecimento profissional se torna um desafio ora positivo ora negativo conforme registros das falas dos sujeitos.

Os desafios são de diferentes ordens ao longo da carreira, passando do desafio inicial de ensinar e fazer com que o aluno aprenda e apreenda, até assumir o desafio da formação profissional em saúde em sua complexidade. O ensinar como ação docente vai além da simples transmissão de informação ficando o professor como fonte de saber.

Ensinar, do latim *insignare* significa marcar com um sinal que deveria ser de vida, busca e despertar para o conhecimento permitindo a inclusão das historicidades, dos determinantes, nexos internos, rede teórica e todos os elementos que possibilitem a síntese obtida evitando que os conteúdos fiquem soltos, fragmentados e com fim em si mesmos (ANASTASIOU e ALVES, 2004).

Ensinar no contexto universitário passa a ser o primeiro desafio dos profissionais de saúde, pois se identifica a necessidade de ir além de mostrar a passagem do fisiológico ao patológico e as intervenções adequadas como protocolos. A dificuldade primeira é descobrir-se como facilitador do complexo processo de aprendizado do aluno, sendo que ele próprio, agora professor, na maioria das vezes nunca teve orientação teórica ou prática em relação a como atuar como docente. O desafio e o choque da passagem abrupta do ser profissional de saúde para o ser professor, construindo e desconstruindo verdades, saberes e modos de pensar e atuar se torna complexo.

O segundo grande desafio é ser ator relevante na formação profissional em saúde estando à frente e motivando os alunos a passarem do apreender, que se resume no processo de memorização, ao aprender que demanda ir além, assimilar mentalmente, entender, compreender e construir o conhecimento. Para viver e, sobretudo, sobreviver nesse cambiante mundo novo, faz-se também necessário, ao profissional de saúde docente, repensar sua forma de inserção e modos de participação na realidade que vem sendo moldada, construindo junto aos seus alunos o futuro a partir da assimilação, da reflexão, do questionamento e formulação de propostas calcadas na realidade objetiva em que se inserem buscando estratégias para transformar essa mesma realidade (AMÂNCIO FILHO, 2004).

Não apenas na formação em saúde, “a ação dialógica do docente” tem por base a construção de identidade do educando, pois resulta dos diversos saberes, das diversas práticas do professor e do aluno.

Ainda em relação ao desafio de ensinar, deve-se considerar a identidade dos sujeitos envolvidos, docente e aluno, neste processo de estar junto com os outros e estar no mundo. Numa abordagem antropológica, a identidade é uma construção que se faz com atributos culturais adquiridos pelo indivíduo através da herança cultural, e confere diferenças aos grupos humanos. Em uma sala de aula ou outro espaço fora desse contexto, os atores são chamados a falar, a se colocar, a romper o silenciamento que trazem consigo, tratando do viver e enfrentam no cotidiano. Trocam experiências, idéias, alegrias, derrotas, vitórias, contam histórias, mobilizam-se e organizam-se para tarefas comuns (NEVES, 2006).

Antes de haver ‘transmissão de conhecimentos’ e portanto aprendizagem do conhecimento pronto, o homem depende de um outro aprender, decorrente de um intercâmbio com o mundo e com as pessoas em ambiente social, através do qual ‘descobre’ coisas, por meios práticos, por reflexão, por experimentação e até por acaso.

Ao discutir o conceito de identidade, Hall (2006) explica que “não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional”. Diante dos argumentos apresentados pode-se afirmar que quando se trata de sujeitos e construção de identidade, numa perspectiva de ação dialógica é necessário provocar um retroceder no tempo histórico (NEVES, 2006).

Passada a situação inesperada e o enfrentamento dos desafios, fica marcada a oportunidade do ingresso à carreira docente como um “acontecimento” positivo. A oportunidade vem como chance de mudança e renovação, de experimentar novas possibilidades dentro da própria profissão a princípio, de exercer mais sua atividade política dando espaço a possibilidade de revelação a estes sujeitos.

6.2 O VIVER E O SOBREVIVER NA UNIVERSIDADE

A segunda categoria identificada a partir da análise do conteúdo das falas dos sujeitos trata do viver e o sobreviver na universidade centrado no trabalho enquanto aspecto da *vita activa* e da condição humana. O envolvimento em grande número de atividades na universidade e a diversidade delas é o primeiro aspecto marcado pelos docentes reforçando a própria condição de trabalho. A maioria dos docentes mescla aulas teóricas, práticas, atividades em laboratório, em estágios, atividades de pesquisa e extensão entre outras para terem maior carga horária de trabalho e melhor salário. Para o desenvolvimento de cada uma destas modalidades de trabalho são necessárias inúmeras outras atividades para consolidá-las de forma satisfatória tanto ao docente quanto ao aluno. Para isso, surge também na fala dos sujeitos a necessidade de organização própria para atender estas demandas, que por instabilidade em seus salários, acabam aumentando a busca de oportunidades de novas atividades de trabalho.

Esta segunda categoria aponta as coisas que a docência reserva aos profissionais da saúde docentes separados em três subcategorias que tratam respectivamente, das atividades diversas ou da diversidade de atividades realizadas; da administração do tempo por prioridades que impõe a necessidade de organização prévia das ações, a falta de tempo frente as demandas do cotidiano e o pouco tempo livre; e do trabalho não reconhecido e sem resultados apesar do esforço dedicado.

Na subcategoria que revela as atividades diversas que estão presentes na vida destes profissionais. A divisão de trabalho na atuação clínica e na atuação como docente. Na atuação como docente a diversidade de atividades com aulas teóricas, aulas práticas, atividades em laboratório, atividades de pesquisa, supervisão de estágio, etc., e as dificuldades enfrentadas por esta variação de atividades muitas vezes em sequencia no mesmo dia de trabalho. De acordo com o observado nas falas extraídas que seguem, percebe-se também a tentativa de organização destas tarefas, mas que acabam sendo “atropeladas” pelos imprevistos:

“acordava vinha pra cá ou ia pro consultório a tarde fazia, ou continuava aqui ou ia pro consultório” Tétis.

“aula prática é muito corrido no sexto período é muita corrida, corrida na quantidade de vezes que as pessoas me chamam, a solicitação é muito grande o tempo todo me chamando” Cibele.

“nada muito planejado com antecedência, até porque as coisas aqui não da muito, tu te organiza pra fazer uma coisa surge outra demanda”

Minerva.

“dia de aula e a tarde eu tenho laboratório ou orientação” Clio.

“ai acontece naquele dia um monte de coisas para as quais a gente não havia se programado e se preparado. É é uma demanda muito superior a aquela que esta programada para aquele dia” Orfeu.

“eu trabalho por prioridades, essa é a minha lei” Nice.

“é uma atividade depois a outra/ Eu to em sala de aula das 07:30 às 09:10. 09:10 eu já tenho supervisão de estágio que vai até as 11. 11:10 eu to na sala. Minha vida é uma em seqüência de atividades/Minha vida é uma agenda. 10:30 eu to em Biguaçu dando supervisão, dai eu tenho uma agenda ali no meio, vou no banco, faço alguma coisa e daí consultório a uma, da uma as duas, das duas as três e das três as quatro. Seis horas eu to na supervisão com uma aluna”Chronos.

“Tem manhãs que eu tenho a manhã cheia, por exemplo ontem.

Praticamente segunda, terça vai pra quarta e a manhã cheia de aula né.

A tarde fica ou por conta dos alunos, ou por conta das atividades ou então o serviço voluntario né...”Camila.

A segunda subcategoria tem relação direta com a primeira por tratar da forma de administração do tempo em função das diversas atividades realizadas. Naquilo que parece um mundo de coisas por fazer que não se esgotam, surge a organização por prioridades. O tempo de preparo envolvido nesta organização buscando fluidez nas ações, não descartando os imprevistos, dá o tom do ritmo e das estratégias de organização dispostas. Devido ao volume de atividades realizadas revela-se por consequência o trabalho que não se esgota no ambiente de trabalho invadindo e sendo necessária a utilização dos turnos livres, em especial as noites e os finais de semanas, como tempo de trabalho incorporado com naturalidade além da utilização de outras formas ou ferramentas para facilitar o trabalho e a organização de acordo com as falas apresentadas abaixo:

- “a noite eu tinha o tempo de organizar as minhas coisas preparar as aulas, corrigir as provas os trabalhos, o domingo era pra tocar as coisas ou da faculdade ou do consultório”Têtis.*
- “Normalmente eu começo a organizar muuito tempo antes. Eu começo a preparar o que eu tenho que trazer pro dia todo um dia antes as aulas... pro estágio é... eu começo a preparar na noite”Cibele.*
- “eu nunca organizo um dia de trabalho, eu organizo uma semana de trabalho” Buda.*
- “antes de ir dormir digamos no domingo... Acabo seguindo uma rotina semanal... Antes de dormir eu já me programo”Buda.*
- “eu já me organizo bem antes... no dia anterior, noite anterior ou noite anterior eu já tento organizar”Minerva.*
- “Já tem tudo planejado organizado desde o inicio do semestre”
Minerva.*
- “Meu dia de trabalho começa antes. Venho pra cá pra dar aula, tem que trazer as aulas, tem que trazer o texto tem que trazer essas coisas então meu dia começa antes”Clio.*
- “existe a programação que a gente faz para o dia, que é baseada numa agenda”Orfeu.*
- “Sempre um dia anterior eu tenho que olhar todo o meu material, o material que eu vou apresentar e mais o que eu quero ler sobre né, eu não consigo ir sem, sem ler nada”Camila.*
- “Tá bem complicado, geralmente eu não tenho tempo hábil, geralmente eu tenho trabalhado muito em casa né”Camila.*
- “Faço trabalho, vou pro computador, pesquiso, leio email, respondo, essas coisas...” Antígona.*
- “...via email, Messenger, tenho utilizado outras formas” Camila.*

Em relação à administração do tempo no que tange ao tempo de livre que eventualmente surge durante o dia de trabalho, este acaba também por ser tomado por atividades relacionadas às múltiplas tarefas conforme identificado nas seguintes falas:

- “sento pra ler alguma coisa... pra pensar coisa pra frente. Quando eu já tô mais lento e ai eu fico pensando”Sísifo.*
- “E ai começa todo um retorno né, porque voltar pra Blumenau é um fim de trabalho ainda./... É nessa hora que eu faço aquele feedback...”Clio.*

A falta de tempo invade horários que poderiam ser apontados como o momento de parada meio às atividades de trabalho, porém, conforme apontado abaixo, este tempo acaba não sendo necessariamente priorizado e tomado por outras necessidades:

“Então eu saio almoço muito rápido, eu saio daqui dez pra uma, almoço voando e uma e meia eu entro no hospital” Cibele.
“eu acabo invadindo meu horário de almoço com trabalho” Clio.
“se der tempo a gente almoça né, se não der tempo ai a gente já...” Camila.

A organização prévia de destas atividades é comum a todos os docentes, mesmo que as mesmas sejam previamente organizadas na elaboração do “plano de ensino” de cada atividade em cronogramas gerais ao início de cada semestre letivo. Os docentes apontam diferentes formas de se organizarem, sendo na noite anterior a atividade de trabalho, ou no dia anterior, ou no final de semana projetando a semana seguinte de trabalho. Tudo isso exige a escolha de atendimento das prioridades ou urgências e tempo para esta organização e preparo. A escolha das prioridades ou urgências se dá normalmente pela atividade do próximo dia ou do próprio dia de trabalho, considerando que mesmo assim reestruturações podem acontecer conforme as demandas espontâneas que surgirem.

O tempo, ou a falta dele é outro aspecto relevante na vida destes sujeitos. As atividades em sequencia muitas vezes não permitem a parada necessária até mesmo para o sustento das condições fisiológicas, como a alimentação, hidratação e eliminação. O tempo livre é consumido pela falta de tempo para as atividades de trabalho, de atendimento aos alunos, de envolvimento em novos projetos, de convivência entre os outros impedindo o estar junto e a liberdade e é utilizado como incremento do tempo de organização das tarefas, das atividades e do próprio trabalho. Muitos utilizam o momento de descanso, para a maioria à noite, como tempo de preparo assim como os finais de semana, especialmente o domingo privando-se do convívio familiar e do descanso. Para Arendt 2010, a falta do tempo livre acaba também acarretando o grave problema social do lazer, isto é, devido ao tempo limitado somado à exaustão diária, acaba sobrando um período de tempo restrito para a vida social e inclusive para o próprio consumo.

Aqui fica marcado o lado duro do trabalho, o das múltiplas tarefas, da repetição, do retrato do *animal laborans* em sua essência. Do “corpo que se mistura com” e se mostra sufocado pelo fazer, trabalhando para suprir as necessidades e demandas nutrindo apenas o processo vital. Arendt aponta estes elementos como posicionadores do homem na escala de escravos, que trabalham para o sustento do outro, da construção da identidade do aluno, sua formação profissional, de preferência garantindo o sucesso profissional do aluno, e sustentando o negócio da universidade de certa forma passivo a tudo isso, acreditando como verdade de que quanto mais trabalho, maior a remuneração e maior a satisfação e *status* social, elementos fortes no mundo globalizado em que se vive.

Sufocados pelas atividades diversas, pela tentativa de organização e preparo das atividades por prioridades ou urgências, pela falta de tempo e pelo consumo do tempo livre também dedicado ao trabalho, os docentes ainda relatam outro elemento também relacionado ao trabalho da *vita activa*, o não reconhecimento do seu trabalho e a não percepção dos resultados de seu trabalho, configurando o chamado trabalho improdutivo.

Para Arendt 2010, a localização das atividades humanas do trabalho é privada e está no domínio da necessidade e da futilidade com algumas coisas ocultadas e com outras que devem ser expostas em público, para que possam adquirir alguma forma de existência buscando sair do caráter apenas mundano tentando tornar a boa obra pública.

Na antiguidade, trabalhar significava ser escravizado pela necessidade e segundo Aristóteles o escravo não possuía, por isso não era considerado humano, a faculdade de deliberar e decidir, e a de prever e escolher reforçando que é sujeito à necessidade.

Na era moderna a importância dada ao trabalho como fonte de valores coloca o *animal laborans* de Marx no lugar do *animal rationale*, e o consumismo e o utilitarismo no lugar da razão. Nesta época começam a ficar marcada a distinção entre trabalho produtivo e trabalho improdutivo e a diferença entre obra qualificada e não qualificada, e a distinção entre trabalho manual e intelectual. No caso dos participantes deste estudo, transparece alguns aspectos ainda ligados a escravidão da antiguidade quando apontam a limitação que possuem em deliberar e decidir, visto que as tarefas e atividades são executadas em sequência conforme planejadas em planos de ensino e cronogramas que dificilmente permitem escolhas, por exemplo, de acrescentar ou suprimir conteúdos às aulas. Talvez a previsão e a escolha seja o que mais lhes marca a escravidão, pois são poucas e inseguras as previsões

em relação a sua carga horária de trabalho a cada semestre letivo e se deixa de lado a escolha e se voltam pela necessidade a se envolverem com o maior número possível de atividades a fim de assegurar-lhe salário, que por sinal e segundo Marx “o próprio salário é sinal de escravidão”, mas que dá aos sujeitos a suposta sensação de liberdade. As ocupações intelectuais como são as dos docentes se tornam duvidosas dada à moderna glorificação do trabalho, passando os intelectuais a serem considerados membros da população operária na atualidade, tendo que atender ao trabalho produtivo, qualificado e mais manual do que intelectual propriamente dito, exemplo disso é a “qualificação” e a “produtividade” que o docente precisa buscar e apresentar. O contexto desta discussão associa-se diretamente ao trabalho não reconhecido e sem resultados que os participantes deste estudo referem, pois a atividade da docência a priori, é essencialmente intelectual, porém no contexto universitário contemporâneo é vista e cobrada como atividade de trabalho quase “manual”, talvez por isso a confusão e a dificuldade de reconhecimento da essência do trabalho perdida. Também diferentemente do trabalho como profissionais de saúde, atividade considerada “manual” e com resultados que são automaticamente consumidos durante sua produção como é o cuidado em saúde, este sujeito passa então a deixar esta tarefa manual e mais concreta para ingressar numa carreira onde a atividade passa a ser mais intelectual embora baseada ainda na técnica e no saber fazer, fato que pode implicar na dificuldade ao reconhecimento e resultado de seu trabalho.

A terceira subcategoria aponta a frustração em relação ao resultado do trabalho identificado como “vazio”, sem resultados e não reconhecido pelo próprio sujeito, transparecendo sentimento de desânimo conforme apontado abaixo:

“Aqui no CCS assim, no administrativo, o resultado ele é assim ele não é reconhecido eu acho, mas eu vejo o resultado” Minerva

“... são de apagar incêndio, na verdade isso não tem resultado nenhum, não tem resultado nenhum” Sísifo.

“Sempre tenho a sensação de que ao final do dia, muito embora a gente tenha trabalhado arduamente, que ficou muita coisa pra trás, que a gente não conseguiu vencer tudo aquilo que precisava” Orfeu.

“Muitas vezes a gente trabalha, trabalha e quando é demanda a gente põe a demanda e tem dificuldades em parar e ter um momento para fazer uma avaliação daquilo que se está fazendo e do resultado” Orfeu.

“... eu não to conseguindo perceber resultado positivo no meu trabalho, vou me aposentar”Nice.
“ele (o resultado) não é permanente é um pouco aqui, um pouco ali, um pouco lá são pequenas coisas”Camila.

Quando o trabalho ascendeu à categoria mais estimada das atividades humanas, Locke apontava o trabalho como fonte de toda propriedade, Adam Smith como fonte de riqueza e para Marx era fonte de toda produtividade e a expressão da própria humanidade do homem e a capacidade humana de edificação do mundo, confundindo o trabalho com a obra.

O consumo do produto imaterial do trabalho dos profissionais de saúde e docentes é um fenômeno que pode explicar o reconhecimento deste trabalho como “coisas de curta duração”, e que o dinheiro, idéia introduzida por Locke se configuraria como “uma coisa duradoura entre os homens podem conservar sem que se estrague” dando ao sujeito a chance de acessar a propriedade e a tornar duradoura (ARENDRT, 2010 p.126). Segundo Marx, o processo de trabalho termina no produto, que é imediatamente incorporado, consumido e destruído pelo processo vital do corpo. Smith chama de “trabalho improdutivo” todas as atividades relacionadas com o consumo, fatos que também dificultam o reconhecimento das atividades de trabalho da docência em saúde, onde tudo é automaticamente consumido pelo aluno ou pelo paciente, onde o produto do trabalho não permanece tempo suficiente no mundo para se tornar parte dele.

6.3 A FELICIDADE E AS “BOAS OBRAS” NA DOCÊNCIA

A terceira e última categoria diferente da anterior, aponta os aspectos e resultados positivos que a docência proporciona identificados pelos participantes sob o título: A felicidade e as *boas obras* na docência. A realização profissional configura-se como a primeira subcategoria marcadamente importante ao grupo, seguida pela segunda subcategoria que identifica o crescimento do aluno como fonte de satisfação e realização concreta ao docente. Estes dois elementos emergidos resgatam um pouco estes sujeitos da atividade dura de trabalho e os remetem, mesmo que discretamente a obra e a ação.

A realização profissional surge associada aos resultados alcançados com os pacientes tanto no âmbito do exercício do papel profissional no consultório, como no resultado das aulas práticas desenvolvidas com pacientes na especialidade de atuação do docente. Também como aspecto positivo se tem após as dificuldades iniciais ao abraçar uma profissão desconhecida, à constatação da realização profissional pelo sucesso na carreira docente e experiência profissional reconhecida conforme os recortes citados abaixo:

“... no consultório é quando eu consigo dar alta pro meu paciente estando ele o mais próximo da normalidade possível” Tétis.

“Outra coisa de resultado bem prático é com paciente. Ahh eu gosto muito da relação com eles e de ver o resultado do meu trabalho numa pessoa” Cibele.

... várias coisas assim eu descobri que eu gosto muito de sala de aula mais de que qualquer outra coisa é uma realização profissional agora e pessoal também... o meu relacionamento com os alunos... é o resultado das avaliações...” Cibele.

“as coisas foram acontecendo e eu não consigo me imaginar fazendo outra coisa” Buda.

“contente assim com o que eles fizeram né, com o que eles aprenderam, eles já verbalizam né, é o que realmente me satisfaz” Minerva.

“Tem o resultado financeiro que não dá pra excluir” Cibele.

“não sei te mensurar isso, mas eu posso te dizer que esses anos todos me deram muita experiência” Antígona.

“adquiri uma bagagem grande”. Antígona.

“eu me vejo como alguém que faço diferença, ou pelo menos contribuo para que a vida de algumas pessoas seja diferente” Orfeu.

A constatação do aprendizado do aluno retratado na segunda subcategoria tem relação com a satisfação quando o docente consegue “encantar” o aluno por sua área de atuação, e quando o docente identifica o amadurecimento e construção do conhecimento do aluno incorporado à evolução técnica nas diferentes abordagens reveladas nas seguintes falas:

- “é quando vem um aluno e me diz: “eu vou seguir essa área, eu tô procurando, eu vou fazer curso na área”... quando ele me diz que tá procurando alguma coisa nesta área pra trabalhar” Tétis.*
- “a minha luta do semestre inteiro deu certo pra aquela pessoa porque ela foi lá e investiu um dinheiro naquele livro ou tá procurando um curso naquela área” Tétis.*
- “Interesse pela minha área... Não tinha nenhum e agora a gente tem todo semestre pelo menos dois” Clio.*
- “hoje eu tenho varias alunas que eu mantenho contato que tão trabalhando em centro cirúrgico se especializando nisso. Com relação a despertar interesse pela área eu acho que melhorou com o meu trabalho” Clio.*
- “eu percebo como real é uma mudança do ponto de vista ou pelo menos uma construção... eu consigo perceber que o aluno já tem uma ideia mais ampla a respeito daquilo” Buda.*
- “o aluno vai ganhando segurança nas aulas práticas principalmente, segurança no atendimento do paciente, vai construindo alguma coisa mais sólida” Buda.*
- “uma visão bem ampla realmente vendo o indivíduo como um todo nas suas necessidades, nas suas potencialidades” Buda.*
- “é com os meus alunos assim, esse resultado é ele imediato assim, a fala deles” Minerva.*
- “quando os alunos entendem o que você explica né, quando eles assistem as aulas, quando eles estão ali motivados pra assistir o que você esta falando” Chronos.*
- “é prazeroso quando você vê que eles aprendem a pensar o processo” Chronos.*
- “percebe que realmente aquele aluno... isso construiu, construiu, acho que isso é o que mais dá respaldo assim” Camila.*

Podemos aqui arriscar que realização profissional ligada aos resultados alcançados junto aos pacientes e aos alunos é “produto” da ação e do discurso que fazem parte da atividade dos profissionais de saúde e docentes e que constituem a textura das relações e dos assuntos humanos. O orgulho de haver cumprido uma tarefa e ver o empenho de sua força transformada em algo reconhecidamente positiva “produtiva” e sólida – a sua obra. Aqui o trabalho *ponein* se torna trabalho *ergon*, surgindo espaço à criatividade, a liberdade, à revelação dos sujeitos, a estar junto com os outros e se enredar na teia das relações humanas.

Segundo Arendt 2010, existe um período de alívio e de alegria breve que segue a realização e acompanha o acabamento do trabalho. Segundo ela, a bênção do trabalho consiste em que o esforço e a gratificação seguem um ao outro tão proximamente quanto a produção e o consumo dos meios de subsistência de modo que a felicidade é concomitante ao processo, da mesma forma como o prazer é concomitante ao funcionamento de um corpo sadio (ARENDR, 2010 p.133).

Pautada no mesmo exemplo do cultivo do solo, onde o trabalho se transforma em obra no decorrer do processo, o trabalho do docente como mediador e incentivador do aluno a aprender, implica em transformação e proporcionar crescimento ao aluno na apropriação do conhecimento científico profissional. Assim como se transforma o solo inulto em terra cultivada, mas que mesmo assim precisa ser continuamente cultivada, o docente incentiva ao aluno como a si próprio a qualificação permanente, para que permaneça de algum modo como parte do mundo humano.

7. O CUIDADO DE SI DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE DOCENTES

A formação dos profissionais de saúde é centrada no cuidado sistematizado com o paciente/cliente buscando a recuperação e manutenção da saúde e a autonomia do paciente/cliente. Como educadores em saúde, os docentes têm como foco de trabalho o ensinar a partir de ações específicas de cuidado, de conteúdos e compartilhamento de experiências no campo do cuidado com o paciente/cliente, ficando em ambas as situações tanto o cuidado de si próprios como o cuidado de si em segundo plano, e quando existe é de forma a facilitar o seu trabalho e a qualidade de vida do paciente/cliente. O cuidado de si não nos parece inserido no processo de cuidar de si, no processo de ensinar, e nem o de ensinar ou estimular ao outro o cuidado de si.

Os profissionais de saúde docentes mostram-se envolvidos por verdades que falam do cuidado com o outro, de não-exclusão, de reabilitação, de resgate da cidadania, e acabam tendo a necessidade de “tomar” o paciente/cliente como um todo para melhor cuidá-lo, esquecendo ou não percebendo a necessidade de aplicar a si os mesmos exercícios de governo de si para melhor governar os outros (BERNARDES e GUARESCHI, 2004).

Foucault falava da necessidade de se tomar a vida como uma obra de arte, como um processo criativo de transformação individual que possibilita o sujeito a chegar à verdade sobre si e ao governo de si. Quando questionamos aos profissionais de saúde docentes sobre o cuidado de si, notamos um certo desconforto em todos eles. O silêncio inicial, a reflexão, o sorriso pálido como quem diz: “é desconfortável falar sobre cuidar de si, sei falar sobre cuidar do outro”, ou ainda: “eu sei que não há o cuidado de si, mas deveria”. Alguns demoravam um pouco a responder, como se estivessem buscando respostas ou tentando justificar a ausência do cuidado de si em sua vida. Observamos que antes do cuidado de si, os docentes tiveram que encarar a primeira verdade sobre si, e refletir sobre ela, pois como dito anteriormente, reconhecer a verdade da existência ou do limitado cuidado de si os remeteu à reflexão.

Comumente as pessoas acabam pensando na questão do cuidado de si quando ocorre algum evento limitante na vida, pelo menos é o que notamos quanto aos sujeitos desta pesquisa.

Antes de discutir os dados encontrados propriamente ditos, trazemos algumas reflexões e o momento da entrevista como primeiro foco, o momento de nos aproximarmos quem é o profissional de saúde docente e como ele utiliza a *parresía*, que se traduz para os latinos como *libertas* e nas línguas românticas por “falar francamente” sobre algo. Na literatura epicúrea, a *parresía*, um dos princípios éticos fundamentais da direção, também é “expressa como uma qualidade de *fisiólogo*, o médico conhecedor da natureza, que define a relação entre o médico e o paciente”, sendo que aqui associamos o “médico” aos profissionais de saúde reconhecendo que a habilidade de falar com *parresía*, isto é “com liberdade de palavra, consiste dizer ao enfermo as verdades da natureza que podem mudar o modo de ser do sujeito doente” é inerente a todos os profissionais de saúde e são, de certa forma, formados para essa situação.

Outra forma de *parresía* é a que “se refere tanto à atitude moral do mestre, do diretor de consciência, quanto à técnica necessária para transmitir discursos verdadeiros” e conduzir então, a relação entre mestre e discípulo. Trata-se do uso de regras de prudência, de habilidade para saber como e quando falar para que o discípulo, em nosso caso o aluno, receba o discurso verdadeiro na melhor ocasião, estabelecendo-se assim tanto a *parresía* quanto a *pedagogia*, que é a transmissão de uma verdade que tem por função dotar o sujeito de atitudes, capacidades e saberes, se estabelecem como habilidade também necessária no trabalho na docência (CASTRO, 2009 p.316-7).

Estas formas de *parresía*, a liberdade do uso da palavra com o doente, e da relação entre mestre e discípulo, faz parte e é esperado no cotidiano dos profissionais de saúde docentes. A terceira forma de *parresía*, exercida no momento da entrevista, em que o *falar franco*, o *libertas* teve espaço para manifestação o uso desta habilidade não fluiu com a mesma facilidade. Neste cenário “*parresía* é alguém que fala e fala a outro, mas fala ao outro de tal maneira que este outro possa constituir uma relação com ele mesmo que seja autônoma, independente, plena e satisfatória”, trata-se da transmissão da verdade, que por sua vez, quando revelada o sujeito se compromete consigo próprio, primeiro difícil passo para o cuidado de si. Ainda segundo Foucault, (2004b) a *parresía*, é a abertura do coração, é a necessidade entre os pares, de nada esconder um ao outro do que pensam e se falar francamente, é a ética e qualidade moral da relação verbal com o outro e pode ser traduzida por “franqueza”, é uma regra de jogo, um princípio de comportamento verbal com o outro na prática da direção de consciência (FOUCAULT, 2004b). Para o mesmo autor a utilização da

parresía na relação entre médico e doente e entre mestre e discípulo citada anteriormente é uma técnica, é a liberdade de jogo que faz com que no campo dos conhecimentos verdadeiros, possa ser utilizado aquele jogo que pertinente para transformação, modificação e melhoria do sujeito, aqui em questão o paciente/cliente ou o aluno.

Na arte de si mesmo, na prática de si mesmo que são elementos, entre outros, que sustentam o cuidado de si, a *parresía* tem uma significação técnica precisa em relação ao papel da linguagem e da palavra na ascese espiritual dos filósofos.

A verdade, conteúdo da *parresía*, é outro elemento que coloco aqui em discussão suas diferentes faces. A verdade que na *parresía* “passa de um ao outro, sela, assegura, garante a autonomia do outro, daquele que recebeu a palavra relativamente a quem a pronunciou” (FOUCAULT, 2004b p. 458).

A verdade consiste em uma determinada relação com o discurso e é um conjunto de procedimentos que permitem pronunciar, a cada instante e a cada um, enunciados que serão considerados verdadeiros, e atribuído à ordem daquilo que o discurso diz.

Curiosamente, Foucault distingue cinco características importantes do que chama de “economia política da verdade” em nossa sociedade, estando elas centradas: no discurso científico e nas instituições que a produzem, *locus* de vida e trabalho dos profissionais de saúde docentes; estão submetidas à constante incitação política e econômica, tendo como exemplo as diretrizes curriculares expedidas pelos ministérios da saúde e educação que apontam o perfil do sujeito “formado” para atender às demandas em saúde no país, lembrando que a saúde e a doença têm estreita relação com a globalização fruto da política e da economia local e mundial; é objeto de difusão e consumo, essência do “negócio” das universidades; é produzida e distribuída sob o controle de grandes aparatos políticos e econômicos, vide os editais de financiamento em pesquisas voltados a setores com impacto político e econômico como, por exemplo, a pesquisa e produção de novos medicamentos e tecnologias em saúde; e a última característica é a colocação em jogo do debate político e das lutas sociais, onde *a priori* a universidade seria o espaço de excelência para estas discussões, porém, o sufocamento dos atores que nela atuam com atividades de trabalho o impede de exercer estes debates.

Considerando as características citadas por Foucault e que aproximam à realidade dos profissionais de saúde docentes deste estudo, o mesmo autor marca quando fala da transformação da verdade-acontecimento (*événement*) em verdade-demonstração que, “o sujeito de

fato é um sujeito qualificado, construído, nas e pelas instâncias institucionais: as universidades, as escolas, os laboratórios, etc”, colocando os docentes como elementos “assujeitados” ao poder da universidade e que ao mesmo tempo usam e exercem o poder lhe atribuído como mestre.

Os problemas do sujeito e a verdade, assim como o comprometimento acerca da verdade sobre si implicam em diretas dificuldades em relação ao cuidado de si. O “conhece-te a ti” mesmo como acesso a verdade e ao próprio sujeito, é condição necessária para a conversão, para a transformação que junto com o trabalho de si para consigo asseguram, segundo Foucault, tornar o sujeito capaz da verdade. Todo o trabalho de si sobre si, todos os cuidados que se deve ter consigo mesmo que se se quiser ter acesso à verdade consistem em conhece-se, isto é, em conhecer a verdade (FOUCAULT, 2004b).

A ascese (*áskesis*) tem o papel de constituir o sujeito em si mesmo e como sujeito de veridicção, ou seja, a relação entre sujeito e verdade se transforma tornando-o pronto a dizer a verdade sobre si mesmo e a formular o discurso de verdade. A verdade sobre si só é estabelecida a partir da veridicção, do dizer verdadeiro, podendo aí ser associado à prática do sujeito, seu discurso e o governar a si mesmo e aos outros.

A função do discurso é determinante como formador da subjetividade e da ligação entre o sujeito e a verdade. É no discurso que a verdade de si mesmo, a verdade sobre seu desejo, seus pensamentos e suas imaginações, tornando o discurso um modo de objetivação do sujeito em termos de verdade (Castro, 2009). Foucault nos trás novamente a ascese como também “o que permite adquirir discursos verdadeiros, dos quais se tem necessidade em todas as circunstâncias, acontecimentos e peripécias da vida, a fim de se estabelecer uma relação adequada, plena e acabada consigo mesmo; e ao mesmo tempo a ascese é o que permite fazer a si mesmo o sujeito destes discursos verdadeiros, é o que permite fazer de si mesmo o sujeito que diz a verdade e que, por esta enunciação da verdade, encontra-se transfigurado, e transfigurado precisamente pelo fato de dizer a verdade” (FOUCAULT, 2004b p. 400). Ainda segundo o autor, a subjetivação de um discurso verdadeiro é uma prática e um exercício de si sobre si, e tem suporte permanente em todas as técnicas e todas as práticas que concernem à escuta, à escrita e ao fato de falar. Os discursos verdadeiros só concernem àquilo que somos em nossa relação com o mundo, em nosso lugar na ordem da natureza, em nossa dependência ou independência quanto aos acontecimentos que se produzem (FOUCAULT, 2004b).

Considerando os conceitos e os aspectos que sustentam a verdade, a *parresía*, a ascese e os discursos verdadeiros, este estudo buscou compreender o cuidado de si e as práticas de cuidado de si dos profissionais de saúde docentes a partir de algumas questões nas entrevistas realizadas com eles.

Da análise das respostas dos sujeitos surgiram três categorias e quatro subcategorias conforme apresentado no quadro 04 abaixo e que passamos a explorar.

| CUIDADO DE SI | |
|--|---|
| CATEGORIA | SUBCATEGORIA |
| 1. As faces e as máscaras da saúde. | 1.1 A saúde segmentada. |
| | 1.2 Percebendo o risco à saúde e às vezes o desafiando. |
| 2. A quebra do cotidiano e as tentativas. | 2.1 O descanso. |
| | 2.1 Os limites para o descanso. |
| 3. O olhar voltado para si e o mover-se. | |

Quadro 04: Cuidado de Si: Categorias e Subcategorias

7.1 AS FACES E AS MÁSCARAS DA SAÚDE

A primeira categoria mostra como está a saúde dos sujeitos a partir da leitura de cada um quando são reveladas as faces e as máscaras da saúde. A primeira subcategoria exhibe o primeiro aspecto relevante que surgiu a partir da análise do conteúdo das entrevistas, a segmentação da saúde que os sujeitos estabeleceram a fim de facilitar a percepção própria ou leitura, e relato próprio sobre a sua saúde. São demarcados os segmentos em saúde física, emocional e psíquica, espiritual, e ambiental, seguidos do conflito entre o discurso e prática em relação à saúde, e outros elementos relacionados como: a atividade física, a consulta médica preventiva, os cuidados clínicos e médicos quando indicados, a alimentação, o sono e o sedentarismo.

Os relatos segmentando a saúde são separados pelos sujeitos em aspectos positivos ou negativos, ou como o “estar bem” e o “não estar bem” em relação a cada segmento, porém nota-se conforme as falas recortadas abaixo que há maior reforço em relação aos aspectos negativos da saúde ou a sinalização de situações preocupantes em relação à saúde. A saúde física, do corpo, é a primeira lembrada e aparece como “estando bem” em relação a aspectos saudáveis, ausência de doenças e que habilita o sujeito a enfrentar as demandas e exigências do cotidiano apontados nos relatos abaixo:

“... minha saúde física está bem. ...acho que assim no geral a minha saúde física tá, tá bem, já estive pior, mas emocional não” Tétis.

“... teve momentos que minha saúde física, mental e espiritual tava péssima, UTI mesmo” Cibele.

“A minha saúde eu considero nesse momento excelente. Eu acredito que pra conseguir dar conta de tudo que eu faço em uma semana, realmente tem que se ter uma saúde muito boa” Buda.

“Apesar de eu sempre nos últimos anos eu ter percebido uma trajetória minha em direção ao cuidado de si voltado a saúde física” Buda.

“A minha saúde anda bem. Particularmente a minha saúde anda bem” Clio.

Aspectos relacionados à saúde emocional ou saúde psíquica dos sujeitos são o segundo aspecto relacionado à segmentação da saúde que aparecer nos relatos com maior frequência, marcada por queixas e associadas ao trabalho e a dificuldade de gerenciamento da sobrecarga e ansiedade conforme os trechos declarados por eles e que seguem abaixo:

“...esse lado emocional tá bem... bem abalado e eu sei que isso acaba refletindo na saúde física né? Tento desviar um pouco essas preocupações com as outras coisas que eu gosto de fazer” Tétis.

“... fragilizou minha saúde física menos, mas a saúde psíquica que acaba interferindo diretamente no físico, inclusive desenvolvi uma patologia psíquica que na verdade eu... não desenvolvi. Talvez já tenha alimentado, porque ela já existia antes né” Buda.

“...teve momentos que eu não conseguia separar, era 100% trabalho e isso me quebrou” Buda.

“Quanto maior o grau de ansiedade que me define quanto maior isso, pior a minha qualidade, sem dúvida nenhuma, e essa ansiedade tá muito

ligado ao trabalho, as expectativas que a gente tem, do local de trabalho e o que não são atendidas” Sísifo.

A saúde espiritual e a ambiental são os outros dois elementos apontados pelos profissionais de saúde docentes como importantes na relação com sua saúde, mostrando estes como aspectos que promovem conforto conforme as falas mostradas abaixo.

“... voltar a frequentar um centro espírita” Cibele.

“Uma coisa que foi acontecendo assim ao longo da minha vida, por ter passado por coisas assim foi um pouco mais de espiritualidade, coisa que eu não tinha muito” Sísifo.

“Eu tô lutando pra melhorar o lugar onde eu moro e isso vai interferir diretamente na minha saúde” Cibele.

Falar sobre saúde exige autoconsciência e a percepção de ser saudável e suas fragilidades, constituindo um princípio fundamental de identidade subjetiva. A saúde perfeita tornou-se a nova utopia apolítica da sociedade contemporânea e é vista tanto como meio quanto finalidade das nossas ações. Busca-se saúde para a vida, mas também viver para estar em boa saúde (ORTEGA, 2004).

A saúde para Michel Foucault é abordada em duas formas distintas. A primeira aponta que para o indivíduo e a relação medicina/prática de si, a busca pela boa saúde remete ao problema da salvação, ao “salvar-se e realizar a própria salvação” (FOUCAULT, 2004b). A segunda abordagem que o autor faz da saúde, diferente da primeira que trata do aspecto individual dela, a saúde é trata como assunto social e político.

Ter boa saúde, escapar das doenças, ser ao mesmo tempo conduzido a morte e a salvar-se dela conduz ao que Foucault chama de “temática da salvação”, tratada aqui como aquela que se situa entre a vida e a morte e não aquela que trata da mortalidade e da imortalidade, ou dos aspectos deste mundo e do outro.

Está vinculada à dramaticidade de um acontecimento que pode ser situado na trama temporal dos acontecimentos pessoais ou acontecimentos do mundo e é vista como a salvação que nós mesmos operamos. Os cuidados com o corpo, o bom estado, o bem estar e o evitar a morte ou livrar-se de um perigo, proteger se refere, assim como nos outros aspectos da salvação, à própria vida. Salvar-se é uma atividade desenvolvida ao longo de toda a vida e operada pelo próprio

sujeito, portanto, é uma atividade contínua e encontra sua recompensa ao tornar-se inacessível às perturbações exteriores e ao encontrar em si mesmo a satisfação de que nada mais necessita senão dele próprio, firmando a relação consigo próprio (FOUCAULT, 2004b).

Na cultura do cuidado de si mesmo a categoria da salvação, como categoria filosófica, desempenha papel importante estabelecendo que salvar-se a si mesmo, alcançar a própria salvação é o que as práticas de si mesmo perseguem e é vista como ampla medida positiva em relação si mesmo e aos outros (CASTRO, 2009)

Em relação à segunda abordagem de Foucault, onde a saúde é tratada como assunto social, desde o século XVIII o indivíduo e a espécie entraram nas estratégias e nos cálculos do poder político. A vida biológica e a saúde da nação tornaram-se alvos fundamentais de um poder sobre a vida, num processo denominado de “estatização do biológico” a biopolítica da saúde.

A biopolítica exposta por Foucault enfatizava especialmente as noções de sexualidade, raça e degenerescência, cujo objetivo era a otimização da qualidade biológica das populações e estava vinculada ao fortalecimento do Estado nacional, à afirmação da burguesia, assim como à formação de um dispositivo médico-jurídico visando à medicalização e à normalização da sociedade (Foucault, 2005).

A biopolítica da saúde, diferente dos mecanismos disciplinares, persegue o equilíbrio e a regulação da população, e segundo Foucault “o poder é cada vez menos o direito de fazer morrer e cada vez mais o direito de intervir para fazer viver, e sobre a maneira de viver, e sobre o como da vida; a partir deste momento, então, em que o poder intervém, sobretudo a esse nível, para ampliar a vida, é evidentemente o fim, o limite, o extremo do poder” (FOUCAULT, 2005)

Ainda em relação à saúde e seus segmentos outro elemento que se apresenta são aqueles relacionados ao conflito entre o discurso e a prática em relação à saúde. Embora todos os sujeitos deste estudo tenham formação em saúde e, portanto, conhecedores dos aspectos necessários à boa saúde e os riscos e implicações que existem pela falta de cuidados, a fala de alguns apresentados abaixo demonstra consciência em relação à pretensão no gerenciamento dos riscos presentes na vida deles.

“...muito maior do que alguma coisa que a gente sabe que na teoria geral é importante” Tétis.

“Então acaba sendo... um cuidado de si a prática do dia a dia, a vida do dia a dia respeitando os outros fazendo o que deve ser feito, fazendo aquilo que você acredita ser a tua verdade e tentando realmente desenvolver né? hábitos mais saudáveis de tudo” Buda.

“Então o discurso eu tenho essa consciência, mas a ação no dia a dia. Quando eu tô em estágio com aluno, eu não bebo água porque eu sei que eu não vou poder fazer xixi, então tá errada as duas coisas, eu deveria beber e fazer xixi. Então tem uma diferença assim entre a consciência e a ação do dia a dia” Minerva.

“...a partir dessas coisas assim, desses três eventos eu acho que foi a separação, a demissão, de saber que o meu rim não funciona que eu comecei a acordar pra vida um pouquinho. Mas eu acho que a palavra eu não sou muito, tão disciplinada assim, eu tenho essa consciência” Minerva.

“Então essa é uma coisa (doença renal) que eu mantenho vigilante assim sabe, eu tenho que realmente ficar de olho e tal. Eu fui obrigada a ter um certo controle e ser realmente controlada com relação a essas coisas” Minerva.

Ao tratarmos do aspecto do conflito entre o discurso e a prática, estamos tratando da questão do comportamento do sujeito, do uso da liberdade, das escolhas que faz de sua posição em relação ao que o rodeia, aos objetos ou recursos para uso ou o “socorro” que dispõe aos outros com os quais se relaciona, e principalmente trata da relação com o seu próprio corpo. Os estóicos marcam ao logo da história do cuidado de si como centro da teoria e da prática do cuidado de si e especialmente Epicteto aponta que: “ocupar-se consigo mesmo será ocupar-se consigo enquanto se é “sujeito de”, em certas situações, tais como sujeito de ação instrumental, sujeito de relações com o outro, sujeito de comportamentos e atitudes em geral, sujeito também na relação consigo mesmo”, ou seja, há a necessidade de estar atento a si mesmo, atitude esta que parece ter relação com o gerenciamento de riscos em relação a vida e a saúde dos profissionais de saúde docentes. Novamente trago aqui a reflexão acerca do suposto domínio sobre riscos que se confirma na fala destes sujeitos, pois reconhecem os riscos, os qualificam e quantificam e tem consciência que pouco ou nada fazem em relação aos riscos e a si próprio, portanto, não há o cuidado de si (FOUCAULT, 2004b).

Outro aspecto a ser pensado é que o profissional de saúde docente tem seu modelo de comportamento observado por seus alunos e

pacientes que podem da mesma forma adotá-lo como comportamento modelo assim transmitido, porém de forma negativa ao cuidado de si do outro.

Segundo Foucault, os discursos verdadeiros e a premeditação dos males ou infortúnios (*praemeditatio malorum*) possibilitam ao sujeito reagir, buscar recursos ou “socorro sempre que necessário e ao se apresentar um acontecimento que, não recebendo atenção suficiente, poderá ser considerado como um mal, quando não passa apenas de uma peripécia na ordem natural das coisas”. Neste sentido, é necessário além de considerar os riscos à saúde e se utilizar de discursos verdadeiros, se devem evitar jogar com as probabilidades e o frágil domínio sobre elas (FOUCAULT, 2004b).

Apesar do discurso entre a teoria e a prática em relação à percepção dos riscos e aos cuidados com a saúde, surge na fala dos profissionais de saúde docentes dois elementos em relação ao suposto cuidado: a consulta médica preventiva, e os cuidados e tratamentos clínicos. O segundo elemento presente na fala dos sujeitos está relacionado essencialmente com a obesidade e tratamento de dores crônicas, ou seja, mais uma vez, o cuidado com o corpo que lhes serve que já apresenta sinais de desgaste do processo biológico.

“...não gosto de ir a médico, mas vou duas vezes por ano no oftalmo e no gineco fazer os preventivos de câncer e correção de óculos se for o caso” Minerva.

“...faço todo ano exame de laboratório pra ver como é que tá, tá tudo ótimo, pressão tá ótima, colesterol, tudo direitinho. Me sinto bem, não me sinto cansado. De zero a dez, oito” Chronos.

“Cuidados na alimentação... voltei pra dermatologista... Marquei uma endócrino” Tétis.

“Desde uma que parece muito simples mas que não é... é perder peso” Cibele.

“...resolvi cuidar do peso isso é uma outra coisa que eu não tinha feito até então” (Sísifo).

“Uma coisa que eu achei super importante que eu fiz foi parar de fumar, que tava me preocupando muito” Antígona.

“...eu agora tô numa fase tô indo lá fazendo Pilates, já fiz acupuntura que é uma coisa assim que eu acho muito bacana porque eu tenho dores, eu sinto dores diárias assim, em função da hérnia eu já tive períodos difíceis assim na vida” Orfeu.

“...muito mal, muito mal, tanto que na semana passada eu fui fazer uma desintoxicação alimentar numa clinica, eu me internei, eu fiquei

tranquilíssima né, e aí agora vamos ver como vai ser daqui pra frente”

Camila.

“Atualmente, eu acho que até que tá boa, tô com 45 e tomo três remédios diferentes por dia, então tá ótimo” Sísifo.

“...eu tomo remédio pra pressão, eu sou hipertensa, eu tive uns picos de hipertensão há muitos anos e eu acabei tomando regularmente o remédio” Antígona.

“Eu sou uma pessoa que sofre sozinha, que não coloca pra fora e isso tava me fazendo mal. Então agora eu tomo remédio, antidepressivo”

Antígona.

Em relação a este sujeito de ações, de comportamentos, de relações e atitudes, Foucault corrobora com a identificação da inexistência do cuidado de si que apresentado neste estudo quando aponta situações que passam enganosamente como cuidado de si com o exemplo do médico. Segundo o autor, o médico, que aqui constituiu também como os demais profissionais de saúde, é capaz de fazer diagnósticos, prescrever medicamentos ou tratamentos, curar doenças e reabilitar pessoas, porém, quando o “médico” adoece pode e aplica tudo isso a si mesmo o que não se configura como ocupar-se consigo ou com o cuidado de si. Pois quando ele se percebe, se examina, faz um diagnóstico sobre sua situação e busca intervenções ou tratamentos está apenas com o seu corpo, ou seja, com aquilo de que se serve, “é com seu corpo que se ocupa, não com ele mesmo”. Aqui se estabelece importante distinção entre a finalidade, de objeto, mas também de natureza, entre a *téchne* do “médico” que aplica a si próprio o seu saber e a *téchne* que permitirá ao indivíduo ocupar-se consigo mesmo (FOUCAULT, 2004b).

É importante também considerar que os mecanismos da disciplina enquanto forma de poder são da ordem do adestramento do corpo (exames individuais, exercícios repetitivos, etc.) mantendo com ele uma relação analítica, não havendo espaço para o cuidado de si e se verifica ações como a consulta médica preventiva e os cuidados clínicos apenas reforçando os cuidados com o corpo.

Como formas de ocupar-se de si os profissionais de saúde docentes apontam a atividade física, os cuidados com a alimentação, o sono e a preocupação com o sedentarismo. A atividade física aparece como importante elemento de cuidado com a saúde e espaço individual de aproximação e percepção consigo próprio e com a natureza para alguns, para outros, a atividade física é aspecto obrigatório a ser encarado, distanciando-se portanto do cuidado com o corpo preconizado

na antiguidade. Na contemporaneidade se tem a prática de atividade física como recomendação para melhora de aspectos relacionados à saúde e fonte de prazer, aspectos também caracterizados na fala dos sujeitos conforme descrito abaixo.

“... quatro vezes por semana ir a academia, certo, não só pra melhora da parte física, de aparência física, mas também da parte cardiovascular” Buda.

“... agora comprei um negócio daqueles de andar dentro de casa ... tenho feito todos os dias, tô toda dolorida, mas isso sim é de sentir culpa de não fazer nada certas horas” Minerva.

“... não tenho uma disciplina pra um exercício físico nenhum assim né, eu não gosto, não gosto de fazer, acho um saco..rs.. mas me sinto culpada de não fazer entende, de estar parada, então agora vai durar uns dias essa minha empolgação com aquele negócio” Minerva.

“... eu faço natação e pra mim no momento nadar pra mim é uma coisa de interiorizar, só comigo. Então eu não penso em nada eu não penso em fazer... “... só penso em coisas que dizem respeito a minha vida né. Então eu faço natação, exercício físico pensando em terapia, praticamente é quase coisa a mesma coisa” Sísifo.

“... nadar, isso pra mim é cuidado comigo, não vou lá só pra me movimentar, mas também pra colocar umas coisas em ordem” Sísifo.

“Eu gosto de velejar né, no Windsurf. Agora tem um novidade que é aquelas pranchas de surf, então eu já começo meu dia assim, eu acordo seis e meia pra ir remar, eu vou pra praia quase sempre fim de semana porque eu tenho uma casa ali, então a gente vai pra lá eu já começo remando e se tiver vento eu vou velejar “ Clio.

“Hoje eu tenho muita consciência de que a alimentação é superimportante, atividade física é importante. Eu não fazia atividade física, eu tô fazendo atividade física de uns quatro, cinco anos pra cá” Nice.

“...a única coisa que a C. faz para ela exclusivamente pra ela é Pilates duas vezes por semana... só, esse dá pra dizer que é pra ela, quando ela não falta, mas ela tem procurado não faltar” Camila.

Foucault aponta a *ginástica e o esporte* como pedagogias higiênicas, táticas sempre atualizadas e resignificadas de investimento no *corpo*, na intimidade de sua fisiologia e na gestão de seus desejos. As pedagogias para educar o corpo incorporam as transformações da

sensibilidade de cada época e uma racionalização da vigilância sobre o outro e sobre si mesmo (FOUCAULT, 2006). O controle das medidas (peso, altura, força, imc) em tudo que se refere ao corpo traz elementos importantes para leitura dos processos de domesticação e docilidade. Por outro lado, a medida como categoria para cuidar o corpo presente nos manuais de ginástica desde o século XIX, permanece até os dias de hoje atualizada pelo incremento tecnológico e científico que busca “evitar” a velhice, a obesidade, as rugas, a morte resultando em uma obsessão pela saúde, pelo puro, liso, firme e jovem. A *ginástica* é a *pedagogia* que incide sobre o corpo individual e auxilia na regulagem do corpo social, na regulagem das populações, é tanto disciplina quanto regulamentação da vida e vai de certo modo dando visibilidade ao que se pode denominar *corpo sadio e corpo dócil*. O *esporte*, visto como *pedagogia higiênica* da performance e do espetáculo do corpo, exerce um fascínio sobre a vida cotidiana e compõe mesmo a regulação da vida. Talvez seja a atividade humana que mais revela um conjunto de conhecimentos, técnicas e discursos legitimados e desejados para o controle do corpo (SOARES, 2006).

Os cuidados com a alimentação como aspecto preventivo, o sono, e a preocupação com o sedentarismo são outros elementos declarados pelos participantes como atenção em relação à saúde e identificados como importantes no cotidiano conforme as afirmações abaixo:

“Outra coisa que eu cuido de mim é a da alimentação” Antígona.

“Eu tenho uma alimentação boa, eu não como fritura, eu não como besteira, não como muita carne, não como carne vermelha, não tomo refri, então minha saúde eu acho que é...” Chronos.

“Higiene é a primeira coisa, acho que isso é fundamental. Meu cuidado é higiene, a outra esta sendo a alimentação” Camila.

“Eu procuro dormir na medida do possível as minhas oito horas por noite né. Eu procuro garantir o sono” Nice.

“Tô mais sedentário nos dois anos que o meu filho nasceu e daí no meio dessa agenda de trabalho, ir de manhã na academia né ou a noite quando ele dorme, daí eu vou na academia” Chronos.

A segunda subcategoria trata da percepção dos sujeitos em relação ao risco à saúde e como, de certa forma, eles desafiam este risco aparece nos elementos que marcam o subestimar o risco, a doença e a falta de tempo para o cuidado com a saúde. Subestimar o risco aparece

na fala dos sujeitos com aspecto administrável no cotidiano e embora percebido é discretamente negligenciado conforme o recorte das falas demonstradas abaixo.

“É claro eu sei como todo fumante conheço todos os malefícios, sei que não é interessante pra minha prática física, para as práticas que eu desenvolvo não seria interessante, mas por enquanto eu ainda mantenho” Buda.

“Eu tenho essa consciência mas nem todo dia eu faço isso né. Como exame preventivo, eu mudei de cidade, mudei de médico, e nunca fui até hoje, faz dois anos, então é um cuidado de si fraco... tá mas eu tenho consciência disso” Clio.

“...eu acho que eu tô me sentindo bem entendeu eu acho que é aquela coisa de se iludir mesmo, enquanto não dói não vale, entendeu. Acho que fica essa ilusão, ah tu não vai ter nada, não vai ter nada porque ainda não tem, a hora que tiver você vai ver. Acho que isso faz... não depois, depois, depois, depois eu vejo, depois eu faço” Clio.

“Eu fumo e bebo, eu fumo uns vinte, trinta cigarros por semana e bebo umas duas três vezes por semana” Chronos.

A doença é elemento presente e de convívio para quase metade dos participantes da pesquisa. Conforme os relatos apresentados na sequência, mesmo que em episódios eventuais percebe-se que apenas um dos sujeitos reconhece a limitação que a doença implica no cotidiano.

“...tenho um Herpes de vez em quando, acho que quando baixa um pouco minha resistência, de TPM essas coisas” Minerva.

“Eu tô tendo artrite né, que eu fui no reumato daí pesquisa aqui, pesquisa ali, daí acharam que eu tinha uma acham... A reumatologista me falou que eu tenho síndrome de Sjogren” Antígona.

“Eu tenho problema renal né, um rim não funciona. Mas eu perdi um rim, provavelmente esse rim tava funcionando, e quando eu descobri ele não funcionava mais, mas muito provavelmente ele foi por causa de tantas infecções ele foi ficando pior. Hoje ele não tem função” Clio.

“Então eu estou com hérnia de disco, eu estou com hérnia de hiato, eu estou assim né, com uma série de questões que talvez se eu tivesse condições ou separasse um pouquinho mais para levar em consideração e priorizar estas questões, eu poderia talvez assim, não sei se evitar,

*mas jogar um pouco mais pra frente, postergar um pouco né. E
infelizmente eu percebo isso” Orfeu.*

*“Eu sempre tive muita enxaqueca né, então a enxaqueca é influenciava
demais na minha qualidade de vida, e aí... agora tá ótima, eu botei a
nutrição pra funcionar” Nice.*

*“...tenho excesso de peso. Então assim a única em termos de saúde o
único agravante que eu tenho na verdade tive que fazer algo para a
prevenção para que não venha a desenvolver é o excesso do peso
mesmo” Camila.*

*“Eu tenho muita ansiedade e por conta da ansiedade eu como e aí por
conta que eu como eu engordo daí eu fico frustrada.... a historia da
infelicidade quando se vê no espelho entendeu, não essa não sou eu, eu
não me vejo assim o que o espelho ta mostrando eu não me vejo assim”
Camila.*

Cabe aqui refletirmos acerca da percepção coletiva sobre as doenças como fenômenos globais mesclados ao cotidiano que acaba se limitando ao foco do conjunto de causas e efeitos sendo medicados e tratados, se opondo a percepção individual da essência de uma enfermidade e as implicações dela na vida de cada pessoa. Foucault aponta na obra “O nascimento da Clínica” a forma terciária de espacialização da enfermidade como “o conjunto de gestos pelos quais a doença, em uma sociedade, é rodeada, investida medicamente, isolada, repartida em regiões privilegiadas e fechadas, ou distribuída através dos meios de tratamento, adequados a serem favoráveis” (CASTRO, 2009 p.75). Percebe-se nas falas de alguns sujeitos deste estudo que a doença uma vez diagnosticada e tratada está resolvida ou contornada não apresentando reflexões sobre as causas e as implicações destas na vida e na saúde, aproximando-se da citação acima como enfermidade e processo de degeneração aceito de forma passiva aceitando apenas os recursos técnicos como únicos apoios. Não se percebe nas falas o sujeito como capaz de cuidar de seu corpo, cuidar de si e fazer escolhas em relação às coisas que podem implicar em prejuízo para a saúde relacionando a doença como um acontecimento e não como consequência de algo.

Mesmo com o advento da doença, alguns sujeitos apontam a falta de tempo para cuidar da saúde, como elementos que os angustia e relacionam isso ao excesso de trabalho. Novamente aqui fica marcado que embora percebam a necessidade de dedicação, escolha e liberdade

em relação à saúde, e para isso é necessário tempo, o trabalho ainda possui prioridade e consome este espaço e o tempo livre.

“...de uns três anos pra cá eu venho experimentando uma fase difícil nessa questão. Juntando assim uma agenda pesada, uma semana pesada de serviço infelizmente muitas vezes a gente deixa um pouquinho de lado assim algumas questões que são fundamentais para a gente, de saúde” Orfeu.

“...de repente abandonei um pouco de tudo, a gente vai absorvendo muita coisa né, e acabei abrindo mão, e daí a coisa pegou” Orfeu.
“...eu tava muito estressada na verdade porque não tive férias porque nas férias a gente ficou preparando todas as atividades do Rondon, a gente trabalhou pra caramba durante as férias” Camila.

7.2 O COTIDIANO E AS TENTATIVAS DE QUEBRA

A segunda categoria encontrada trata da quebra do cotidiano e as tentativas em relação ao descanso, como se organizam para ele, e os limites impostos a esse descanso pela escassez do tempo. O descanso aparece como evento raro, planejado, normalmente alocado nos finais de semana ou parte dele. Neste descanso fica marcada a presença da família como elemento de satisfação e alegria conforme as falas relatadas abaixo. As atividades manuais, passeios, praia, as atividades no próprio lar, o ócio, são algumas estratégias utilizadas para enfim, relaxar e distanciar-se do trabalho.

“...fazia meus scrapbooks, meus artesanatos, minhas pinturas... eram de descanso assim... raras as vezes de ficar sem fazer nada mas não pegava assim... em coisas do trabalho” Tétis.

“Então eu gosto bastante de trabalhos manuais ... hoje o que eu faço pra cuidar de mim é tirar às vezes algum tempo pra essas coisas manuais” Tétis.

“...sábado, sábado é um dos meus dias preferidos... Sábado eu acordo mais tarde, tomo café bem tranqüila sem ninguém me incomodando pra ir fazer nada assim” Cibele.

“...a gente vai à praia, a gente vai ao shopping, a gente passeia... um programa bem de família ou vê um filme ou vai pra praia se não foi de manhã... vai passear essas coisas” Cibele.

“...e o sábado eu aproveito pra ficar em casa... tenho vontade de ficar em casa mesmo, ou de cozinhar de comer uma comida bem gostosa”

Cibele.

“...o final de semana e eu tento ficar todo tempo longe da atividade específica do trabalho” Buda.

“...a partir do momento que eu estabeleci o final de semana como um momento de descanso as coisas ficaram mais leves” Buda.

“...gosto de priorizar durante o momento de descanso saídas noturnas, que eu gosto disso... gosto de permanecer esse momento de descanso com a pessoa com quem eu estou me relacionando. Encontrar os amigos né algumas vezes e visitar a família” Buda.

“Meu dia de descanso né, sábado e domingo geralmente, ou feriado, eu adoro levantar, fazer um café, ... conversando, leio o jornal que chega cedinho... sei lá, ligo o rádio na rádio gaúcha...rs...e fico escutando uma radio rural lá do Rio Grande do Sul que é da RBS que transmite as músicas gaudéias, lá na cozinha fazendo alguma coisa” Minerva.

“Meu dia de descanso é assim, aí faço alguma coisa pra gente que nem eu fiz ontem, por exemplo, a gente almoça, conversa um monte, depois à tarde sei lá, a gente sai vai aqui vai ali, supermercado ou coisa assim ou fica em casa mesmo, lê alguma coisa, vejo TV, quando tem jogo vejo jogo né” Minerva.

“...quando eu tô de folga na verdade, de manhã se o dia tá bonito e eu penso em ir na praia de manhã. Se o dia tá feio eu não quero ir à praia, não quero... rs... então vou fazer as coisas de casa, mercado, compra uma coisinha ou outra que sempre falta assim ...
...sábado e domingo normalmente ele é lazer” (Sísifo).

“...eu leio, eu vejo filme, eu não tenho vontade de sair muito, a não ser que alguém me convide se não eu prefiro ficar em casa, eu gosto de ficar na minha casa” Antígona.

“Depois eu resolvi que sábado e domingo eu não devia fazer nada, eu prefiro vir pra cá trabalhar aqui do que fazer as coisas durante o fim de semana em casa.

“Ai eu arrumo, eu mudo as coisas, faço faxina de papel, faço isso, faço aquilo, mudo os cabides pro lado de lá, passa pro lado de cá, são coisas de casa assim, adoro fazer isso, arrumo a gaveta, é muito bom”

Antígona.

“Eu tenho que pensar em mim, descansar, fazer o que for... viver claro. Eu tenho viajado muito porque eu tenho uma filha no Rio e uma filha

em São Paulo, então assim quase que de quinze em quinze dias nos fins de semana, eu tô viajando pra uma ou pra outra” Antígona.

“Agora eu ando numa curtição de cozinhar e tudo eu vou cozinhar, daí eu quero o melhor fogão a melhor panela né, não posso deixar algum defeito” Clio.

“Então, eu quando assim, nós passamos normalmente aqueles 15 dias na praia, então aí lá é um período assim maravilhoso porque eu leio bastante, caminho todos os dias, mantenho caminhando todos os dias, a gente acorda, toma café a primeira coisa que a gente vai fazer, os filhos ficam dormindo, nós caminhamos e voltamos, e faz almoço, toma uma caipirinha e depois do almoço durmo bastante e daí me acordo e leio bastante, então é uma coisa que eu gosto né” Orfeu.

“...acordo mais tarde, aí termino de tomar café com mais calma com o marido, geralmente nós vamos caminhar na praia” Nice.

“...não gosto de ver desgracia acho que faz um mal terrível pra gente... mas o restante do tempo nós vamos botar musica, eu quero ver dança, eu quero ouvir musica, eu quero ler livros, eu quero ver um programa de humor, quero ver um filme, porque eu não vou ficar vendo guerra o tempo todo” Nice.

“E daí fico às vezes, eu cuidando da casa, fazendo umas coisas assim arrumando, pensando, daí eu vou almoçar fora em algum lugar ou eu faço comida em casa, durmo depois do almoço se eu posso, uma horinha assim e daí filho de novo (risos) e aí a noite tomo um vinho, uma cerveja, vou jantar fora...eu vou à praia, uma hora e meia, duas e depois eu volto pra casa” Chronos.

“Se eu tô estressado eu tomo duas cervejas, ou três, e fim, sei que isso não vai resolver o meu problema, mas eu tô a fim de relaxar. Se eu tenho um problema eu não fico martelando que eu tenho que resolver ele hoje, e hoje porque ele pode ser resolvido...” Chronos.

“Sábado é o meu dia de descanso, sábado eu vou ao mercado, vou à feira, arrumo a casa, organizo almoço, fico com as crianças às vezes se dá vai na praça, vai fazer alguma coisa, vai no cinema né, em função das crianças” Camila.

“Cuido de mim estando com os meus amigos que adoro, pressiono meus amigos pra gente tá junto ...fazer comida na casa de um, na casa de outro, só pra estar junto, pra sair junto” Minerva.

“...claro que em dia de sol a gente faz outras coisas, mas aí a gente sai, vai no mercado juntos é meio que o dia que a gente tem que ficar junto em casa, ou em casa ou fazendo coisas fora” Sísifo.

“...a tarde vou dar uma passeada, vou na casa dos parentes, casa dos amigos as vezes” Nice.

Desde a cultura antiga é sabido que para ocupar-se consigo é necessário dispor de tempo, queixa dos sujeitos deste estudo conforme o que relatam. O ócio (*skholé ou ótium*), considerada a mais importante posse dos sujeitos livres, é considerado como condição real ao cuidado de si, é o tempo que se pode dispor não apenas como repouso ou descanso, mas também como espaço para estar consigo, perceber-se, para poder cultivar e desenvolver as suas capacidades espirituais e fruir a sua riqueza interior. No mundo atual, nos acostumamos com a falta de tempo livre e trabalhamos muito próximo ao que os escravos de antigamente eram obrigados, sendo as horas de lazer vistas como uma compensação pelas horas trabalhadas do que seria na verdade, o lazer em si. Pensar, criar ou resolver soluções é mais bem realizado depois que a mente volta de uma parada, descanso ou descontinuidade de uma tarefa contínua. O ócio não necessariamente significa preguiça e nada fazer. O ócio, preferencialmente criativo significa um exercício de junção entre atividade, lazer e estudo, sugerindo ao ser humano um desenvolvimento holístico sobre a vida.

Outros aspectos também apontados como forma de descanso e ocupação para alguns, são atividades como assistir televisão, leitura, música e a prática religiosa conforme os trechos das falas escritos abaixo se distanciando das técnicas de cuidado de si apontadas anteriormente neste estudo.

“...eu gosto de televisão, eu gosto de televisão, eu acho isso bacana, então assim eu perco um tempo fazendo isso” Sísifo.

“Aí a tarde, quando vai dormir, geralmente eu vejo um filme que é uma das coisas que eu gosto de fazer me permito, aí eu me permito comer uma bobagem, uma pipoquinha integral” Nice.

“Leio, gosto muito de ler, mas eu não leio coisas de trabalho não, leio romance, leio essas coisas...” Sísifo.

“Ler assim também me faz sair um pouco do cotidiano, desse mundo pra criar outras coisas né que provavelmente são diferentes das pessoas que leram...” Sísifo.

“...eu ocupo muito a minha mente com leitura, com filme e coisa...” Antígona.

“...me envolvo com questões de cultura, eu gosto muito de musica é uma coisa que eu sempre estou envolvido em algum projeto, alguma coisa de musica eu tô sempre envolvido” Orfeu.

“...a questão do envolvimento na música pra mim é algo importante pra que eu esteja bem, pra que eu me sinta bem, pra que eu tenha força porque eu acho que é uma outra maneira de eu me inserir né” Orfeu.

“...eu também sou muito envolvido com a igreja, que eu acho que é uma outra questão importante” Orfeu.

Entre os recortes das falas acima são referidas a leitura e a música como escolha de descanso por alguns. Na antiguidade as meditações, as leituras, as anotações e conversações a partir das leituras eram formas de ocupar-se consigo favorecendo ao sujeito a reflexões, a descoberta de verdades e exercícios de subjetivação do discurso verdadeiro. Já o escutar música fazia parte da preparação purificatória para o sono e como forma de facilitação ou preparação ao exame de consciência. Em ambas as situações a leitura e a música eram recursos ou técnicas utilizadas para se chegar à aproximação consigo próprio, para o cuidado de si. Aqui, nos parecem ser utilizadas como fuga ou afastamento das situações do cotidiano que não nos permitem a liberdade de escolhas, sendo momentos desejados embora eventuais, mas que não necessariamente ofereçam o descanso e os propósitos das técnicas antigas.

Os relacionamentos são percebidos por alguns como outro aspecto relevante no cuidado e atenção com a saúde reconhecendo a necessidade de harmonizar com aqueles que estão ao seu entorno conforme marcam as falas recortadas e mostradas abaixo, porém, embora cuidar-se de si seja cuidar do outro, este aspecto não aparece nos discursos.

“...eu sempre tenho uma preocupação assim nos relacionamentos, aqui dentro do ambiente de trabalho, fora, na família, porque eu acho que a gente precisa das pessoas para viver, então pra mim, eu acho que essa é uma outra maneira assim” Orfeu.

*“...eu acho que é cuidar da relação, da relação com os outros lá”
Chronos.*

Para um dos participantes, atividades relacionadas ao trabalho como estudar buscando novidades e atualizações para atuação no trabalho e participar de reuniões também se confundem com as atividades de lazer de forma consciente, porém, cabe esclarecer, que esta docente esteve afastada do trabalho por alguns meses em licença gestação, talvez por isso seu agrado em participar destas atividades em detrimento do descanso conforme sua fala descrita abaixo.

“Preciso ir ao supermercado ou tem uma reunião da Universidade, isso pra mim é um descanso” Tétis.
“... hoje eu descanso fazendo coisas que antes eram as minhas coisas de trabalho” Tétis.
“...eu não me incomodo de passar horas na internet buscando artigo... lendo sobre algumas coisas, tentando atualizar algumas coisas com que eu trabalho” Tétis.

A segunda subcategoria nos trás as dificuldades dos profissionais de saúde docentes em dispor de tempo livre para o descanso, sendo estes momentos eventuais e restritos configurando pouco tempo livre conforme apontam nas falas que seguem:

“Quando eles vão dormir eu consigo comer tranqüila, e daí eu vejo TV, vou pro computador... aí faço alguma coisa que eu tenho que fazer” Cibele.
“Então realmente aqueles dias que nós passamos lá (de férias na casa de praia), são dias muito diferenciados, só que é um período muito curto, um período restrito, a gente deveria ter a oportunidade de fazer isso mais vezes ao longo do ano” Orfeu.
“Às vezes dá, às vezes não dá. Assim, não há uma priorização nisso aí, infelizmente, que deveria haver” Orfeu.

Outras falas retratam a inexistência de tempo livre para o descanso, ou porque o ocupam com outras atividades que embora não sejam trabalho são compromissos assumidos, ou às vezes o tempo já restrito é convertido como tempo utilizado para realização de tarefas relacionadas ao trabalho retratadas nas falas abaixo:

“...com filho pequeno a gente não tem dia de descanso. Então assim nos meus dias de descanso antes dele (filho) eram de descanso” Tétis.
“Então a gente tem uma vida assim que realmente é preciso programar o descanso, só que esse descanso também ele acaba acontecendo quando é possível, aquilo que dá. E isso durante a semana e final de semana às vezes também, porque às vezes a gente tem compromisso sábado, a gente tem compromisso domingo, então nós temos uma vida assim bastante atribulada e porque a gente se envolve também” Orfeu.
“Domingo de manhã também é das crianças, domingo à noite... como a gente tem criança pequena e nós não temos ninguém aqui lazer noturno não existe” Camila.

“Acho que mais nada, porque muita coisa que eu queria fazer como cuidar de mim mesma, tipo ter um momento meu, ler um livro ou... eu não consigo, não consigo, não consigo as vezes por questão de tempo mesmo” Camila.

O trabalho como docentes é central na vida dos sujeitos desta pesquisa. Aqui, mesmo o tempo livre é ocupado, modificando a sua maneira de enfrentar os riscos e traz efeitos sobre a saúde ainda não perfeitamente conhecidos ou dimensionados. A analogia entre a falta do tempo livre e a falta de liberdade faz sentido aqui quando analisada a relação entre os sujeitos e a relação do sujeito consigo mesmo não havendo espaço para a abertura de novas possibilidades, de relações que são suscetíveis de modificação, inclusive com o trabalho, e de salvar-se, assegurando a própria felicidade, a tranquilidade e a serenidade necessárias ao viver bem e ao cuidado de si de qualquer sujeito.

7.3 O OLHAR VOLTADO PARA SI E O MOVER-SE

A terceira categoria encontrada talvez esteja mais próxima dos elementos que possam favorecer o cuidado de si. Ela trata do movimento em que o profissional de saúde docente lança o olhar para si, percebe-se necessitado de mudanças e move-se neste sentido. A apropriação de si, o reconhecimento da verdade sobre si, as reflexões sobre os modos de vida, sobre a maneira de regular a conduta, a transformação, o desejo e a escolha por um novo modo de vida são elementos que possibilitam as mudanças efetivas. O primeiro elemento

trata especificamente do percebe-se, do refletir sobre a sua condição e a ausência do cuidado de si, perceber a chegada próximo ao seu limite e seus riscos, fatos que iniciam o processo de conhecimento sobre si. As falas que seguem demonstram esta preocupação:

“Eu acho que o meu cuidado de mim é eu estar em paz. Tem muitas coisas que me incomodam e se refletem no meu físico” Cibele.

“Coisas que você não pode mudar aprenda a conviver com elas, é isso que eu tô tentando fazer e isso me deixa saudável, isso me faz bem” Cibele.

“Agora o que eu tenho me proposto a fazer é isso: Pára e pensa. E vê se você... se é qual das duas situações destas. A que tu muda ou a que tu não muda e daí a partir daí vai tomando as decisões. É clarear a mente e aí tu consegue ver soluções e ver coisas melhores” Cibele.

“...eu acredito que seja isso o cuidar de si, eu acredito que seja ser verdadeiro com aquilo que você acredita, ser coerente com aquilo que você acredita e quando a gente ultrapassa os limites ou quando a gente vive de uma maneira que não é coerente com as coisas que a gente acredita a gente tá desrespeitando e tá deixando de cuidar de si” Buda.

“O limite talvez seja a parte principal do cuidado. Eu acho que só realmente quando eu senti na carne, quando eu percebi que os limites... porque não aconteceu uma vez só, aconteceram duas vezes bastante forte que realmente eu não tive mais o controle da situação” Buda.

“Mas pensar o futuro é uma coisa que eu tenho tentado fazer menos. Eu gostaria de viver mais o presente. E essa sensação de viver mais o presente eu só passei a ter depois que eu fiquei doente, que eu me vi debilitado assim, me vê assim... escuta... eu não consigo andar, não consigo sentar, eu não consigo.... o que é isso? Que vida é essa? Eu tô pensando o que pra frente, que futuro é esse que eu não sei se vai ter” Sísifo.

“...eu penso que a gente precisa se é assim perceber, se perceber como dentro de um grande processo de um grande projeto e que cada um tem condições de fazer diferença no seu micro-ambiente, onde vive, nos papéis em que a gente assume, no dia a dia né” Orfeu.

“...tem a ver um pouco com o lazer, atividade física, o meu estado psicológico como eu tô me sentindo, então se eu tô me sentindo irritado eu tento lidar com o que tá me irritando. Eu tento lidar com isso, eu tenho uma relação boa com as pessoas, tento não cobrar excessivamente, não ser muito chato, ser mais relax assim” Chronos.

*“Então o cuidar de mim é um pouco essa atenção assim, como eu tô...
eu me percebo, eu paro pra ver como é que eu tô” Chronos.*

*“Então eu tenho uma vida ocupada, mas eu não tenho esse sentido de
urgência. Eu acho que isso é bom, eu presto atenção um pouco nisso”
Chronos.*

*“...o livre arbítrio sobre o pensamento né, tipo, as coisas ruins vão vir,
o que é difícil vai acontecer, mas a gente vai poder decidir se vai ficar
pensando por aquilo ou não, então tentar...” Camila.*

A apropriação é o ato segundo o qual um sujeito toma posse de algo que não lhe pertencia e o torna próprio. Desta forma, apropriar-se de si é possibilitar ao sujeito o conhecimento da verdade sobre si. Porém, isso só é possível após o distanciamento do cuidado de si e entre o sujeito e o mundo provocando então ações reguladas, circunstanciadas e refletidas visto que o cuidado de si constitui um sujeito da ação. Antes de falar do cuidado de si seria preciso falar mais da relação consigo e da maneira de se relacionar consigo mesmo para se construir, para se elaborar, um reforço ético de si para consigo constituindo um sujeito forte e atento às suas próprias capacidades (GROS, 2006).

O conhecimento de si é uma realização, é o acesso fundamental à verdade e para chegar a ele é necessário refletir e interpretar a si mesmo, pois não é algo dado prontamente ao sujeito, é construído e sua chegada confere liberdade e saúde ao sujeito. Para a sustentação do conhecimento de si, perceber o entorno é outro elemento importante e também relatado pelos profissionais de saúde docentes estudados conforme se confere abaixo:

“...eu tenho que fazer a tal da higiene mental” Cibele.

*“Então acho que passa um pouco por isso também, se conhecer mais e
você pensa que isso não é pra mim” Sísifo.*

*“...só que hoje eu conheço muito mais, consigo entender coisas lá pra
trás que eu não tinha muito, claro” Sísifo.*

*“Outra coisa que eu cuido de mim é não deixar as coisas me irritarem
facilmente” Antígona.*

*“E o cuidar de mim, eu acho que envolve também como eu me sinto,
como eu lido com os problemas. Procuro não me incomodar muito...”*

Nice.

“E eu tenho ummm uma coisa que eu tento seguir que é aquela história de...”tente discernir as coisas”. Tem coisas no mundo que você pode mudar, tem outras que você não pode” Cibele.

“...se seu parar se eu tiver um grande problema, parar e pensar dessa forma as coisas clareiam mais rápido e eu consigo ver... estratégias, ou formas de manter mais tranqüila. Quando eu tô tranqüila quase, quando eu tô em paz consigo mesma quase tudo na minha vida vai dando certo” Cibele.

O conhecimento de si e a percepção do entorno e do que nele incomoda move o sujeito para as primeiras tentativas de mudanças. Alguns dos sujeitos do estudo fizeram estes movimentos, a escolha, a ação em relação a mudar seu comportamento por si e pelos que estão ao seu entorno conforme percebido nos trechos abaixo:

“...me propus a uma série de coisas. E eu tô pensando saúde no termo mais geral dele” Cibele.

“Hoje em dia eu tenho como proposta para cuidar da minha saúde várias coisas e eu tô botando em prática várias delas” Cibele.

“Então parar com isso, desliga a chave e deu, ou fala ou esquece, só que às vezes é difícil né, às vezes é difícil. E aí já aconteceu passou duas semanas com aquele negócio na cabeça, pensando, pensando, pensando... não dá, ou chega e fala e conversa, coisa que eu não consigo fazer, então esquece, deixa pra lá, deixa passar” Camila.

“Se não é por mim, se eu não consigo fazer por mim porque eu sempre vou me pôr em último lugar, sempre vai tá todo mundo na minha frente e eu sou a última, eu tenho que fazer isso por ela. Eu tenho que fazer isso por ela, tenho que fazer isso pro M, o M. tem diabetes, hipertensão e dislipidemia. Então medicamento continuo pros três crônicos, então tenho que fazer isso por ele e isso por ela” Camila.

A atitude de mudar se converte em mudança enquanto ação quando se faz presente a conversão do olhar ou transformação do modo de ser do sujeito por ele mesmo. A conversão do olhar para si significa desviá-lo dos outros, desviá-lo da agitação cotidiana, da curiosidade que nos leva ao interesse pelo outro, etc. substituindo o conhecimento dos outros e do entorno por um exame mais sério de nós mesmos possibilitando também o reconhecimento dos nossos defeitos. Para a

concretização da mudança desejada pelos sujeitos a partir das falas acima, seria preciso concentrar-se em si mesmo utilizando-se do exercício de concentração do sujeito, pelo qual se reconduz toda a atividade e toda a atenção para a tensão que o encaminha a sua meta (FOUCAULT, 2004b).

Outro elemento importante, o amadurecimento, se estabeleceu para alguns como reflexo ou consequência dos elementos anteriormente apresentados, colocando a imposição de limites aos fatores estressores e a priorização do que lhes é importante conforme observado abaixo:

“...acho que eu tô tranqüila agora, tô mais focada talvez ou apareceu ahh... tem uma pessoa que depende quase que exclusivamente de mim, que é a minha filha, e isso faz você repensar uma série de coisas na vida com certeza” Cibele.

“Talvez eu tenha me imposto limites, talvez eu tenha amadurecido, porque o amadurecimento... talvez o impor limites seja o amadurecimento. Talvez quando se percebe que não precisa se doar por inteiro, ou você pode se doar por inteiro nos momentos em que aquilo ali é cabível, mas nos outros momentos você vai dar aquilo que é possível. Talvez isso seja amadurecimento” Buda.

O cuidado de si é tomado neste estudo como fio condutor de uma análise que relaciona a verdade e o sujeito com o objetivo de refletir sobre sua condição e busca entender os reflexos do cuidado de si ou da ausência dele explorando a situação para pensá-la e repensá-la acerca do modo como ele se apresenta. Portanto, as faces e as máscaras da saúde, a quebra do cotidiano e as tentativas, o olhar voltado para si e o mover-se fazem parte da vida dos profissionais de saúde docentes e provavelmente de muitos outros indivíduos. A forma de viver nem sempre pode ser vista como uma escolha pessoal, porém viver a vida – da juventude à velhice e à morte, de maneira que a cada instante seja possível cuidar de si, é precisamente uma certa relação de si para consigo coroando a completude e a recompensa de uma vida vivida. Nesta caminhada será necessário repensar o trabalho, a formação desejada ao aluno e ao docente, o cuidado, exercitar a conversa franca, os discursos, enfrentar os problemas da relação do sujeito e a verdade, nos depararmos com os aspectos que sustentam a saúde, a doença como fenômeno, a visão real de corpo, os prazeres, as técnicas e as práticas de

si, a percepção e dimensionamento do tempo, do descanso, do desejo à concretização das mudanças.

A partir destas apropriações o conhecimento de si e o cuidado de si se torna possível, assim como inversamente, a partir do conhecimento de si e o cuidado de si os elementos citados se tornam parte da vida e do cotidiano dos sujeitos de forma coerente e harmônica, passando de evento para processo, de busca para tornar-se então modo de vida.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS OU INICIAIS

A vida especificamente humana é limitada por um começo e um fim, o nascimento e a morte, que são eventos mundanos, é plena de eventos que no fim podem ser narrados como uma estória e uma biografia (ARENDDT, 2010 p. 120).

Devemos viver a vida de maneira tal que a cada instante cuidemos de nós mesmos e que o que encontrarmos ao termo, por certo enigmático, da vida – velhice, instante da morte, imortalidade difundida no ser racional, quer imortalidade pessoal, pouco importa -, enfim, o que deve ser obtido por meio de toda a técnica que se aplica à própria vida, é precisamente uma certa relação de si para consigo, relação que é o coroamento, a completude e a recompensa de uma vida vivida como prova (FOUCAULT, 2004b p. 544).

Os excertos acima foram escolhidos para destacar o aspecto central destastese; - a condição humana e o cuidado de si de profissionais de saúde docentes. Esta tese não teve a pretensão de aproximar ou fazer dialogar os filósofos Hannah Arendt e Michel Foucault, mas analisar a Condição Humana e o Cuidado de Si com a contribuição de cada um, a princípio isoladamente. Em relação ao pensamento francês e o “americano”, considerando-se que a autora judia, quase vinte anos mais velha que Foucault, escrevera grande parte de seus ensaios na América do Norte, a autora em nenhum momento se referiu ao pensamento ou às ideias do intelectual francês, sobretudo porque a principal influência de Foucault sobre os autores americanos, especialmente Paul Rabinow e Hubert Dreyfus, foi em relação à problemática das prisões. Por sua vez, Foucault também não chegou a se referir ao pensamento de Arendt nenhuma vez em seus livros, mostrando assim que ambos traçaram ideias e caminhos diferentes (BORGES, 2004).

A comunhão se faz pelas ideias e revelações surgidas a partir da análise dos dados considerando os objetivos destastese, portanto, a aproximação entre os filósofos aqui proposta se dá no estudo da vida humana, da forma de viver e as repercussões desta vida na saúde destes sujeitos. Podemos considerar alguns temas desenvolvidos pelos dois

intelectuais que se aproximam repentinamente, como é a questão do poder, da dominação, do autoritarismo e, sobretudo a temática da liberdade.

Para compreender a condição humana e o cuidado de si de profissionais de saúde docentes, foi necessário descrever as características dos profissionais de saúde docentes que participaram deste estudo, identificar as atividades que sustentam sua condição humana; investigar suas práticas de cuidado de si, e analisar as interfaces entre sua condição humana e seu cuidado de si.

Na análise das atividades que sustentam a condição humana destes sujeitos identificam-se de forma clara as condições da *vita activa* – trabalho, obra e ação. O trabalho, representado pelo “viver e sobreviver na universidade” aparece como fator de maior destaque entre os elementos da *vita activa* tomando dimensão central na vida destes sujeitos. A centralidade da vida no trabalho faz com que as coisas sejam construídas, desconstruídas e pensadas a partir dele. São sujeitos que trabalham muito, se envolvem e se misturam com o trabalho, embora cada dia apresente demandas diferentes, se configura como um trabalho repetitivo e com restrita liberdade, e por cansaço e falta de reconhecimento de resultados por si próprios, se tornam pouco criativos, ou seja, parecem sujeitos em transição entre a condição do *animal laborans* – o escravo, e o *homo faber* – sujeito de fabricação que executa e repete seu trabalho em troca de salário sem maiores perspectivas de reconhecimento, em resumo, vivem na expectativa de serem cidadãos livres na gênese dos filósofos da antiguidade.

A partir de seus discursos a ação e a obra tomam dimensões menores na *vita activa* destes sujeitos. A ação se mostra nos caminhos percorridos para a docência quando esta “acontece” na vida do então apenas profissional de saúde, a docência aparece como desejo para alguns, porém não foi a primeira opção de carreira provavelmente devido a desvalorização social do professor em nosso país seja em qual nível de ensino for. O surgimento ou o “*evenément*” da possibilidade da carreira docente foi de inesperada à desafiante, passando da comemoração e reconhecimento profissional ao questionamento de sua capacidade para o novo desafio. Para muitos adormeceram fisioterapeutas, farmacêuticos, enfermeiros, e “acordaram” docentes, tendo como solitariamente buscar subsídios e aprender a ensinar tendo como modelo principal os professores marcantes que tiveram durante sua vida como estudantes, poucos, talvez dois dos sujeitos, planejaram e antecipadamente se prepararam para a docência no ensino superior. Com o passar do tempo a identificação e o gosto pela docência foi

tornando-se o centro da vida profissional destes sujeitos tanto que nove deles passaram a se dedicar somente a isso e os dois que mantêm suas atividades clínicas em consultório também maior número de horas dedicadas à docência. Essa escolha do novo caminho profissional dentro das formações específicas surge no discurso dos sujeitos como possibilidade de revelação e constituição da identidade pessoal com espaço para desencadear o novo, posicionar-se em seu discurso e estabelecer-se no espaço público e através dele como fatores que o alocam no espaço da ação na *vita activa*.

A obra, a que mais superficialmente se estabelece no discurso dos sujeitos desta pesquisa, é identificada na felicidade pela realização profissional, mesmo na condição do trabalho descrita anteriormente, e pelo reconhecimento da construção de suas “boas obras” na docência. O resultado com a melhora clínica e funcional do paciente é vista como a primeira obra concreta “das mãos que operam em” embora não possa ser quantificada ou materializada em algo que possamos mensurar sem o viés subjetivo tanto do terapeuta como do paciente, porém, é relevante quando há a transformação de uma situação inicial de fragilidade em algo favorável e positivo à vida dos sujeitos através de tecnologias. Esta é sempre uma fragilidade no trabalho em saúde, a “mensuração e a durabilidade” dos resultados não se opera da mesma forma que em outros ofícios, porém a satisfação a partir dos resultados obtidos junto aos pacientes/clientes a partir da operacionalização de ações, do uso de instrumentais, etc. acaba configurando o resultado reconhecido como produtivo e concreto. O segundo aspecto da obra que emerge é a satisfação a partir de sua contribuição tanto como profissional de saúde quanto docente no desenvolvimento e os avanços na formação do aluno. Ser reconhecido como modelo profissional por seu aluno e identificar seus esforços ao ensinar concretizados na ação do aluno junto ao paciente é posto pelos profissionais de saúde docentes como outro reconhecimento de sua obra. Embora aqui mais uma vez não exista a concretude de uma obra física, se identificam outras formas de transformação, de trabalho reconhecido como produtivo e que mantém a permanência na vida mortal.

Na investigação das práticas de cuidado de si dos profissionais de saúde docentes fica marcado, ou ao contrário, não identificado claramente esta atitude. Inicialmente se identificam as faces e as máscaras utilizadas pelos sujeitos do estudo apresentando sua saúde em segmentos frágeis e supostos segmentos digamos controlados e identificados como saudáveis, porém, os mesmos percebem aspectos frágeis, pouco cuidados e riscos concretos à saúde, mas os mantêm sob

desafio, postura comum em profissionais de saúde pois tem a pretensão da certeza do controle dos riscos e do contorno em situações de doença. Após análise identificamos a tentativa de quebra do cotidiano dedicado ao trabalho, que parece aqui sustentar a condição humana e sufocar o cuidado de si, na busca do tempo livre e de descanso. O tempo livre existente é essencialmente dedicado para cuidar do outro - da família, e das coisas mundanas e que são necessárias à vida, ou dedicado forçosamente a “esquecer do trabalho” ocupando-se com outras coisas. O tempo livre também é dedicado à preparação do trabalho do dia ou momento seguinte, não sendo identificados momentos claros de descanso que permitam aos sujeitos estarem consigo próprios, e exercitarem qualquer das práticas de si que o favoreçam a chegar à verdade sobre si. De acordo com o conteúdo das falas dos sujeitos é preciso disposição, tempo, circunstância favorável e desejo para isso, para conhecer-se e se reconhecer nos processos da vida para então exercitarem o cuidado de si como atitude de vida, não como evento.

Ainda na análise das tentativas do cuidado de si dos profissionais de saúde docentes se identifica o início do movimento do olhar do sujeito voltado para ele próprio como motivador de mudanças. Àqueles que conseguem de alguma forma perceber-se, e reconhecer o movimento das coisas ao seu entorno e se posicionar frente a situações de desgaste demonstram conhecer-se melhor. A partir da construção destes elementos se estabelecem os desejos de mudança, as escolhas com vistas a criar mecanismos para o cuidado de si tornando seus discursos finalmente verdadeiros.

Talvez pela gênese da formação (cuidar), o discurso se estabelece contraditoriamente ao exercício do cuidado de si. Cuida de seus pacientes, ensina o aluno a cuidar dos pacientes, mas não se cuida e não ensina aos alunos a cuidarem de si próprios. Formar profissionais de saúde para excelência no cuidado com o paciente se estabelece como caminho apenas de ida (e sem volta) em relação ao cuidado de si. Aqui o discurso, se fragiliza, se quebra: como cuidar do outro e ensinar a cuidar dos outros se não tenho observado o meu cuidado para comigo? Embora não por escolha o docente acaba sendo modelo ou sujeito de espelhamento de seus alunos e pacientes, fechando o ciclo da falta do cuidado de si, pois se me espelho em alguém que não o possui, também eu não reconheço a importância do cuidado de si. Talvez por isso, tenhamos tanta dificuldade com as ações de educação em saúde, promoção de saúde e prevenção de doenças com nossos alunos, que preferem a prática clínica recheada de técnicas e especificidades, aos discursos e ações primárias. Também pela ausência do cuidado de si, se

tem a dificuldade da “adesão” dos pacientes/clientes às propostas mais amplas de cuidado senão aquelas ligadas às técnicas de tratamento e medicalização específicas. Como profissional de saúde e como formador na saúde, com a condição humana centrada no trabalho e com falta do cuidado de si, me pergunto se seriam estes os melhores sujeitos para atuarem nesta área? Tecnicamente é possível que sim, são perfeitos e capacitados para isso, porém, com um discurso sem potência, frágil e sem impacto potencial na vida dos que estão ao seu entorno, entre eles alunos e pacientes. Talvez por isso, também tenham dificuldade em reconhecer o resultado de seu próprio trabalho. Assim, temos a constituição de um sujeito frágil, suscetível ao desencantamento com a profissão e desacreditado na formação de novos profissionais, que, não por acaso já iniciam a vida profissional, desencorajados frente aos obstáculos “seletivos” que o mercado lhes impõe.

É preciso a quebra, o rompimento do ciclo como está. Porém, isso só é possível a partir do momento em que o próprio sujeito o identifica como problema, antes disso não. Apenas quando o profissional de saúde docente perceber que, mesmo que pareça evidente, o cuidado de si é tão importante ou mais que o cuidar do outro.

Analisando as interfaces entre condição humana e o cuidado de si o trabalho, a obra e a ação se justapõem em vários momentos, e ainda a *vita activa* e o cuidado de si se relacionam e apresentam interfaces importantes quando investigada a saúde e o viver dos profissionais de saúde docentes.

Pessoas dedicadas ao trabalho e à variedade de atividades no âmbito da universidade; que se mantém a procura de novas atividades, que se ocupam do trabalho mesmo quando estariam livres, que tem dificuldade em conseguir tempo livre para descanso, e que se sentem parcialmente satisfeitas com seu trabalho e nele pouco reconhecidos, são *a priori* sujeitos que não conseguem e não possuem instrumentos para exercitar o cuidado de si. Sustentam essencialmente a vida biológica em seus ciclos e necessidades, trabalhando para suprir as demandas corporais do processo vital não sobrando tempo para refletir a própria vida, sobre a eleição da existência e sobre a maneira de regular as condutas em relação à vida. É aqui justamente que identifico a primeira interface entre a condição humana e o cuidado de si destes sujeitos, a saúde enquanto elemento essencial à *vita activa* e o viver.

A saúde é elemento que deve ser considerada no trabalho, mas principalmente na ação e na obra através de suas construções e resultados que permitem ou impedem ao sujeito tornar a si a forma de atenção e de olhar, modificando o modo de encarar as coisas, de estar no

mundo, de praticar ações e de ter relações com os outros. Outra interface em relação a saúde, porém de forma negativa, ocorre quando a centralidade da vida no trabalho impõe a doença e evidencia a negligência do cuidado de si.

É importante apontar que tanto o cuidado de si quanto as formas de subjetivação são situados no campo do trabalho, ou seja, entendemos o trabalho não somente como uma atividade correspondente ao artificialismo da existência humana, mas também como produtor de modos de ser, produtor de formas dos indivíduos se relacionarem consigo mesmos, que constitui um si, pelo qual se reconhecem, se observam.

Outra interface identificada em relação à saúde são as tecnologias do eu e as ações políticas que constituem a ação. Conforme já escrito anteriormente, o profissional de saúde está voltado às verdades que falam de cuidados com o outro, e que se assim como os gregos, também aplicamos a nós mesmos exercícios para o governo de si para melhor governar os outros segundo um conjunto de regras no que tange ao trabalho em saúde, as tecnologias do eu passam então a se constituírem em ações políticas. Ou, se por governo de si entende-se uma atividade voltada para os cuidados consigo mesmo para melhor governar/ cuidar dos outros, o ocupar-se consigo mesmo, o tornar-se objeto de si mesmo está em estreita relação com as atividades políticas e sociais (BERNARDES e GUARESCHI, 2004).

Ainda em relação à saúde, o corpo toma centralidade no trabalho e no ocupar-se de si. No que tange ao ocupar-se de si como elemento que sustenta o cuidado de si, os cuidados com o corpo e os exercícios físicos aparecem tanto como forma de cuidado e de ocupar-se como elemento de cuidado com a saúde e preparação para a rotina de trabalho. O trabalho e o corpo se misturam e co-existem. O corpo necessário e utilizado para o trabalho é aquele disciplinado com seu tempo medido e plenamente utilizado com suas forças aplicadas ao trabalho, ou seja, usado como ferramenta de trabalho.

O corpo que se mistura com o trabalho, concebido como manifestação da realidade existencial humana encarnada (o corpo-sujeito), deve ser compreendido em seu contexto, sua educação e a política que o formatam no interior de uma cultura, e as dimensões ética e estética que o atravessam. Segundo Fensterseifer (2006) se pensarmos corpo e saúde como equilíbrio tensionado pelo mundo, não podemos ignorar a condição humana, para a qual o ponto de equilíbrio é móvel, é histórico. Ser saudável, na relação corpo e trabalho, é equilibrar-se frente a mudanças constantes, é administrar a angústia e o estresse sem

desesperar, é assumir a plasticidade da condição humana e do mundo humano procurando evitar que este corpo sujeito entre em desequilíbrio.

Por fim, ou início, a condição humana e o cuidado de si dos profissionais de saúde docentes pode ser observada para que haja espaço comum entre a *vita activa* e o cuidado de si. Pode ser pensada por meio de cuidados que permitam o encontro da verdade sobre si e das necessidades objetivas da *vita activa*, com a escolha de atividades e técnicas que contemplem aspectos culturais, psicológicos e existenciais, de forma reflexiva e que resulte em possível acerto na escolha das práticas a serem realizadas na vida a ser vivida. O sujeito com saúde, vivendo e se movimentando em um mundo de variáveis cada vez maiores, portanto, as condições que sustentam a vida passam pela compreensão do cuidado de si, e inversamente, o cuidado de si somente é possível considerando as condições que sustentam a vida humana.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- AGOSTINHO, S.A **cidade de Deus**. Lisboa (Portugal): Fundação Gulbenkian; 1991.
- AMÂNCIO FILHO, A. Dilemas e desafios da formação profissional em saúde. **Interface - Comunic, Saúde, Educ**, v8, n15, p.375-80, mar/ago 2004.
- ANASTASIOU, L.G.C. (Org.); ALVES, L.P. **Processos de Ensino na Universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 3 reimpressão. Joinville, SC: UNIVILLE, 2004.
- ARENDT, H. **A Condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- _____. H. **A Condição Humana**. 11.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____. H. **A Dignidade da Política**. Trad. Helena Martins *et al.* Org. Antonio Abranches. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.
- _____. **H.O Que é Política?** 6.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- _____. H. Trabalho, obra, ação. **Cadernos de Ética e Filosofia Política** 7, 2/2005, p. 175-201. Tradução de Adriano Correia Revisão de Theresa Calvet de Magalhães.
- AVRELLA, S. **A defesa de Sócrates** – Diretamente do grego. 6. ed. Curitiba (PR): Editora Elenco; 2008.
- AYRES, J. R. C. M. Cuidado e reconstrução das práticas em saúde. **Interface- Comunic., Saúde, Educ.**, v.8, n.14, p.73-92, set.2003-fev. 2004.

_____. J. R. C. M. Sujeito, intersubjetividade e práticas de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.6,n.1, p.63-72. 2001.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 3. Ed. Lisboa/Portugal: EDIÇÕES 70, 2004.

_____. L. **Análise do Conteúdo**. 4. Ed. Lisboa/Portugal: EDIÇÕES 70, 2010.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. 3. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAUMAM, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. Z. **Vida Líquida**. 2.ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BERNARDES, A. G.; GUARESCHI, N. M. de F. Trabalhadores da Saúde Mental: Cuidados de Si e Formas de Subjetivação. **Psicologia USP**, 2004, 15(3), 81-101.

BERNARDES, J. **Hobbes e a liberdade**. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar Ed.; 2002.

BORGES, G. R.. Hannah Arendt e Michel Foucault: a liberdade como exercício político e ético. **CIÊNCIA & OPINIÃO**. Curitiba, v. 1, n. 2/4, jul. 2003/dez. 2004. Disponível em: http://cienciaeopinioao.up.edu.br/arquivos/cienciaeopinioao/File/volume2/CienciaeOpinioao2_art_6.pdf. Acesso em 18 de out 2011.

BRUSEKE, F.. Paris na América ou a condição humana e a modernidade (uma contribuição à sociologia fantástica). **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Nº 42 - Novembro 2002 (Série Especial).Disponível em: <<http://www.journal.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/2187>>. Acesso em 09 de nov 2007.

BUB, M.B.C.; MEDRANO, C.; SILVA, C.D.; WINK, S.; LISS, P.E.; SANTOS, E.K.A. A noção de cuidado de si mesmo e o conceito de

autocuidado. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2006; 15 (Esp): 152-7.

BULFINCH, T. **O Livro de Ouro da Mitologia**: (a idade da fábula) histórias de deuses e heróis. Ediouro Publicações S.A. 19ª Ed. Rio de Janeiro, 2001.

CASTRO, E. **El vocabulário de Michel Foucault**. Un recorrido alfabético por sus temas, conceptos y autores. Bernal: Prometeo I 3010 – Universidad Nacional de Quilmes; 2004.

_____. E. **Vocabulário de Foucault**: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CAVARERO, A.; BUTLER, J. “Condizione umana contro ‘natura’”. *Micromega*. Almanacco di Filosofia, Roma: Gruppo Editoriale L’Espresso, n. 4, p. 135-146, 2005. Tradução portuguesa de Selvino Assmann publicado em **Estudos Feministas**, Florianópolis, 15(3): 647-662, setembro-dezembro/2007.

CHOMSKY, N. DIETERICH, H. **A Sociedade Global**: educação, mercado e democracia. Blumenau: Ed. da FURB, 1999.

CORREA, A. **Hannah Arendt**. (Passo-a-passo;v.73) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

CRITELLI, Dulce. Consumo e Obediência: a desarticulação da liberdade. **PSICOLOGIA USP**. São Paulo. outubro/dezembro, 2008, 19(4), 477-486.

DONALD, M. **Origens do pensamento moderno**. Lisboa (Portugal): Fundação Calouste Gulbenkian; 1999. (Manuais universitários).

DUTRA, L.H.A. **Oposições filosóficas**: a epistemologia e suas polêmicas. Florianópolis (SC): Ed. da UFSC; 2005.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade (a Meneceu)**. São Paulo (SP): Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho; 1997.

FENSTERSEIFER, P. Corporeidade e formação do profissional na área da saúde. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas – SP: 2006;27(3):99.

FONSECA, M. A. da. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo. EDUC: 1995. Série Hipótese.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**, 3.: O cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. M. **História da Sexualidade**. A vontade de saber. 12. Ed. Rio de Janeiro, RJ : GRAAL, 1997.

_____. M. O uso dos prazeres e as técnicas de si. In: MOTTA, M.B. (Org.). **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a. (Ditos e escritos, 5).

_____. M. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

_____. M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. M. **Estratégia, poder-saber** (col. Ditos e Escritos vol. iv). 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. M. **Microfísica do poder**. 22. ed. Rio de Janeiro: GRAAL, 2006.

FRY, K. **Compreender Hannah Arendt**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Série Compreender).

GASTALDO, D. É a educação em saúde “saudável”? Repensando a educação em saúde através do conceito de bio-poder. In MERCADO, F. J.; GASTALDO, D.; CALDERÓN, C. (Org.). **Paradigmas y diseños de la investigación cualitativa en salud: Una antología iberoamericana**. Guadalajara, Jalisco, México: 2002. p. 345 – 373.

GROS, F. O cuidado de si em Michel Foucault in: RAGO, M.; VEIGANETO, A.(Orgs.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do Espírito**, Vols. I e II, Editora Vozes, Petrópolis, 1992.

HIRSCHBERGER, J. Santo Agostinho:O mestre do Ocidente. **História da Filosofia na Idade Média**. Fonte: Ed. Herder, 2009. Trad. Alexandre Correia. Disponível em:http://www.consciencia.org/filosofia_medieval4_santo_agostinho.shtml. Acesso em 06 de jan 2011.

HIRSCHBERGER, J. São Tomás de Aquino. **História da filosofia na idade média**. Fonte: Ed. Herder, 2010. Trad. Alexandre Correia. Disponível em:http://www.consciencia.org/filosofia_medieval19_sao_tomas_de_aquino.shtml. Acesso em 03 de jan de 2011.

HUISMAN, D. **Dicionário dos Filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3 ed, Jorge Zahar Editor:Rio de Janeiro, 2001.

LAENDER, N. R.. A construção do sujeito contemporâneo.**Cogito**[online]. 2004, vol.6, p. 81-83. ISSN 1519-9479.

LEIS, H. R. A Sociedade dos Vivos. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 5, nº 9, jan/jun 2003, p.340-353.

LENTSMAN, I. **A origem do cristianismo**.2.ed. s.l: Caminho; 1988.

MAGALHÃES,T. C. de.A Atividade Humana do Trabalho [*Labor*] em Hannah Arendt. **Revista Ensaio nº 14 (1985), pp. 131-168**. Disponível em:<http://www.fafich.ufmg.br/~tcalvet/index.html>. Acesso em 22 de mai. 2010.

MARCONDES, D. **Textos básicos de Filosofia: Dos Pré-Socráticos a Wittgenstein**. 5.ed. revista. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar Ed.; 2007.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 5. Ed. São Paulo: Atlas. 2002.

MATTEO, V. Di. Psicanálise e destinos da subjetividade na Contemporaneidade. **Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial**, Rio de Janeiro 2003. Disponível em http://www.estadosgerais.org/mundial.../4a_Matteo_92141003_port.pdf - Acesso em 09 de Nov 2010.

MINAYO, M. C. de S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cad. Saúde Pública** [online]. 1993, vol.9, n.3, pp. 237-248.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do Conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde, 10.ed. - São Paulo: Hucitec, 2007.

MOLA, Luis Guilherme Coelho. Fantasia e conhecimento: um estudo crítico preliminar. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 10, n. 2, 1999 . Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641999000200003&lng=en&nrm=iso. access on 13 Mar. 2011. doi: 10.1590/S0103-65641999000200003.

NARDI, H.C. **Ética, trabalho e subjetividade:** trajetórias de vida no contexto do capitalismo contemporâneo. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

NEVES, J. H. M. **A Ação Dialógica do Docente Contemporâneo na Construção da Identidade do Sujeito** (PARTE I). Dissertação de Mestrado. Mestrado em Ciências Pedagógicas. Instituto Superior de Estudos Pedagógicos, ISEP, Brasil. Disponível em <http://www.vivenciapedagogica.com.br/node/385> 14 Jul. 2006. Acesso em 31 de ago. 2011.

NIETZSCHE, F. **Assim Falava Zaratustra.** Tradução base de José Mendes de Souza Versão para eBook. eBooksBrasil.com, 2002.

_____. **F. Humano, demasiado humano.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

- OKSALA, J. **Como ler Foucault**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- OLIVEIRA, D. C. de. Análise de Conteúdo Temático-Categorial: Uma Proposta de Sistematização. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, 2008 out/dez; 16(4):569-76.
- OLIVEIRA, M. A. de. Os desafios da ética contemporânea. **Themis: Revista da ESMEC**, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 15-45, ago./dez. 2008. Disponível em: <<http://bdjur.stj.jus.br/dspace/handle/2011/26504>>. Acesso em: 17 dez. 2009.
- ORTEGA, F. Hannah Arendt, Foucault e a reinvenção do espaço público. **Revista Trans/Form/Ação**. São Paulo, 24: 225-236, 2001.
- ORTEGA, F. Biopolíticas da saúde: reflexões a partir de Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.8, n.14, p.9-20, set.2003-fev.2004.
- PEREIRINHA, F.. O sujeito contemporâneo. **Afreudite - Revista Lusófona de Psicanálise Pura e Aplicada**, América do Norte. Ano 5, Set. 2009. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/afreudite/article/view/792>>. Acesso em: 09 Nov. 2010.
- PLATÃO. **Alcebiades I**. Cadernos Culturais. Editorial Inquérito, Lda. Lisboa. Edição n.º 8 18 116/0069.
- _____. **Apologia de Sócrates – Banquete**. São Paulo (SP): Editora Martin Claret; 2006.
- PONDÉ, L. F.. **Contra Um Mundo Melhor**: ensaios do afeto. Editora Leya, 2010.
- RAMMINGER, T.; NARDI, H.C. Subjectivity and work: some conceptual contributions from Michel Foucault. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.12, n.25, p.339-46, abr./jun. 2008.
- REIS, H. **O pensamento contemporâneo**. Brasília (DF): Centro Universitário de Brasília – UniCEUB; 2006.

ROJAS, E. **O homem moderno: A luta contra o vazio**. São Paulo: Mandarim, 1996.

SCHÜLER, D. **Heráclito e seu (dis)curso**. São Paulo: Editora L&PM; 2000.

SILVA, L.R. Reglas de transcripción de entrevistas adaptadas para el proyecto "La enfermedad crónica en la vida diaria".Guadalajara, México. 1997-1998. Notas de aula.

SMITH P.J. **Ceticismo filosófico**. Curitiba: EPU, 2000.

SOARES, C.L.. Pedagogias do Corpo: Higiene, ginásticas, esporte. *in*: RAGO, M.; VEIGA-NETO, A.(Orgs.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

TOMÁS, A. **Verdade e conhecimento: Questões Disputadas Sobre a Verdade E Sobre o Verbo e Sobre A Diferença Entre a Palavra Divina e a Humana**. 1. ed. São Paulo (SP): Martins Fontes; 2002.

TORRES, A.P.R. O Sentido da Política em Hannah Arendt. **Revista Trans/Form/Ação**, São Paulo, 30(2): 235-246, 2007. Disponível em www.scielo.br/pdf/trans/v30n2/a15v30n2.pdf. Acesso em 22 de mai. 2010.

TREVISOL, J. **Amor, mística e angústia: Mistérios inevitáveis da vida humana**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

UNGIER, A. O mal-estar contemporâneo e a felicidade paradoxal. **XXII Congresso Brasileiro de Psicanálise**. Mesa Redonda – Eixo Social: “As compulsões como reflexo da ambigüidade das instituições sociais”. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: http://www.sbrj.org.br/site/admIN/upload/arquivos/Aida_Ungier_-_O_mal-estar_contemporaneo_e_a_felicidade_paradoxal.pdf. Acesso em 09 de Nov 2010.

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ (UNIVALI): **A trajetória do ensino superior em Itajaí e Santa Catarina: 1964-2004**. Universidade do Vale do Itajaí: 2005.

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ (UNIVALI): **Pró-Reitoria de Ensino** (ProEn)- Gerência de Ensino e Avaliação (GEA). Projeto Pedagógico do Curso de Fisioterapia, 2010.

APÊNDICE A - Instrumento De Coleta De Dados**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
DOUTORADO EM ENFERMAGEM****INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS****DADOS DE IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO**

1. Iniciais do nome: _____ 2. Idade: _____
3. Sexo: _____
4. Naturalidade _____ 5. Estado Civil: _____
6. Formação profissional na área da saúde: _____

DADOS REFERENTES À SITUAÇÃO DE TRABALHO

- 7 Carga horária de trabalho total nesta universidade atualmente:

8. Carga horária de trabalho média na universidade nos últimos cinco anos: _____
9. Tempo de atuação como profissional na área da saúde (em anos): _____
10. Tempo total de docência na área da saúde (em anos): _____
11. Tempo de docência nesta Universidade: _____
12. Que/Quais tipo(s) de aula e/ou atividades realiza nesta Universidade atualmente:

13. Realizou formação pedagógica para atuação como docente no ensino superior? _____

14. Sua atuação na atualidade é:

() só na docência () na docência e na área profissional específica de formação.

QUESTÕES REFERENTES A CONDIÇÃO HUMANA E AO CUIDADO DE SI

15. Você poderia me contar como foi o momento que você escolheu ser professor (a)?

16. Como organiza seu tempo durante um dia de trabalho?

17. Você consegue perceber e me dizer qual é o resultado do seu trabalho?

18. Fale-me como está sua saúde?

19. Como organiza seu tempo durante um dia de descanso?

20. Como você cuida de si? Ou Como é o seu cuidado de si?

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
DOCTORADO EM ENFERMAGEM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

Idade: _____) Sexo: _____

Telefone para contato:(_____) _____

Naturalidade _____

RG: _____ Estado Civil: _____

Você esta sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: “A condição Humana e o Cuidado de Si de Profissionais de Saúde Docentes”, realizada pela doutoranda Luciana de Oliveira Gonçalves, orientada pela professora Dra. Maria Bettina Carmago Bub, vinculadas ao Curso de Doutorado em Enfermagem - Área de Concentração: Filosofia, Saúde e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, da Universidade Federal de Santa Catarina. A pesquisa tem como objetivo geral compreender a condição humana e o cuidado de si dos profissionais de saúde docentes e como objetivos específicos: caracterizar os profissionais de saúde docentes; identificar como se estabelece as atividades que sustentam a condição humana destes sujeitos; quais as práticas e técnicas de cuidado de si os profissionais de saúde docentes se utilizam; conhecer o significado do cuidado de si destes sujeitos; analisar as interações entre a condição humana e o cuidado de si destes sujeitos; compreender como se reflete o cuidado de si na prática profissional destes sujeitos como formadores em saúde.

Você responderá uma entrevista previamente validada, não receberá nenhum tipo de pagamento ou contra partida para a participação, sendo ela voluntária, assim como pode a qualquer momento

se desejar, solicitar sua revogação ou não participação neste estudo sem que nenhum ônus lhe incorra. Suas respostas serão gravadas em gravador de voz digital e posteriormente serão transcritas para análise dos dados conforme metodologia específica - análise do conteúdo.

Os resultados deste estudo serão divulgados após a conclusão do trabalho através da publicação de artigos, desenvolvidos pela pesquisadora responsável em conjunto com a orientadora.

É importante ressaltar que durante o trabalho você não estará sujeito a riscos ou desconfortos, e que seus dados pessoais serão mantidos sigilosamente e usados apenas para a realização da pesquisa, não sendo de forma alguma revelada sua identificação.

Pedimos a sua assinatura neste consentimento, para confirmar a sua compreensão em relação a este convite, e sua disposição a contribuir na realização do trabalho, em concordância com a resolução CNS nº 196/96 que regulamenta a realização de pesquisas envolvendo seres humanos.

Itajaí, _____ de _____ de 2010.

Nome por extenso

Assinatura (de acordo)

Pesquisadora Luciana de Oliveira Gonçalves
Telefone para contato:

Orientadora Profª Dra. Maria Bettina Camargo Bub
Telefone para contato: